

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

RUY BARBOSA	A questão social e política no Brasil	381
MARTIM FRANCISCO	Viajando (IX)	422
OTHONIEL MOTTA	Bossoróca	431
HENRIQUE GEENEN	José Ingenieros	440
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda (VI).	449
CARVALHO ARANHA	Versos	458
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no norte do Brasil (IV).	462
AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY	Um album de Elisa Lynch (IV).	466
ANTONIO MAURO	Língua vernacula	473
TANCREDO PAIVA	Notas de um livreiro	475
FIRMINO COSTA	Vocabulario analógico	477
REDACÇÃO	Bibliographia	480
	Resenha do mez	491

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 40-ANNO IV — VOL. X — ABRIL, 1919

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DA BOA VISTA, 52
SAO PAULO • Brazil

RESENHA DO MEZ: Amadeu Amaral (*Redacção*) — Humour (*Sud Mennucci*) — A favor da lingua portuguesa (*John C. Branner*) — Psichiatria (*Dr. Franco da Rocha*).

ILLUSTRACÕES: Quadros de Zimmermann — Gravuras antigas. — Caricaturas do mez.

REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES**

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **José Maria Bello**

Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira**, Bello Horizonte.

Pernambuco: **Mario Sette**, Recife.

Bahia: **J. de Aguiar Costa Pinto**, S. Salvador.

Ceará: **Antonio Salles**, Fortaleza.

R. Grande do Sul: **João Pinto da Silva**, P. Alegre.

Paraná: **Seraphim França**, Corityba.

Amazonas: **João Baptista de Faria e Souza**, Manàos

Rio Grandé do Norte: **Henrique Castriciano**, Natal

ASSIGNATURAS

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Seis mezes.	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400-
por anno

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1 1/2 WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mfg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4
TELEPHONE, 745-central * S. PAULO

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10-S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO :
"ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depositos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres .	SEGUROS CONTRA FOGO
J. B. White & Bros. Ltd.. Londres .	CIMENTO
Wm. Pearson Ltd., Hull	CREOLINA
T. B. Ford Ltd., Loudwater	MATABORRÃO
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres .	CHÁ DA INDIA
Read Bros. Ltd., Londres	CERVEJA GUINNESS
Andrew Usher & Co., Edinburgo .	WHISKY
J. Bollinger, Ay Champagne	CHAMPAGNE
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	TINTAS PREPARADAS
Major & Co. Ltd., Hull	PRESERVATIVO DE MADEIRAS
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres .	DYNAMITE
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . .	GESO ESTUQUE
P. Virabian & Cie., Marselha . . .	LADRILHOS
Platt & Washburn, Nova York . . .	OLEOS LUBRIFICANTES
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	FERRO EM BARRA E EM CHAPAS

Unicos depositarios de

Sal legitimo extrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO,, em cartu-
chos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

MAPPIN STORES
SOCIÉDADE ANONYMA INGLEZA

O porta-livros “MAPPIN”

*Como se deve comprar um
porta-livros.*

Começa-se com 3 ou mais «units»
e quando já estão cheios, aug-
menta-se simplesmente com
um outro «unit».



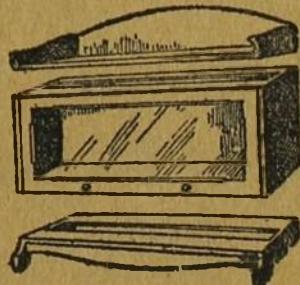
PREÇOS :

Para tres “UNIT,”
montados, confor-
me o cliché acima,
106\$000.

“UNIT,” avulso . .
27\$000.

Base e cornija. . .
25\$000.

NATURAL
OU PRETO



*Temos uma grande
quantidade em “stock,”
para entrega immediata*

Mappin Stores

RUA 15 DE NOVEMBRO, 26 - SÃO PAULO

Pereira Ignacio & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nessa Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway),

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO. CRÙS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes lócalidades, todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboa, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESRIPTORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones 1536, 1537, 5296-central :: Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida Agua Mineral

PLATINA

COGNOMINADA A VICHY BRASILEIRA — A MELHOR AGUA DE MESA — ACÇÃO MEDICINAL — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza

VENDIDA em GARRAFAS ESCURAS

AGUA TONICA ANTI-FEBRIL

Approved pelo Instituto Sanitario federal
Preparada pelo
Farmaceuta SILVA ARAUJO

AGUA INGLEZA

N.B.-A cada garrafa acompanha um copinho de medida

RECONSTITUINTE
FEBRIL E ESTOMACAL



JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

S. PAULO

Caixa Postal, 458

SEMENTES.

PLANTAS.

BOUQUETS.

DECORACÕES

TELEPHONES:

Chacara, cid. 1006

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem.

FILIAL:

Campinas 
Guanabara

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

PEÇAM CATALOGOS

CASA DE SAUDE

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
MOLESTIAS NERVOAS E MENTAIS

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio do Juquery
Medico interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio do Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separaçao completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, for-
nece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a admi-
nistraçao de Irmãos de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello,
proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

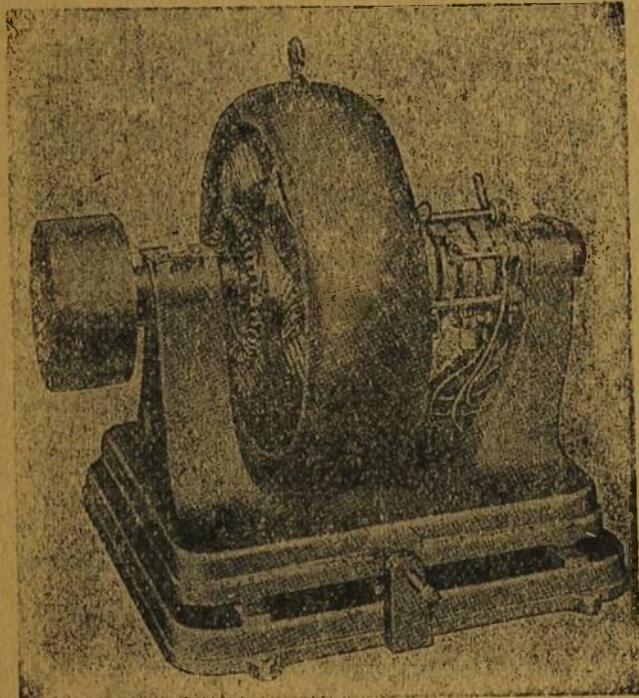
Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

Procurem o
monogramma



é a garantia

A electricidade ao alcance de todos.



Possuimos em stock para entrega immediata:

Geradores de corrente alternada Triphasicos - 60 cyclos-1800 Rpm 220 Volts.

De 7 1/2-15 e 25 klowatts.

Proprios para illuminação de pequena cidade ou fazendas.

PEÇAM CATALOGOS MENCIONANDO O NUMERO 5005 :

Cia. General Electric do Brasil (Inc.)

São Paulo

*RUA BOA VISTA, 9
Telep. cent.-4985 e 4986*

CAIXA, 547

Rio de Janeiro

*RUA S. PEDRO, 126
Telep. norte-4299 e 4300*

CAIXA, 109

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

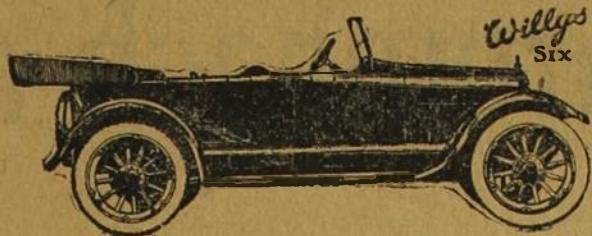
Capital Subscripto .	£ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ Realisado .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de Reserva .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicais, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

OFFICINAS E GARAGE MODELO
A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS

Deposito permanente dos Pneumaticos
“FISK”

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA COM
RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL
ESRIPTORIO N. 3479 — GARAGE N. 411
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: “ALDICAR”

RUA 7 DE ABRIL N. 38
Avenida São João, 18 e 20
Canto Libero Badaró

S. PAULO

CASA FRANCEZA
— **DE** —
L. Grumbach & C.

RUA SÃO BENTO, 89 e 91
S. PAULO

CASA MATRIZ EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

*Louças, Vidros, Crystaes, Por-
cellana, Objectos de Arte para
Presentes, Baterias de Cosinha*



*VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
IMPORTAÇÃO DIRECTA*

INDICE GERAL do VOLUME X

Numero 37-25 de Janeiro de 1919

UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE, Sud Mennucci	3
VIAJANDO (VI), Martim Francisco	11
PSYCHOLOGIA PEDAGOGICA, Ugo Pizzoli	32
PAIZ DE OURO E ESMERALDA (II), J. A. Nogueira.	44
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (II), Affonso d'Escragnolle Taunay .	47
VERSOS, Salles Campos	55
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL, Francisco Iglesias	59
SEM REPLICA NEM TREPLICA, Othoniel Motta	72
O CHAPEU DE SOL, Tristão da Cunha	76
A' MARGEM DE UM LIVRO, A. Amoroso Lima	83
IMPRESSÕES DE VIAGEM, Porfirio Soares Neto	88
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	99
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	102
RESENHA DO MEZ, Redacção	106

Numero 38-25 de Fevereiro de 1919

O MOMENTO, Redacção	133
UM CONFRONTO INFELIZ, Breno Ferraz do Amaral	135
VIAJANDO (VII), Martim Francisco	140
O CASO DO TOMBO, Monteiro Lobato	155

REVISTA DO BRASIL

UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE (II), Sud Mennucci	161
UM TRABALHO INÉDITO, Orvile A. Derby	171
PAIZ DE OURO E ESMERALDA (III), J. A. Nogueira	177
VERSOS, Maria Eugenia Celso e Carlos Magalhães de Azeredo	184
O COLIBRI, Léo Vaz	193
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL (II), Francisco Iglesias	196
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (III), Affonso d'Escragnolle Taunay	202
IMPRESSÕES DE VIAGEM, Porfirio Soares Neto	208
LINGUA VERNACULA, Antonio Mauro	217
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	220
ARTES E ARTISTAS, Redacção	223
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	227
RESENHA DO MEZ, Redacção	233

Número 39-25 de Março de 1919

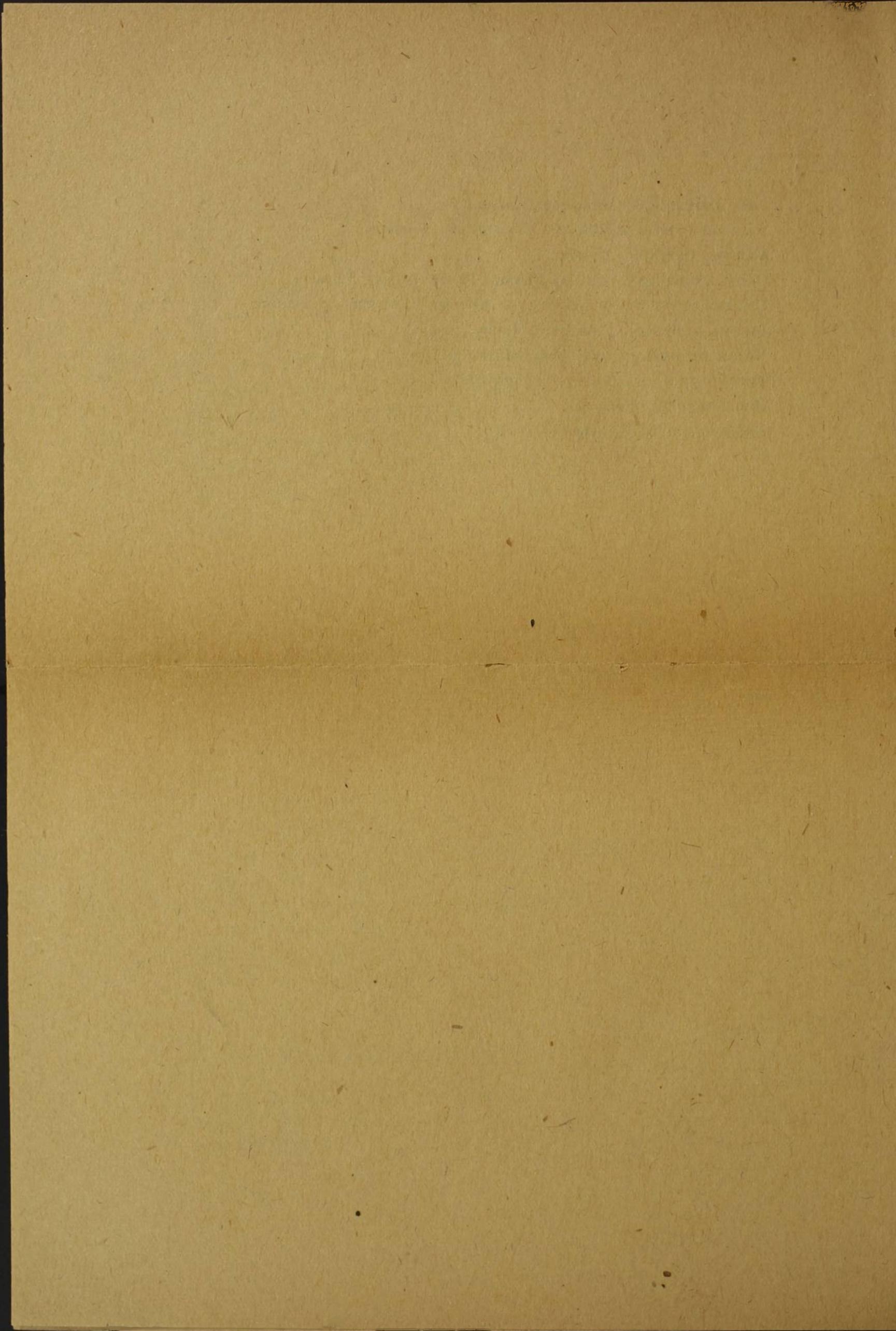
A'S CLASSES CONSERVADORAS, Ruy Barbosa	255
IMPRESSÕES DE VIAGEM, Porfirio Soares Neto	289
VERSOS, Heitor de Moraes, Manoel de Azevedo e Rodrigo Octavio Filho	296
A AMERICA E A GUERRA, Helio Lobo	301
PERLUSTRAÇÕES MEDICAS, Renato Kehl	305
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL (III), Francisco Iglesias	311
O FIGADO INDISCRETO, Monteiro Lobato	315
VIAJANDO (VIII), Martim Francisco	321
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (IV), Affonso d'Escragnolle Taunay	339
NOTAS DE UM LIVREIRO, Tancredo Paiva	344
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	349
ARTES E ARTISTAS, Redacção	346
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	353
RESENHA DO MEZ, Redacção	362

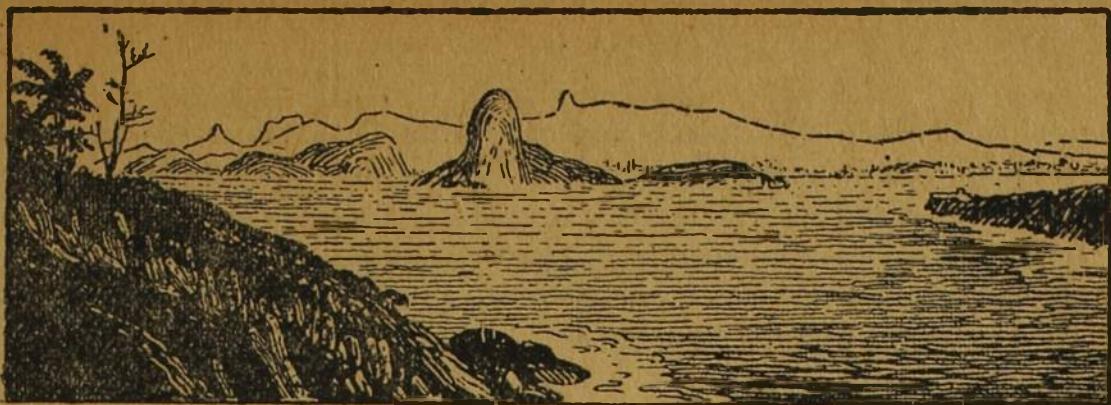
Número 40-25 de Abril de 1919

A QUESTÃO SOCIAL E POLÍTICA NO BRASIL, Ruy Barbosa	381
VIAJANDO (IX), Martim Francisco	422
BOSSORÓCA, Othoniel Motta	431

INDICE

JOSÉ INGENIEROS, Henrique Geenen	440
PAIZ DE OURO E ESMERALDA (VI), J. A. Nogueira	449
VERSOS, Carvalho Aranha	458
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL (IV), Francisco Iglesias	462
UM ALBUM DE ELISA LYNCH (V), Affonso d'Escragnolle Taunay	466
LINGUA VERNACULA, Antonio Mauro	471
NOTAS DE UM LIVREIRO, Tancredo Paiva	475
VOCABULARIO ANALOGICO, Firmino Costa	477
BIBLIOGRAPHIA, Redacção	480
RESENHA DO MEZ, Redacção	491





RUY BARBOSA

A QUESTÃO SOCIAL E POLITICA NO BRASIL

Conferencia pronunciada a 20 de Março,
no Theatro Lyrico do Rio de Janeiro. 

Senhores :

Conheceis, porventura, o Jeca Tatú, dos "Urupês", de Monteiro Lobo, o admiravel escriptor paulista? Tivestes, algum dia, occasião de ver surgir, debaixo desse pincel de uma arte rara, na sua rudeza, aquelle typo de uma raça, que, "entre as formadoras da nossa nacionalidade", se perpetua, "a vegetar, de cócaras, incapaz de evolução e impenetravel ao progresso"?

Jeca Tatú

Solta Pedro I o grito do Ypiranga. E o caboclo, em cócaras. Vem, com o 13 de Maio, a libertaçao dos escravos; e o caboclo, de cócaras. Derriba o 15 de Novembro um throno, erguendo uma Republica; e o caboclo, acocorado. No scenario da revolta, entre Floriano, Custodio e Gumercindo, se joga a sorte do paiz, esmagado quatro annos por "Incitatus"; e o caboclo ainda com os joelhos á boca. A cada um desses baques, a cada um desses estrondos, soergue o torso, espia, coça a cabeça, "magina", mas volve á modorra e não dá pelo resto.

De pé, não é gente. A não ser assentado sobre os calcanhares, não desemperra a lingua, «nem ha de dizer cousa com cousa». A sua biboca de sapé faz rir aos bichos de toca. Por cama «uma esteira espiada». Roupa, a do corpo. Mantimentos, os que junta aos cantos da sordida arribana. O luxo do toucinho pendente de um gancho á cumieira. A' parede, a pica-pá, o polvarinho de chifre, o rabo de tatú e, em páraraio,

as palmas bentas. Si a cabana racha, está de «janellinhas abertas para o resto da vida». Quando o colmo do tecto, alluido pelo tempo, escorre para dentro a chuva, não se veda o rombo; basta aparar-lhe a agua num gamello. Desaprumando-se os barrotes da casa, um santo de mascal, grudado á parede, lhe vale de contraforte, embora, quando ronca a trovoada, não deixe o dono de se julgar mais em seguro no ôco de uma arvore visinha.

O matto vem beirar com o terreirinho nú da palhoça. Nem flores, nem frutas, nem legumes. Da terra, só a mandioca, o milho e a canna. Porque não exige cultura, nem colheita. A mandioca «sem vergonha», não teme formiga. A canna dá a rapadura, dá a garapa, e assucára, de um rolête espremido a pulso, a cuia do café.

Para Jeca Tatú «o acto mais importante da sua vida é votar no governo». «Vota. Não sabe em quem. Mas vota». «Jeca por dentro rivalisa com Jeca por fóra. O mobiliario cerebral vale o do casebre». Não tem o sentimento da patria, nem, siquer, a noção do paiz. De «guerra, defesa nacional, ou governo» tudo quanto sabe, se reduz ao pavor do recrutamento. Mas, para todas as doenças, dispõe de meisinhas prodigiosas como as idéas dos nossos estadistas. Não ha bronchite, que resista ao cuspir do doente na boca de um peixe, solto, em seguida, agua abaixo. Para brotoeja, cozimento de beiço de pote. Dôr de peito? «O porrete é jasmin de cachorro». Parto difficult? Engula a cachôpa tres caroços de feijão mouro, e «vista no avesso a camisa do marido».

Um fatalismo cego o acorrenta á inercia. Nem um laivo de imaginação, ou o mais longinquo rudimento d'arte, na sua imbecilidade. Mazzorra e soturna, apenas rouqueja lugubres toadas. «Triste como o curiango, nem siquer assobia». No meio da natureza brasileira, das suas cadatupas de vida, sons e colorido, «é o sombrio urupê de pão pôdre, a modorar silencioso no recesso das grotas. Não fala, não canta, não ri, não ama, não vive.»

Não sei bem, senhores, si no tracejar deste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piraquara do Parahyba e a degenerescencia innata da sua raça. Mas a impressão do leitor é que, neste symbolo de preguiça e fatalismo, de somnolencia e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviencia e hebetamento, o genio do artista, reflectindo alguma cousa do seu meio, nos pincelou, consciente ou inconscientemente, a synthese da concepção, que têm, da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram.

A visão dos manda-chuvas

Si os pêcos manda-chuvas deste sertão mal roçado, que se chama Brasil, o considerassem habitado, realmente, de uma raça de homens, evidentemente não teriam a petulancia de o governar por meio de farçanterias, como a com que acabam de arrostar a opinião nacional e a opinião internacional, atirando á cara da primeira o acto de mais vio-

lento despreso, que nunca se ousou contra um povo de mediana consciencia e qualquer virilidade.

Para animar esses gosadores inveterados nas covardias do egoismo a esse rasgo de intrepidez contra os sentimentos de uma nação inteira, justamente quando esses sentimentos se estão patenteando com toda esta intensidade, havemos de suppôr que o peso de se encontrarem com um paiz de resignação illimitada e eterna indifferença os acostumou a verem nos seus conterraneos a cablocada lerdaça e tardonha da familia do heróe dos Urupês, a raça despatriada e lôrpa, que vegeta, como os lagartos, ao sol, na madraçaria e lombeira dos campos descultivados.

O que elles vêem, succedendo á edade embryonaria do colono, dobrado ao jugo dos capitães móres; o que elles vêem, seguindo-se á época tenebrosa do africano vergalhado pelo relho dos negreiros, é o periodo banzeiro do autochtone, cedido pela catechese dos missionarios á catechese dos politiqueiros, lanzudo ainda na transição mal amanhada e susceptivel, pelo seu baixo hybridismo, das bestialisações mais imprevistas.

Eis o que elles enxergam, o que elles têm por averiguado, o que os seus actos dão por liquido no povo brasileiro: uma ralé semi-animal e semi-humana de escravos de nascença, concebidos e gerados para a obediencia, como o muar para a albarda, como o suino para o chiqueiro, como o gorilha para a corrente; uma raça cujo cerebro ainda se não sabe se é de banana, ou de mamão, para se empapar de tudo o que lhe imbutam; uma raça cujo coração ainda não se estudou si é de cortiça, ou de borracha, para não guardar móssa de nada, que o contunda; uma raça, cujo sangue seja de sanie ou de lodo, para não sair jámais da estagnação do charco, ou do esphacelo da grangrena; uma raça, cuja indole não participe, siquer, por alguns instintos nobres ou uteis, dos gráos superiores da animalidade.

De outra sorte não poderia succeder que, precisamente quando se trata do acto mais vital de uma nação, a escolha da cabeça do seu governo, seja essa nação a que se elimine, para exercer as suas vezes o lendeaço dos seus parasitas. De outro modo não se conceberia que, justamente quando os mais obdurados e truculentos despotismos do mundo rolam pelo chão arrastando na quēda os mais velhos thronos e as dynastias mais poderosas, aqui, tres ou quatro moirões de lenho pôdre até o cerne, se ponham rosto a resto com todas as expressões do sentimento publico, e as levem de vencida. De outra maneira não se explicaria que, exactamente quando se annunciava aos quatro ventos um movimento de regeneração dos costumes politicos, empenhados em corresponder á grandeza das difficuldades com a grandeza dos exemplos, tudo se resolvesse na comedia mais ignobil, de que nunca foi testemunha a nossa historia. Não, senhores, de outro geito não se explicaria que, quando todas as nações andam á competencia, no campo da honra, em dar, qual a qual mais, em modelos ao universo attento, os seus maiores homens, as suas maiores accções e as suas maiores qualidades, a politica

brasileira elegesse este momento, para assombrar o mundo com a sua inveja, a sua tacanharia, a sua corrupção e a sua cegueira; para juntar, aos olhos do estrangeiro, numa só scena, como representação da nossa mentalidade e da nossa moralidade, um concurso de individuos, vicios e opprobios, que obrigariam a corar o mais desgraçado e o menos sensível retalho da humanidade.

O Brasil não é isso

Mas, senhores, si é isso o que elles vêm, será isto, realmente, o que nós somos? Não seria o povo brasileiro mais do que esse especimen do caboclo mais desasnado, que não se sabe ter de pé, nem mesmo se senta, conjunto de todos os estigmas da calaçaria e da estupidez, cujo voto se compre com um rolete de fumo, uma andaina de sarjão e uma vez de aguardente? Não valerá realmente mais o povo brasileiro do que os conventilhos de advogados administrativos, as quadrilhas de corretores politicos e vendilhões parlamentares, por cujas mãos corre, barateada, a representação da sua soberania? Deverão, com efeito, as outras nações, a cujo grande conselho comparecemos, medir o nosso valor pelo dessa troça de escaladores do poder, que o julgam ter conquistado, com a submissão de todos, porque, num lance de roleta viciada, empalaram a sorte, e varreram a mesa?

Não. Não se engane o estrangeiro. Não nos enganemos nós mesmos. Não! O Brasil não é isso. Não! O Brasil não é o socio de club de jogo e de pandega dos vivedores, que se apoderaram da sua fortuna, e o querem tratar como a libertinagem trata as companheiras momentaneas da sua luxuria. Não! O Brasil não é esse ajuntamento collectivo de criaturas taradas, sobre que possa correr, sem a menor impressão, o sopro das aspirações, que nesta hora agitam a humanidade toda. Não! O Brasil não é essa nacionalidade fria, deliquescente, cadaverizada, que receba na testa, sem estremecer, o carimbo de uma camarilha, como a messalina recebe no braço a tatuagem do amante, ou o calceta, no dorso, a flor de liz do verdugo. Não! O Brasil não aceita a cova que lhe estão cavando os cavadores do Thesouro, a cova onde o acabariam de roer até os ossos os tatús-canastras da politicalha. Nada, nada disso é o Brasil.

O que é o Brasil

O Brasil não é «isso». E' «isto». O Brasil, senhores, sois vós. O Brasil é esta assembléa. O Brasil é este comicio immenso, de almas livres. Não são os commensaes do erario. Não são as ratazanas do Thesouro. Não são os mercadores do parlamento. Não são as sanguesugas da riqueza publica. Não são os falsificadores de eleições. Não são os compradores de jornaes. Não são os corruptores do systema republicano. Não são os oligarchas estaduaes. Não são os ministros de tarracha. Não são os presidentes de palha. Não são os publicistas de aluguer. Não são os estadistas de impostura. Não são os diplomatas de marca estrangeira. São as cellulas activas da vida

nacional. E' a multidão que não adula, não teme, não corre, não recúa, não deserta, não se vende. Não é a massa inconsciente que oscilla da servidão á desordem, mas a cohesão orgânica das unidades pensantes, o oceano das consciências, a mole das vagas humanas, onde a Providência acumula reservas inesgotáveis de calor, de força e de luz para a renovação das nossas energias. E' o povo, num desses movimentos seus, em que se descobre toda a sua majestade.

As verdadeiras majestades

A's majestades da força nunca me inclinei. Mas sirvo ás do direito. Sirvo ao merecimento. Sirvo á razão. Sirvo á lei. Sirvo á minha pátria. São essas as que eu reconheço neste mundo, e é uma dellas a com que em vós me encontro neste momento.

Não porque sejaes o numero. Não porque sejaes a torrente. Não porque sejaes a catarata. Não porque sejaes o poder incoercível. Mas porque sois a barreira do poder. Mas porque sois o reservatório da vida. Mas porque sois a caudal saneadora. Mas porque sois a somma das actividades, que constituem o trabalho, a união dos que não se nutrem do cíbedal alheio, o mundo limpo, claro e são dos que não têm que esconder o de que vivem.

Operários brasileiros, que viestes hoje a mim, que me honraes com o desejo de me ouvir, que me estaes dando a vossa atenção, a importância do elemento que representaes cresce a olhos vistos, dia a dia, mas não principalmente, por irdes crescendo em numerosidade, não por engrossardes em vulto, não por augmentardes em materialidade bruta; sim porque vos elevaes em inteligência; sim porque melhoraes em moralidade; sim porque vos desenvolveis no sentimento de vós mesmos, do vosso valor no meio dos outros factores sociaes, das vossas necessidades, na cultura desse valor. Os homens não se governam pela inconsciencia do peso, mas pelo peso da consciencia.

Quantidade e qualidade

Quereis ver, de um relance, a distancia entre a inconsciencia do peso e o peso da consciencia? Comparaes, nesta guerra ainda mal apagada, nesta guerra cujo rescaldo chamaeja ainda, comparaes ahi essa Belgica de oito milhões de almas com aquella Russia de cento e oitenta milhões de homens; e vede como saíram as duas do embate com os gigantes da força. Apesar de mal organisada, uma era um colosso militar. Não minguavam aos milhões dos seus exercitos os mais bravos soldados e os generaes mais brilhantes. Mas, a corrupção, a ignorância e o fanatismo haviam quebrado as molas moraes ao seu governo, á sua sociedade, ao seu povo; e o monstro armado, cuja immensidade se levantava como a de um Goliath nas esplanadas da luta, ruiu, juncando hoje o sólo dos seus destroços, combatentes uns com os outros, sob o domínio da miseria, da fome, da anarchia, meneados por dous agen-

tes estrangeiros; ao passo que a Belgica, arcando com a invasão até o ultimo instante, exausta quasi até á derradeira gotta do seu sangue, hóspeda numa capital emprestada, atravessa invencivel a sua via dolorosa, e resurge do seu Calvario, laureada, gloriosa, divina, com a sua nacionalidade intacta, o seu prestigio multiplicado, as raizes do seu futuro borbotantes de seiva. Tanto vae, senhores, do ser grande pela quantidade a ser grande pela qualidade.

Considerae qual das duas condições haveis de escolher, operarios brasileiros. Uma acaba desaggregada pelas circumstancias da sua inferioridade. A outra, sustentada pela excellencia do seu caracter, resiste a todas as provas, e de cada uma se desembaraça avantajada.

Adulaçao e amizade

Todas as grandezas, senhores, todas as grandezas são aduladas. A vossa tem tambem os seus cortezãos; e nenhum delles se deve mais arrecear, pois é, de todas, a mais nova, a mais inexperiente, a mais desacautelada, e, pelo generoso dos seus impulsos a mais susceptivel de cair nos laços da tentação, quando ella embebe a linguagem na côr dos sentimentos nobres. Em mim bem sabeis que não ides ter um cortejador; mas, si vos mereço justiça, deveis estar certos de que podeis contar com um amigo.

O trabalho

Ha na vossa grandeza um condão para attrahir os que se não rendem a outras: é que é a grandeza do trabalho. O trabalho não é o castigo: é a santificação das creaturas. Tudo o que nasce do trabalho, é bom. Tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo. Tudo o que se assenta no trabalho, é util. Por isso a riqueza, por isso o capital, que emanam do trabalho, são, como elle, providenciaes; como elle, necessarios, bemfazejos como elle. Mas já que do capital e da riqueza é manancial o trabalho, ao trabalho cabe a primazia incontestavel sobre a riqueza e o capital.

Lincoln não era um deimagogico, não era um revolucionario, não era um agitador popular. Era o presidente da grande Republica norte-americana durante a mais tremenda crise da sua historia; e o consenso geral da posteridade o sagra, hoje, como o maior genio de estadista que a tem governado. Pois Lincoln, senhores, não duvidava reinvidicar, numa das suas mensagens ao Congresso Nacional, em dezembro de 1861, a preeminencia do trabalho aos outros factores sociaes.

«O trabalho — dizia elle — precede ao capital, e deste não depende. O capital não é senão um fruto do trabalho, e não chegaria nunca a existir, se primeiro não existisse o trabalho. O trabalho é, pois, superior ao capital, e merece consideração muito mais elevada».

Trabalho e escravidão

Exprimindo este sentir, muito mais generalizado actualmente no seio dos Estados Unidos que ha sessenta annos, quando o grande homem de Estado o enunciava de tão alto, Lincoln falava como quem aprendera a conhecer o trabalho, arcando com o seu maior inimigo, a propriedade servil. Foi ahi, foi nessa rude escola, foi com essa experiência dolorosa, que tambem aprendemos a estimá-lo, e amá-lo os abolicionistas brasileiros.

Quando o coração me começou a vibrar dos sentimentos, que me têm enchedo a vida, o trabalho arfava acorrentado á rocha da escravidão, onde lhe dilacerava as entradas o abutre da cobiça deshumana. No dia em que o raio de Deus fundiu aquellas cadeias, bem sentimos nós outros, os que havíamos buscado collaborar na obra da Providencia, a de antando-lhe a data, que de sobre o granito, onde se acabavam de partir os grilhões da raça captiva, se erguia um poder novo, um poder entre nós desconhecido, o poder, ainda inconsciente, do trabalho regenerado.

Dentre os que tínhamos levantado o picão ou o camartello contra o penedo, a que se chumbava a instituição maldita, cada qual estreitava ao peito as lembranças do seu contingente para a campanha em que entrara. O meu fôra modesto. Mas abrangea tudo o que eu podia. Com ella me estreei na tribuna popular, academico ainda, encetando-a com a primeira conferencia abolicionista, que se ousou em S. Paulo. Depois, a minha penna, a minha palavra deram a essa causa o melhor do meu ser, e dessa causa receberam o melhor das inspirações. Tive a honra de ser o autor do projecto Dantas, de escrever, em sua sustentação, o parecer das comissões reunidas, de ser, na Camara dos Deputados, o seu orgam e bandeira, de me ver derrotado por amor delle nas eleições subsequentes, de reivindicar para a consciencia da Nação Brasileira o merito do acto da redempção, de incorrer nas ameaças da celebre guarda negra, de não faltar nunca, nos momentos mais arriscados, com uma devoção, que nunca se desmentiu, e que não quiz nem teve jámais a troco de todos os serviços, outro interesse ou paga, senão perigos, odios e vinganças.

A raça libertada

Estava liberto o primitivo operariado brasileiro, aquelle a quem se devia a criação da nossa primeira riqueza nacional. Terminava o martyrio, em que os obreiros dessa construcção haviam deixado, não só o suor do seu rosto e os dias da sua vida, mas todos os direitos da sua humanidade, contados e pagos em opprobios, torturas e agonias.

Mas que fizeram dos restos da raça resgatada os que lhe haviam sugado a existencia em seculos da mais improba oppressão? Nessas ruinarias havia ainda elementos humanos. De envolta com as gerações exhaustas, que o tumulo esperava, estavam as gerações validas, umas em plena virilidade, outras vencendo a adolescencia, outras abrolhando,

nascentes ainda, no meio das ruinas da sua ascendencia extermínada. Que movimento de caridade tiveram por esses destroços humanos os arbitros do bem e do mal nesta terra ? A responsabilidade não é da monarchia, que expirou ao outro dia da abolição. A responsabilidade não pode ser tambem do governo provisorio, que em só quatorze mezes teve de liquidar um regimem e erigir outro. Mas ao governo revolucionario succederam vinte e nove annos de Republica organisada, com oito quadriennios presidenciaes de omnipotencia, quasi todos em calmaria pôdre. Que conta darão a Deus esses governos, senhores, de tudo o que ambicionaram, poderosos para tudo o que quizeram, livres em tudo o de que cogitaram, — que contas darão a Deus da sorte dessas gerações, que a revolução de 13 de Maio deixou esparsas, abandonadas á grosseria originaria, em que a criara e abrutara o captiveiro ?

Era uma raça que a legalidade nacional estragara. Cumpria ás leis nacionaes acudir-lhe na degradação, em que tendia a ser consumida, e se extinguir, si lhe não valessem. Valeram-lhe ? Não. Deixaram-n'a estiolar nas senzalas, de onde se ausentara o interesse dos senhores pela sua antiga mercadoria, pelo seu gado humano de outr'ora. Executada assim, a abolição era uma ironia atróz. Dar liberdade ao negro, desinteressando-se, como se desinteressaram absolutamente da sua sorte, não vinha a ser mais do que alforriar os senhores. O escravo continuava a sel-o dos vicios, em que o mergulhavam. Substituiu-se o chicote pela cachaça, o veneno, por excellencia, ethnicida, exterminador. Trocou-se a extenuação pelo serviço na extenuação pela ociosidade e suas abjecções. Fez-se do liberto o guarda-costas politico, o capanga eleitoral. Aguçaram-se-lhe os maus instictos do atavismo servil com a educação da taberna, do bacamarte e da navalha. Nenhuma providencia administrativa, economica, ou moral, se estudou, ou tentou, para salvar do total perdimento esses valores humanos que sossobravam. Nem a instrucção, nem a caridade, nem a hygiene intervieram de qualquer modo. O escravo emancipado, sua familia, sua descendencia encharcaram putrescentes no desamparo em que se achavam atascados. E eis aqui está como a politica republicana liquidou o nosso antigo operariado, a plebe do trabalho brasileiro durante os seculos da nossa elaboração colonial e os quasi setenta annos do nosso desenvolvimento sob a monarchia.

A segunda emancipação

Era uma segunda emancipação o que se teria de emprehender, se o abolicionismo houvera sobrevivido á sua obra, para baptisar a raça libertada nas fontes da civilisação. Mas o abolicionismo degenerara da independencia das suas origens, adoptando o culto da princeza redemptora; os cabeças da causa vencedora adormeceram nos seus laureis; e a Republica, reaccionaria desde o seu começo, desde o seu começo imersa no egoismo da politica do poder pelo poder, traidora desde o seu começo aos seus compromissos, tinha muito em que ocupar a sua gente, para ir esperdiçar o tempo com assumptos sociaes.

Nem mesmo quando algum dos lidadores da campanha recentemente terminada se animasse a encetar a segunda, haveria onde a lograsse abrir com vantagem; porque só no governo parlamentar existe o terreno capaz de dar theatro a essas cruzadas moraes, a essas lutas pelas idéas nas regiões mais altas da palavra, onde elles se fecundam. No presidencialismo não ha sinão um poder verdadeiro: o do chefe da nação, exclusivo depositario da autoridade para o bem e o mal.

Desse poder me arredaram sempre os tucháuas e morobixabas do regimen. Na constituição vacillante deste a minha exclusão do posto supremo tem sido, entre elles, o unico ponto de acordo. Dest'arte, sem autoridade para qualquer iniciativa susceptivel de resultado, a minha tarefa, no meio das batalhas pessoaes em que se debate a impotencia do parlamento, se viu reduzida a bradar pelas leis, que se immolam, e contra os abusos, que se consummam.

As responsabilidades

Eis os homens, senhores, que se atrevem a chamar-me a contas dos meus sentimentos em relação ao operariado, ao operariado actual, ao que tomou dos hombros da escravidão a carga do trabalho emancipado. Para com o outro, para com o que vos precedeu no lavor penoso do solo e da industria, não tiveram o menor movimento de sympathia humana. Assistiram á sua perdição total, ao seu sacrificio absoluto, elles que tinham nas mãos os instrumentos do poder illimitado; e, responsáveis de tamanha insensibilidade ás amarguras das victimas do trabalho servil, hoje se arvoram em padroeiros do trabalho livre. Como! Padroeiros do trabalho livre, elles! E contra quem? Contra mim, que com vosco pretende mexericar, babujando-me com o aleive de não sei que antagonismo aos seus direitos, de não sei que incompatibilidade com a sua causa.

Dantes era o delator o que havia de provar a sua delação. Hoje é o delatado o que deve provar a sua innocencia. Privilegios da mentira, que, soberana inconcussa destes reinos, não ha prerrogativas que lhe bastem, para impôr aos seus vassallos a humilhação brutal da sua vassalagem.

Com que, senhores, sou então eu o que me hei de considerar obrigado a excuspar-me da increpação, que os meus calumniadores não documentaram? eu, o velho abolicionista? eu, o advogado gratuito e desinteresseiro dos escravos? Eu é que me devo levantar, cabeça baixa, á barra do tribunal, para demonstrar que, amigo, hontem, do trabalhador captivo, não aborreço, hoje, o trabalhador livre? Pois os meus serviços á redempção do primeiro não estarão ahi evidenciando, acima de todas as duvidas, a minha natural inclinação pela sorte do segundo?

Os abolicionistas e os operarios

Quando um homem se vota a defender os humildes contra os potentados, por outro motivo não se concede que anteponha os fracos aos

fortes, a não ser para servir á justiça. Com os grandes e fortes está o lucro; com os fracos e humildes, o perigo. Como optar o risco, em logar da vantagem, sinão por antepôr o direito á iniquidade?

No caso do captiveiro ainda mais se assignala, na preferencia do desvalido ao poderoso, o desinteressado amor aos nossos semelhantes. Ahi a natureza e a fortuna despiram o miseravel de todos os attractivos. A natureza lhe tisnou a pelle, enegreceu-lhe a tez, e lhe engrossou as feições. A fortuna o desnobreceu, o aviltou, deshumanou-o grosseiramente, alarvajou-lhe os costumes, condemnou-a á esqualidez, mergulhou-o na lassidão, na preguiça, no abrutamento. De criaturas racionaes assim desnaturadas só o mais arreigado sentimento de fraternidade humana ou a mais extrema paixão de caridade nos poderiam habituar ao contacto. Mas nós nos sentimos nobilitados com elle; porque esse contacto nos ensinava a amar a justiça.

Não era facil amal-a, quando o seu amor nos inimistava com o poderio da organisação, que tinha no elemento servil o seu alimento e a garantia da sua vida. A escravidão era o alpha e o omega da sociedade, que ella nutria, o alicerce, e, juntamente, a cunha do Estado, que nella se incorporara. O escravo, pelo contrario, era, entre os companheiros do homem, o infimo dos seres animados. Entre a humanidade e a animalidade, vegetava sem os fóros de uma, nem as vantagens da outra, menos bem tratados que as alimarias de estimação, ou as crias de raça.

Nós, porém, nunca hesitamos em renhir com os interesses daquella potestade, afim de restabelecer as victimas dessa cobiça insaciavel nos direitos sagrados, que lhe ella extorquia. Não nos detinha a opulencia dos senhores. Não nos atemorisava a perseguição dos governos. Não nos repugnava a miseria dos nossos villipendiados clientes. E, entre esses oppostos extremos de grandeza e desgraça, de omnipotencia e sujeição, nunca houve um abolicionista, que se vendesse ao dinheiro, que trahisse o direito, que desertasse o seu posto. Pudesse o mesmo de si dizer os republicanos!

Como poderia, logo, haver um abolicionista de então que não seja hoje um amigo do operario? A causa deste é menos ardua, porquanto os interesses capitalisticos da sociedade, actualmente, não se resentem da intolerancia, que empedernia a propriedade servil, nem á organisação da industria assistem os apanagios hediondos, que barbarisavam a organisação do captiveiro.

O capital de agora é mais intelligente e não tem direitos contra a humanidade. Nem o obreiro é o animal de carga ou tiro, desclassificado inteiramente da especie humana pela morte politica e pela morte civil, que sepultavam em vida o escravo. Ao passo que este mal lhe assistia jús á preservação da vida material, o operario tem todos os direitos de cidadãos, todos os direitos individuaes, todos os direitos civis, e, dotado, como os demais brasileiros, de todas as garantias constitucio-

naes, não se queixa sinão de que ás relações peculiares do trabalho com o capital não corresponda um systema de leis mais equitativas, a cuja sombra o capital não tenha meios para abusar do trabalho.

Abolicionismo e reforma social

Evidentemente, senhores, as duas situações distam immenso uma da outra. Entre a posição do trabalhador e a do escravo não ha nada substancialmente commun. Mas uma relação de analogia as subordina á mesma ordem moral de idéas. Ambas interessam o trabalho: a primeira, nas liberdades elementares do homem e do cidadão; a segunda, na independencia economica do trabalhador. O abolicionismo restituiu o escravo á condição humana. A reforma social, na sua expressão moderada, conciliatoria, christã, completaria, no operario livre, a emancipação do trabalho, realisada, outr'ora em seus traços primordiaes, no operario servil. Entre um e o outro caso, portanto, não vae mais do que uma transição natural, a que os sobreviventes da luta abolicionista não deverão negar o seu concurso.

Abolicionista de todos os tempos, zeloso do meu titulo de serviços a essa causa bemdita, por obrigado me tenho eu, na logica das minhas convicções, na coherencia dos meus actos, a considerar-me inscripto entre os patronos da causa operaria, naquillo em que ella constitue, realmente, um corpo de reivindicações necessarias á dignidade humana do trabalhador e á ordem humana da sociedade.

Socialismo

Teria eu dito alguma vez qualquer cousa divergente desta proposição? Estarei acaso em contradição com ella, por haver declarado que não era socialista? Mas, senhores, socialista é o adepto do socialismo, e o socialismo é uma theoria, um systema, um partido. No socialismo, pois, como em todas as crenças de partido, em todos os systemas, em todas as theorias, ha um fundo verdadeiro, com accessorios falsos, ou um fundo erroneo, com accessorios justos. Os theoristas, os systematicos, as partidistas não discriminam entre o grão de verdade e a liga de erro, que a inquina, ou entre a base de erro e a superficie de verdade, que o recobre, e, amalgamando tudo numa só doutrina inteireira estiram a verdade, por exageração, até os limites do erro, ou impõem o erro como consequencia inseparável do assentimento á verdade.

Eis por que motivo, senhores, grave desacerto me parece reduzir a boa causa operaria a uma dependencia essencial da systematização socialista. Dahi o não alistar-me eu no socialismo, professando, entretanto, ao mesmo tempo, como tenho professado, a mais sincera adhesão ao movimento operario nos seus propositos razoaveis, nas aspirações irrecusaveis que encerra, em muitos dos seus artigos o seu programma de accão.

A concepção individualista dos direitos humanos tem evolvido rapi-

damente, com os tremendos successos deste seculo, para uma transformação incommensuravel nas noções juridicas do individualismo restrin-gidas agora por uma extensão, cada vez maior, dos direitos sociaes. Já se não vê na sociedade um mero aggregado, uma juxtaposição de unidades individuaes, a castelladas cada qual no seu direito intratavel, mas uma entidade naturalmente organica, em que a esphera do individuo tem por limites inevitaveis, de todos os lados, a collectividade. O direito vae cedendo á moral, o individuo á associação, o egoismo á solidariedade humana.

Estou, senhores, com a democracia social. Mas a minha democracia social é a que preconisava o cardeal Mercier, falando aos operarios de Malines, «essa democracia ampla, serena, leal, e, numa palavra, christã; a democracia que quer assentar a felicidade da classe obreira, não nas ruinas das outras classes, mas na reparação dos aggravos, que ella, até agora, tem curtido».

Applaudo, no socialismo, o que elle tem de são, de benevolo, de confraternal, de pacificador, sem querer o socialismo devastador, que, na linguagem do egregio prelado belga, “animando o que menos nobre é no coração do homem, rebaixa a questão social a uma luta de apetites, e intenta dar-lhe por solução o que não poderá deixar de exacerbar-a: o antagonismo das classes”.

A meu ver, “quando trabalha em distrahir com mais equanimidade a riqueza publica, em obstar a que se concentrem nas mãos de poucas sommas tão enormes de capitaes, que, praticamente, quando se occupa em desenvolver o bem-estar dos desherdados da fortuna, o socialismo tem razão”.

Mas não tem menos razão, quando, ao mesmo passo que trata de imprimir á distribuição da riqueza normas menos crueis, lança os alicerces desse direito operario, onde a liberdade absoluta dos contratos se attenua, quando necessário seja, para amparar a fraqueza dos necessitados contra a ganancia dos opuletos, estabelecendo restricções ás exigencias do capital, e submettendo a regras geraes de equidade as estipulações do trabalho.

Estas considerações terão aqui, hoje mesmo, a explanação devida, quando vos eu minudenciar a minha maneira de sentir acerca de cada um dos pontos, em relação aos quaes, entre nós, se tem articulado reclamações operarias. Mas bastaria o que já levo dito, para liquidar as falsidades, que me denunciaram a vossa mal-querença como um espirito obcecado á justiça das vossas reivindicações.

Nephelibatas

Quereis, entretanto, ver que é o que são os meus accusadores? Assombrae-vos em o apreciar no discurso do senador rio-gradense, que tomou a si, na baixa comedia da Convenção, a tarefa de reduzir a pó a minha entrevista com o “Correio do Povo”, de Porto Alegre, sobre a

revisão constitucional. Nessa oração, em que o espírito reaccionário corre parelhas com a insensibilidade à vida contemporânea, nos declara peremptoriamente o situacionismo borgista que o Estado não pode intervir com as suas leis nas discordias entre o capital e o trabalho, e que "a Liga das Nações constitue uma hypothese muito longinqua."

Não quero ventilar agora as opiniões do venerando nepheleibata. Só um habitante das nuvens, estrouvinhado ao acordar na terra, poderia, neste momento, relegar para o domínio das hypotheses remotas a Liga das Nações, com a missão de negociar a qual o Brasil tem, agora mesmo, na Europa, uma embaixada. Só um espírito extraviado nos domínios astrais poderia contrapor-se agora à evolução geral do mundo, arrastado em torrente para as concessões ao socialismo, negando com esses ares categóricos à lei o arbitrio de intervir nas controvérsias entre obreiros e patrões.

"Já começam..."

Estou já muito velho, para sustentar conclusões magnas sobre a existência do sol e da lua, do dia e da noite. Quando me saem ao encontro com certos arrojos em tom de coarctadas, lembra-me o caso, que muitas vezes ouvi contar, do marquez de Abrantes num baile de rapazes. Quando o acatado conselheiro de sua magestade assomou ao topo da escada, no palácio onde corria a função, os moços, em vez de se apressarem a lhe agradecer a honra da presença, tiveram a indiscrição de se lhe dirigir como a um convidado ordinário, perguntando-lhe pelo convite. -- "Seu cartão, Sr. marquez?" — Ah! — "respondeu elle — já começam com asneiras? Então vou-me embora." Os estudantes cairam na conta da tolice, desmancharam-se em escusas e acabou sem mais nada o incidente.

Contradicções

Mas, senhores, o que se me antolha, na verdade, estupendo, e não se poderá deixar correr sem advertência, é que dentre a mesma gente, cujas exigências me requerem uma conciliação com o socialismo, para grangear o voto operário, surja, entonada e retumbante, na consagração da candidatura oposta à minha, o desengano mais radical às esperanças das classes trabalhadoras numa legislação, que nos dê, quanto às relações do trabalho com o capital, alguma causa das notáveis conquistas a tal respeito já sancionadas entre os mais bem organizados países do mundo.

Vêde como entre esse gentio da nossa politicalha se pratica a lisura, como esses discípulos de "Comte" vivem "às claras", como nessa escola da austeridade se cultiva esta virtude. Com os suffragios do operariado não podia eu sonhar, porque ainda lhe não dera arras de correligionário nas idéas de renovação da sociedade; porque não jurára bandeira no socialismo; porque não comia praça de soldados nas suas legiões.

todos esses suffragios, porém, se devem concentrar no candidato da Convenção dos Sete, justamente porque essa candidatura nasce ao grito de intransigencia dos seus autores contra as pretenções do operariado á interferencia da lei nas relações delle com o capital.

Onde já se viu tranquierniar igual com a propria consciencia e a consciencia alheia? A orthodoxia rio-grandense não quer negocio comigo, porque eu sou revisionista, e ella não transige com a revisão. Mas adopta o candidato da Convenção do Carnaval, cujo revisionismo, tão declarado quanto o meu, não tem sequer, para socego dos anti-revisionistas, a vantagem de estar rigorosamente definido e circumscripto, individuadamente, a certos pontos. O puritanismo rio-grandense não tolera conversas com a indicação do meu nome, por ser de notoriedade que eu sympathiso com a regulamentação do artigo 6.º, norma constitucional da intervenção nos Estados, e não admittir o governo do Rio Grande que ninguem lhe metta o bedelho em casa. Mas apadrinha o candidato da Convenção de Fevereiro, embora este, no seu discurso de 23 de Maio de 1893 á Camara dos Deputados, haja abertamente pregado a intervenção federal naquelle Estado. A immaculadidade rio-grandense arrenega da hypothese da presidencia Ruy Barbosa, em razão de haver este sujeito, um dia, arguido a Constituição Nacional. Mas essa mesma virgindade sem maculas antes, durante e depois do parto, essa mesma politica da conceição immaculada, essa Clotilde intemerata não hesita em assumir a iniciativa da candidatura Epitacio Pessoa, sem lhe importar que um dos factos mais insignes deste illustre republico seja a sua declaração tonitruante, nas philipicas da sua estréa contra o florianismo e o castilhismo, de que "o Rio Grande do Sul não tem Constituição".

Não tem Constituição o Rio Grande do Sul? Quem o brada é o candidato do Monroe; e, não obstante, é o Rio Grande do Sul quem lhe levanta a candidatura, recusando a minha, porque eu não acho constitucional a Constituição rio-grandense.

Maior é, dest'arte, o meu crime, dando por inconstitucional a Constituição do Rio Grande, que o do meu opositor em sustentar que essa Constituição "nem sequer existe".

"Risum teneatis, amici?" Senhores meus, não arrebentaes de riso ao espectaculo desses santos, desses altares e desses levitas? Ou entraes tambem na pilheria, começando a sentir, como eu, pruridos reverenciaes para com essas orthodoxias, essas religiosidades, esses pontifices do cathecismo conservador?

Entra-se a contas

Mas, senhores, já que me constrangem a trazer a este auditorio a questão social, de cujo melindre intimamente escarnecem esses exploradores e zombadores de tudo, acceito o repto, e entremos a contas.

Venham com as suas os homens que, ha trinta annos, se assenhorearam da Republica, e nella, vae por trinta annos, parasiteiam á tripa

fôrra. Que fizeram elles, nesses seis lustros, nesse terço de seculo, pela causa do trabalho nesta terra, elles os unicos em cujas mãos está, para tudo, a faca e o queijo, a faca rija no corte e o queijo inesgotavel no miolo?

Casas de operarios

O primeiro movimento, que, nesse terreno, vimos delinear-se, foi o da habitação do operario. Foi logo nos primeiros annos do regimen. Varias leis municipaes tentam estimular a bem da idéa o interesse privado. Em 1894 assigna esta Municipalidade, para a construcção de casas adequadas á condição do operariado, um contrato com o engenheiro civil Agostinho dos Reis, zeloso amigo dessa classe, a cujo desenvolvimento se tem consagrado com carinho. Mas bem prestes se reconhece a urgencia de novas medidas legislativas, sem as quaes estava condenado o commettimento a mollograr-se. Nomea-se uma commissão, e o seu projecto, submettido, por mensagem do presidente ao Congresso Nacional em 1904, leva bons sete annos, para se converter na lei de 20 de Janeiro de 1911, a que o governo Hermes, em todo o curso do seu memorado quadriennio, não accedeu em dar regulamento, e que, ainda hoje, está por ser regulamentada.

O grande marechal não queria ver a solução do problema operar-se naturalmente no dominio da legalidade. O seu elemento era o arbitrio, e o caso estava pedindo um arbitrio digno da sua agigantada figura. Era um fogo de vistos, que devia custar cerca de quinze mil contos á nação. O pae dos operarios deu-se-lhes a ver na sua gloria de bichas chinezas, semeando vivendas baratas para as classes populares. Os treze ou quinze mil contos arderam fulgurosamente. Mas, quando acabaram de estourar, no fogo preso, os ultimos petardos, os operarios, engodados, até então, com as seductoras promessas, pouco mais viram, da casaria esperada, que os castellinhos de vento nas rôscas da fumaça, o dinheiro publico em cinza e os vestigios de um famoso desastre, coroado por um suicidio.

Eis ahi, pois, senhores, como se acha attendido, entre nós, pela sciencia republiqueira, pelo tino dos administradores indigenas, esse reclamo da humanidade, que, poucos annos ha, na «Sociedade Franceza de Habitações Baratas», o sr. Ribot, o economista, o financeiro, o homem de Estado, traduzia nestas palavras lapidares: «E' mister que a nossa sociedade mostre haver comprehendido o seu dever para com todos esses homens, que são, politicamente, nossos eguaes, mas que, hoje, socialmente, não o são, e padecem com o mao agasalho onde habitam. Não os devemos deixar na promiscuidade ignominiosa dessas pocilgas, com que se deshonram certos bairros das nossas cidades. Muito pedimos aos nossos concidadãos. Até o sacrificio da vida lhes podemos requerer, quando cumpra. Mas temos, a seu respeito, deveres, o primeiro dos quaes é não os deixarmos vegetar em condições indignas de uma sociedade estribada no respeito aos direitos e na fraternidade humana».

O estrangeiro, que, com expressões tão carregadas lá se indigna contra o atraso dessa aspiração civilisadora em terras como as de França, não poderia suspeitar, nem de longe, o que vae por esta metropole, engalanada, para deslumbramento dos forasteiros, com as maravilhas de uma natureza incomparavel: por esta metropole cortada e orlada, a capricho, de avenidas ideaes, de jardins encantados, mas abandonada, quanto ás necessidades mais graves da existencia dos inditosos, a extremos de miseria e dureza, que arrancariam lagrimas ás pedras.

Até agora o abrigo das classes proletarias é, habitualmente, a «casa de commodos», ou a triste arapuca de retalhos de zinco, latas de kerozene e caixas de sabão. Na «casa de commodos» se attestam criaturas humanas como saccos em tulhas, numa promiscuidade inconcebivel, que lembra os quadros do trafico negreiro; os porões coalhados de homens, mulheres e creanças como de fardos mortos, numa tortura de mil torturas, que gela a imaginação transida e horripilada. Os covis de sarrafos e folhas de Flandres se agacham e penduram vacillando, á encosta dos morros suspeitos, como canis de rafeiros maltratados, onde entes humanos se dão a si mesmos a illusão de estarem ao abrigo das intempéries, das sevandijas, dos bichos damninhos, que por toda a parte os varejam e infestam.

Para não cuidardes que vos esteja inventando quadros imaginarios, ouvi o depoimento do Dr. Alfredo Leal de Sá Pereira, em uma comunicação dada á luz no «Jornal do Commercio», aos 30 de janeiro de 1910 :

«São habitações sem ar e sem luz, onde adultos e creanças vivem na mais sordida promiscuidade; onde os mais pudicos, quando obedecem ás leis de perpetuação da especie, abrigam-se por trás de uma cortina rôta: quasi transparente; onde á noite, num ambiente fechado, respira o triplo das pessoas que o mesmo poderia comportar; onde os generos alimenticios, pendentes das paredes, contribuem para perfumar o ambiente mal cheiroso; onde os fogareiros de carvão ou kerozene, ennegrecendo os muros, asphyxiam e enjam; onde o tuberculoso, escarrando por toda a parte, mimoseia os seus proximos com presentes gregos; onde as creanças immunadas e enfezadas brincam em corredores sombrios; onde em bacias de folha, se lava a roupa dentro do proprio quarto e põe-se a secar ás janellas, quando as ha.»

Imaginareis, porventura, que, de então a esta parte, melhorassem, de qualquer modo, as cousas? Pois escutae o que, ainda em 3 do mez passado, estampava *A Noite*, debaixo do titulo «Matadores de gente» :

«Que dizer das paredes de taes quartos de improviso, que são limitados por divisões de madeira tosca, de panno, e, até de folhas de zinco! Que dizer da morada em porões e sotões baixissimos, sem luz, nem ar! Que dizer do aproveitamento de vãos por baixo de escadas, despensas, áreas, copas e, até «gabinetes de latrina», para de tudo fazer dormitorios!»

Attendei ainda, meus amigos. E' o nosso popular vespertino que prosegue :

«No que toca a banheiros é simplesmente inacreditavel o que vimos, por exemplo, na stalagem cuja photographia publicamos, stalagem que tem «69 commodos, com 247 pessoas» e «un só banheiro». Mas, ha melhor: são as habitações sem banheiro, como uma stalagem de 15 casas, onde moram 49 pessoas, e outra de 39 casas, com 193 pessoas.»

Vêde mais, senhores, até onde vão esses incríveis requintes de horror.

E' a mesma folha quem testemunha :

«Foi encontrada uma casa, onde a agua de beber era retirada de um tubo que vinha recuar-se por sobre o vaso da latrina, em cujo interior era preciso introduzir a vasilha, para apanhar a agua.»

O trabalho dos menores.

Outro projecto de alta inspiração moral assinalou os primeiros actos deste regimen, ainda sob o Governo Provisorio. Foi o decreto, que elle expediu, em 23 de janeiro de 1891, estabelecendo providencias para regularizar o trabalho dos menores, empregados nas fabricas da capital. Essa lei, onde se fixava, a respeito dos operarios menores, o minimo da edade, e se limitavam as horas de trabalho, explicava a deliberação do marechal Deodoro e seus ministros com o designio, expresso no seu introito, de «impedir que, em prejuizo proprio e da prosperidade futura da patria, «sejam sacrificadas milhares de creanças».

Pois bem, senhores : esse acto legislativo não se regulamentou até hoje. Quer dizer que se deixou de todo em todo sem execução, como se nunca houvera existido. Dest'arte, pois, durante não menos de trinta annos, um após outro, se continuaram a immolar os milhares de creanças, cujas vidas o grande coração do marechal Deodoro e o patriotismo do heroico soldado brasileiro queriam salvar. Terrível hecatombe annua de innocentes, cuja responsabilidade se averba toda ao debito da nossa politicalha, da sua crua indifferença, da sua gélida insensibilidade.

Horas de trabalho.

Vinte e dous annos depois surgia o projecto n. 4 A. de 1912, o primeiro que entre nós se occupou em limitar as horas de trabalho, e providenciar sobre os operarios inutilizados no serviço. Mas essa tentativa, depois de invernar cinco annos nas pastas da Camara dos Deputados, desapareceu, afinal, em 1917, num substitutivo, mais tarde abandonado.

Eis a historia legislativa do movimento de reforma social até o anno passado, até a lei sobre os accidentes do trabalho, em que daqui a pouco me deterei alguns instantes.

A sorte do operario

Nada se construiu. Nada se adeantou, nada se fez. A sorte do operario continua indefesa, desde que a lei, no presupposto de uma egualdade imaginaria entre elle e o patrão e de uma liberdade não menos imaginaria nas relações contractuaes, não estabeleceu, para este caso de «minoridade social», as providencias tutelares que uma tal condição exige.

As fabricas devoram a vida humana desde os sete annos de edade. Sobre as mulheres pesam, de ordinario, trabalhos tão arduos, quanto os dos homens, não percebem senão salarios reduzidos e, muitas vezes, de escassez minima. Equiparam-se aos adultos, para o trabalho, os menores de quatorze e doze annos. Mas, quando se trata de salario, cessa a equiparação. Em emergencias de necessidade todo esse pessoal corre aos serões. O horario, geralmente, nivela sexos e edades, entre os extremos habituaes de nove a dez horas quotidianas de canseira.

Hygiene

Quanto ás condições de hygiene, em que essa populaçāo, avergada á carga da vida, se entrega á faina diaria, não posso avaliar se tem melhorado consideravelmente do que era ha annos, quando um dos nossos medicos de hygiene, o Dr. Ferrari, o descrevia perante a Academia de Medicina, em um discurso que saiu a publico no «Correio da Manhā» com o titulo «A regulamentação do Trabalho nas Fabricas».

O Dr. Domingos Marques de Oliveira, numa conferencia de que aquelle seu collega transcreve trechos notaveis, e que o orador pronunciara na propria fabrica do Bangu', declarava que todos os tisicos, de que havia tratado naquella localidade, onde elle clinicava, havia seis annos, eram tecelões, e attribuia a dilatação desse mal, em grande parte, á «lançadeira de chupar», singular utensilio usado nos teares (não sei si ainda agora), e de que o operario se serve com a boca, sugando. Esse instrumento perigoso, a esse tempo já condemnado na Europa, obrigava os tecedores e tecedeiras a esforços persistentes de aspiração, havendo operarios que deviam exercer a sucção cada um em trescentas lançadeiras; e, passando, sucessivamente, de boca em boca, transmitia, pela communicação bucal, o contagio da tuberculose, de que era, segundo testemunho desses doux facultativos, «o mais poderoso auxiliar» e «o maior propagador».

Esses autorisadissimos depoimentos caracterisam ainda com os traços mais desagradaveis a desordem sanitaria daquellas casas: ar viciado, pela ausencia de apparelhos que o renovem; má ventilação; agua de ruim qualidade, sem reservatorios onde se dê a beber; frequentes lesões da visão, causadas pela insufficiencia da luz e pela insistencia de lidar com os mesmos matizes na tecedura; descaridade com as creanças, sobrecarregadas, muitas vezes, de labores excedentes da sua capacidade e nem ao menos cultivadas com o indispensavel ensino profissional.

As mães operarias

Só entre as tribus selvagens, onde a parturiente deixa o varão da rede com o recem-nascido; enquanto vae ao rio e ao campo labutar nos deveres caseiros, só ahi o mysterio da gestação humana e as suas exigencias naturaes não encontram, na crise da sua solução tão contingente, a reverencia do homem; a sua solicitude, o redobrar dos seus cuidados.

Em toda a parte se cercam de attenções meticulosas a gravidez e o parto. Entre os povos civilisados a mulher que está para dar e a que acaba de dar á luz são sagradas aos olhos do homem. Este sentimento nobre, porém, ainda não calou bastante nos costumes da nossa industria. O caso já não é domestico. Já o não podemos disfarçar entre as nossas vergonhas de familia; porque uma grande voz estranha, uma dessas vozes que ecôam no mundo, dennunciou nas reminiscencias da sua visita ao Brasil.

«Clémenceau», entre «outros factos, que muito o contrastaram», entre nós, diz elle, singularisa o de «ver mulheres em adeantado estado de gravidez trabalhando horas inteiras de pé». «Não se ha mistér de ser medico», accrescenta o grande francez, «para se sentir o soffrimento dessas operarias».

Ainda bem, senhores, que a consciencia dos nossos industriaes já se vae elevando bastante; e é do seio delles que, com uma das maiores autoridades, se ouvia, ha pouco mais de um anno, em 10 de setembro de 1917, pelas columnas do «Jornal do Commercio», a confissão do sentimento, já existente entre os nossos mais adeantados industriaes, de ser necessário conceder á gravidez e ao parto, dous mezes successivos de folga no trabalho. O industrial que assigna esta declaração, é o Sr. Jorge Street. Eu vos convido, operarios, a applaudirdes este nome.

A tuberculose em officinas do Estado

Não se calcula, senhores, a somma de vidas humanas, imoladas ou salvas, que representa a observancia ou inobservancia desses mandamentos elementares da humanidade no regimen das edades e dos sexos, entre as classes dadas ao trabalho mecanico. Um caso, por exemplo. Ha dous annos, quasi dia por dia (26 de março de 1917), se dava ao prélo nas folhas de A NOITE, uma communicação, bem relembravel, do Dr. Moncorvo Filho sobre a inspecção hygienica dos menores nas casas de ensino ou trabalho collectivo. Ahi, deplorando o malogro das providencias do general Serzedello Corrêa neste sentido, recontava o illustre pediatra a historia da tuberculose nas officinas publicas da Casa da Moeda. A tisica abrangia ali setenta por cento dos obreiros menores. Isto é: mais de dous terços dos meninos e adolescentes, reunidos naquelle serviço, estavam tuberculizados.

Mais: nesse estabelecimento, onde, aliás, segundo essa abalisada testemunha, «as condições hygienicas nada deixavam a desejar», mor-

riam, cada mez, um ou dous operarios dessa terrivel doença. Veiu, porém, uma administração bem inspirada, a do Sr. Honorio Hermeto, que se afervorou na vigilancia e diligencia a respeito dessa necessidade mal attendida, pondo em effeito as nossas medidas sanitarias, aconselhadas pelo caridoso hygienista ; e, executadas estas com rigor, nunca mais ocorreu ali um obito de tuberculose, nunca mais, naquelle ramo do nosso operariado, cuja situação era tão dolorosa, nunca mais se deu por um caso de tuberculose.

Tudo por fazer

Eis, senhores, no escorço que este logar me permittia, uma idéa suc' cinta da extensão do territorio immenso por lavrar na vastidão extensissima e complexissima dos assumptos que entendem com a sorte do operariado, que, sendo a sorte do nosso trabalho, é a sorte, assim da nossa industria, como da nossa agricultura, e, portanto, a sorte do paiz. Feito não ha nada. Tudo por fazer.

Accidentes do trabalho

Apenas agora vemos surdir a lei de 15 de janeiro deste anno, cujo regulamento, por um milagre de celeridade a que não estamos acostumados, se deu á estampa um destes ultimos dias. Essa lei, com o seu accessorio executivo, «regula as obrigações resultantes dos accidentes do trabalho». E' o que a sua rubrica official nos promette. Estará de accordo com o promettimento da taboleta a mercadoria exposta ?

Primeiramente, o regulamento não extraíu da lei tudo o que podia extraír. Como a lei, no seu artigo 3.º, circumscreveu aos caso do emprego de «motores inanimados» os estabelecimentos industriaes e trabalhos agrícolas, cujos operarios têm direito á restituicão do damno que sofrerem, a explanação regulamentar excluiu os operarios das pedreiras e os mineiros. Já o sr. Costa Pinto, secretario do Centro Industrial, demonstrou que a regulamentação está errada. Estas duas lacunas, que elle, com razão de sobra, censurou de «gravíssimas», não podem correr por conta do legislador, em cujo texto cabem, sem nenhum esforço de acommodação, tanto os mineiros como os cavouqueiros.

Assim os que moirejam em canteiras, como os que labutam em minas, que os especialisados nos mistéries de perfuração e conservação dos poços e galerias, quer os dados á extracção dos mineraes, todos lidam com o auxilio de «motores inanimados». Taes são as tramvias, os explosivos, as bombas, os ventiladores, os ascensores e cutros mecanismos imprescindiveis ao desenvolvimento da humana actividade, seja no minerar, seja no excavar das pedreiras.

Tão malaventurados somos nós que, ainda quando uma elucubração official de tão bons intuitos como esta, e tão bem encaminhada na selecção dos seus collaboradores, se desvia da trilha usual das incompetencias e negligencias, nem por isso a obra deixa de vir, já do nascendouro, torta, ou mutilada.

Mas não é só o desdobramento regulamentar que se acha incompleto e omissos. A lei mesma, sobre estar incursa em omissões captaes, não corresponde ao que annuncia, não se desempenha do que promette: aos proprios operarios contemplados no ambito das suas disposições não assegura a reparação dos accidentes do trabalho.

A exclusão do trabalho agricola

A omissão de que me queixo, senhores, brada aos céos. A lei não considerou sinão trabalho industrial. Como explicar singularidade tão extravagante, qual a de, num paiz essencialmente agricola e criador, se esquecerem do trabalho da criação e do da laboura, os dous unicos ramos de trabalho naturalmente nacionaes, os dous sós em absoluto nacionaes, os dous onde assenta a nossa riqueza toda, a nossa existencia mesma e sem os quaes a nossa propria industria não poderia subsistir?

Nenhum genero de labor demanda, entre nós, tão séria attenção dos poderes do Estado, como esse dos campos. Ha, na sua vastidão immensuravel, verdadeiros desertos moraes, de todo invios, selvas de terror e crueza quasi impenetraveis e, até hoje, absolutamente virgens da luz da civilisação.

Nos recessos desses sertões, não só nas paragens mais reconditas, mas ainda muito aquem, ahi por onde já passam, de longe a longe, rastros de curiosidade, ou abre inesperadas clareiras o acaso de excursões perdidas, o trabalho vive a morrer, muitas vezes num regimen analogo ao do captiveiro. O peão, o vaqueiro, o lenhador, o obreiro agricola, o colono, são, ás vezes, instrumentos servis de um patronato cruel e irresponsavel.

Tambem entre nós muita cousa existe, por ahi além, dessa personagem mexicana que celebrou a Yucatan, a terra das agáreas, onde o mecanismo de credito e debito entre senhores territoriaes e os servos agricolos eternisa a escravidão branca, num regimen que aboliu o seu nome, para não ser inquietado na sua perpetuidade. Aqui tambem as contas dos operarios ruraes nos armazens de venda, mantidos nas estancias e fazendas, espremem os trabalhadores do campo na entrosagem de uma dependencia, que, si não é nem o captiveiro, nem a servidão da globa, tem, pelo menos, desta e daquelle as mais dolorosa características moraes, as mais sensiveis derogações da condição humana.

Esquecendo-se do trabalho rural, a lei recem-regulamentada apresenta em verdadeiro «sacco de carvão», toda uma região abandonada e escura no estrellado horizonte das suas esperanças. Os accidentes do trabalho não sucedem menos amiude no agricola do que no industrial. São, pelo contrario, talvez, ainda mais amiudados na laboura do que na industria.

Considerae no desbravamento das florestas, nessas derrubadas, em que o derrubador maneja muita vez no seu machado a propria morte, em que a arvore tantas vezes esmaga o matteiro. Lembrae-vos da mortandade pelo veneno das cobras, a surpresa do reptil ao calcanhar

nù, as mãos indefesas, ao collo descoberto. Pensae na malaria, reinante nessas paragens incultas, alagadas, paludosas onde o desbravador, o roçador, o lavrador se vão arrostar com os pantanos, os brejaes, as lamas da terra decomposta. E vêde si podeis esmar lá comvosco tudo o que de accidentes do trabalho se deixa sem resguardo, sem compensaçao, sem allivio de qualidade alguma, porque o legislador, enleado no goso das cidades, absorto na vida urbana, deslembmando-se de que o Brasil é principalmente o campo, o sertão, a fazenda, a pradaria, a matta, a serra, o gado, o plantio, a colheita, o amanho dos productos agricolas excluiu dos beneficios da lei sobre accidentes do trabalho o operario rural.

O seguro do operario

Mas já vos disse que não é tudo. Nem isso é o peor. O peor está em que, embalando o operariado industrial na esperança de lhe haver grangeado a indemnisaçao dos accidentes do seu trabalho, a festejada lei não lhe dá, na maioria dos casos, sinão a sombra dessa garantia.

O projecto Prudente de Moraes impunha aos patrões segurarem os operarios em companhias de idoneidade averiguada. A lei, que o rejeitou, e substituiu, em tal não toca. O regulamento, que mais não podia fazer, mal se occupa do seguro facultativo. Ora, para o seguro facultativo, não se precisava de auxilio da legislaçao: era materia de contracto; e, demais, admittir o seguro permissivamente vinha a dar no mesmo que deixar o seguro em letra morta. O operario não tem meios de constranger, nos seus ajustes, o patrão á clausula do seguro. Como nos mais dos outros capitulos, em que o interesse do trabalho apparenta collidir com o interesse do capital, a duvida, aqui, só se resolve, seriamente, com a substituição do principal contractual pela tutela legislativa.

Refugado o projecto do eminente deputado paulista, com elle se rejeitaram as duas condições essenciaes á realidade cabal da indemnisaçao dos accidentes do trabalho: o seguro ou o deposito, no Thesouro Nacional, pelo estabelecimento, industrial, ou companhia de uma somma calculada na razão do numero dos seus trabalhadores.

A garantia dos bens da sociedade ou empresa, a cujo serviço estiver a victima do accidente, não lhe affiança, no maior numero de casos, o embolso da indemnisaçao. Além das fabricas, vastas categorias ha de grandes industrias (e estas vêm a ser, talvez, as que mais larga superficie abarcam, no campo iudustrial) nas quaes os bens das associações ou firmas, de cujo pessoal for membro o operario, não lhe asseguram a satisfaçao do damno, a que houver sido condemnado o responsavel

Entre essas categorias, indicarei as construcções civis e as estradas de ferro. O direito de preferencia excepcional, outorgado pela lei ao operario, sobre a producção da fabrica, onde ocorreu o accidente, nas hypotheses das obras dessa natureza ao obreiro prejudicado.

As construcções civis, habitualmente, se fazem por conta de terceiro.



QUADRO DE Z. MERMANN

Tragedia gaúcha



Mal ferido

DESENHO DE ZIMMERMANN

Ora, é ao empreiteiro que o operario serve. Sobre, o empreiteiro, pois, é que recáe a responsabilidade. O trabalhador lesado, logo não tem deante de si nenhuma garantia real. O credito pessoal do constructor é, dest'arte, o seu unico elemento de segurança. Nas construções de estradas ocorre, quasi sempre, a mesma situação. São empreitadas, que se executam, ordinariamente, por conta da administração publica ou de associações, reduzindo-se os seus contractos com os empreiteiros á obrigação de lhes retribuirem a obra construída e entregue.

Mas, ainda quando se trate de estabelecimentos industriaes, muitos haverá que nem com o seu material, nem com a sua produção, offereçam aos trabalhadores ou suas familias, a garantia de haverem a indemnisação obtida por sentença. Demos, por exemplo, uma fabrica de explosivos, ou um estabelecimento destinado ás manipulações que se exercem sobre materias inflamáveis. Uma officina dessas pôde voar, de um momento para outro, numa explosão, ou arder até aos seus ultimos restos em um desses incendios, cuja violencia e rapidez são irresistiveis. Um incendio ou explosão destas importam na extinção das sociedades, ou na ruina total do patrimonio dos capitalistas, a quem pertenciam os bens destruidos, se os seus donos os não houverem acautelado com o seguro; e sendo assim, qual a materia executavel, sobre que iria cair a execução do operario vencedor na acção judicial?

Em todos esses casos, portanto, operarios brasileiros, estariam inteiramente logrados. Além do que, senhores, ainda nos casos em que a indemnisação estiver perfeitamente assegurada pela existencia de haveres, sobre os quaes possa recahir a acção do exequente, por mais sumário que seja o processo, nunca a liquidação do credito das victimas do accidente se consummará com tanta presteza, como, no caso do seguro operario, o seu reembolso ao segurado.

Seguro, ou caução, pois, senhores. Não ha outro alvitre, para dar realidade á indemnisação dos accidentes do trabalho, para que esse beneficio não seja a partilha de uns e o desespero de outros.

Parcialidade legislativa

Evidentemente, senhores, se na elaboração desta lei se houvesse guardado a devida imparcialidade; se o legislador tivesse dado ouvidos á justiça de uma e outra parte; se o Congresso Nacional encarasse com os mesmos bons olhos os legitimos interesses dos patrões e os interesses legitimos dos trabalhadores — a recente lei, construída como obra de boa fé e reconciliação sincera entre as duas classes, poderia durar, debaixo das bençãos de todos, com a magestade séria de um monumento do tino politico dos nossos homens.

Não o quizeram assim, e isso tanto menos desculpavelmente, quanto não faltou, na representação nacional, quem accendesse, não o archote de luz avermelhada e fuliginosa, com que se ateiam as paixões, mas o pharol da lealdade e da clareza, com que se alumia o caminho da razão.

E não exigia muito, senhores, e por varias razões.

Muito não exigia, primeiro, porque, se bem viesse o seguro obrigatorio a exigir da industria o sacrificio de alguns dos seus lucros, não se poderia sustentar que essa exigencia importasse em excesso, num paiz onde industria vive, em boa parte, artificialmente, de proteccionsmo, que tanto custa ás classes populares; e não seria sem razão que, em bem destas, se abatesse áquell'outras certa parcella dessas vantagens anormaes.

Não exigia muito, em segundo logar, porque o seguro cumulativo, facilitado hoje pelas grandes companhias seguradoras, com taxas relativamente modicas, em se tratando, como nestes casos, de operações em massa, adoçaria muito ao capital o peso dessa contribuição para o bem estar dos auxiliares indispensaveis da sua prosperidade.

Em terceiro logar, ainda não exigiria demais; porquanto, em relações como são as do operariado com o patronato, nas quaes se introduzem e reinam tantos preconceitos, tantas desconfianças, tantos attritos, as concessões dos ricos aos pobres, dos poderosos aos humildes, por mais que aprobeitem aos pobres e humildes, sempre redundam em benefícios de ainda maior utilidade aos poderosos e ricos, pela influencia sedativa com que, de uma a outra parte, harmonisam os interesses em contacto.

E', naturalmente, a essa accão conciliativa e refrigeradora das concessões oportunas que alludia o dr. Jorge Street, quando, poucos dias ha, as annunciava deste modo: «Os operarios têm direitos, que o patrão deve j reconhecer sem luta, harmonisando os interesses reciprocos; o que é sempre possivel, quando o patronato se põe directamente em contacto com os seus operarios, e comprehende a evolução geral.»

No Brasil, porém, nunca se faz coisa senão de má vontade, tarde e mal. Se ha interesses em collisão, aos dos desvalidos não se attende, senão quando os fracos, atinando com o segredo da sua força, perdem o medo á do poder, para confiar na propria.

Lei manca

Eis porque, senhores, a lei de indemnisação dos accidentes do trabalho, em vez de ser o que o seu titulo daria a esperar, nos saiu manca, illusoria e contraproducente. Contraproducente lhe chamo; pois que longe de vir como um amplexo cordial entre as duas classes, estabelece um ponto de partida irresistivel a novas reivindicações, que o seu começo de concessão autorisa, e o incompleto dessa concessão irrita.

Appello

Mas, senhores, appellemos, em nome de tudo, para os maiores interessados, para os que têm a superioridade na cultura, no poder e na fortuna: para o governo, para o capital, para a intellectualidade brasi-

leira. A questão social não é uma daquellas, com que se brinque impunemente. Não ha nenhuma, em que se haja de entrar mais a pleno, com toda a alma, com todo o coração, com toda a lealdade. A abolição revestia gravidade mais imponente; porque a eliminação da humanidade, que o captiveiro envolvia, era visivel, e commovia as entradas mais duras. A reorganisação do trabalho não assume essa grandiosidade religiosa, nem se distingue por essa luminosa simplicidade. Mas é de uma grandeza profunda, misteriosa, insinuativa, a que todas as energias do pensamento se vêm attrahidos, e debaixo de cuja expressão complicada se sente palpitar robustamente a justiça.

Até onde, até onde ella se nos revele, e se nos imponha, ainda ninguem o sabe. Nem é nas curtas raias de um colloquio destes que me cumpriria delineal-o, ou amental-o.

Pontos culminantes

Apenas tocarei por maior (deixando o que por menor aqui não cabe) os pontos onde me parecem culminar, já maduras, ou maturascentes, as oportunidades justas desta causa.

Tocarei, apenas, digo, e não cathedraticamente, como quem estabelece dogma, dá lições, ou resolve theoremas, senão sim, como quem, de boa fé, abre o seio ao desejo de acertar, e, apontando o que acredita racionavel, conveniente, necessario, tem, ao mesmo tempo, o sentimento dos riscos do terreno, onde pisa. «Incedimus per ignes». Caminhamos por sobre lavas.

Ainda o seguro

Assim, senhores, a minha primeira convicção, já vol-o disse, é que a lei de indemnisações dos accidentes do trabalho deixou no ventre materno o seu orgão vital, e veiu a lume já morta de nascença, desde que, não admittindo nem o seguro, nem o deposito, nega ao direito reconhecido a garantia certa da sua execução.

A primeira das nossas reivindicações, pois, que se não poderia indeferir, estará no seguro obrigatorio a todas as industrias como condição imprescindivel á seriedade pratica da indemnisação promettida. Sem a obrigação do seguro ou caução não ha, verdadeiramente, reparação assegurada aos accidentes do trabalho.

Trabalho e sexos

A segunda exigencia da justiça, immediata a essa, é a igualdade dos sexos perante o trabalho. A desigualdade entre os dois sexos era, sobretudo, um dogma politico. Mas da politica já elle desapareceu, com a revolução que introduziu de uma vez no eleitorado britannico seis milhões de eleitoras, que, nos demais paizes onde a civilisação põe a sua vanguarda, tem elevado a mulher aos cargos administrativos, ás

funcções diplomaticas, ás cadeiras parlamentares e, até, aos ministerios, como em alguns Estados da União Americana, ha muito, já se costuma.

Nem supponhaes que seja de agora esta minha maneira de ver. Não bato, senhores, moeda falsa; não tenho opiniões de occasião. As tendências da minha natureza, o amor de minha mãe, a companhia de minha esposa, a admiração da mulher na sua influencia sobre o destino de todos os que a comprehendem, bem cedo me convenceram de que as theorias do nosso sexo acerca do outro estão no mesmo caso da historia, narrada pelo fabulista, do leão pintado pelo homem. A mulher pintada pelo homem é a mulher desfigurada pela nossa ingratidão.

Quando cabeças como a de Stuart Mill assim pensam, não se ha de envergonhar um cerebro ordinario como o meu de pensar talqualmente; e, se estas não fossem, ha muito, as minhas idéas, não teria sido eu quem assumiu, no silencio das nossas leis, a iniciativa de aconselhar ao illustre sr. Nilo Peçanha, quando ministro das Relações Exteriores, a innovação de admittir uma senhora brasileira a concurso para um dos cargos da sua secretaria.

No tocante, porém, ao elemento feminino do operariado, a desigualdade é de uma insubsistencia ainda mais palmar. A guerra actual evidenciou que a operaria rivalisa o operario nas industrias, como os de productos bellicos, e nos serviços, como os de condução de vehiculos, em que os privilegios da masculinidade se haviam por mais inquestionaveis.

Mas, como quer que seja, toda a vez que a industria emprega, indistinctamente, parelhamente, identicamente, nos mesmos trabalhos o homem e a mulher, sujeitando os dois á mesma tarefa, ao mesmo horario, ao mesmo regimen, não ha por onde cohonestar a crassa absurdeza de, no tocante ao salario, se collocar a mulher abaixo do homem. Nada tem que ver o sexo. A igual trabalho salario igual.

Trabalho e edades

Onde se impõe a diferença, é quanto ás edades, para se excluirem do trabalho, industrial ou agricola, as que o não comportam, este obstar á exploração dos operarios menores por meio de retribuições mesquinamente leoninas. A lei deve taxar o minimo á edade operaria, assim como ao salario dos menores, e o maximo ás suas horas de serviço. Nisto ponho o terceiro artigo das aspirações da justiça.

Duração do trabalho

O quarto diz respeito á limitação das horas do trabalho. Sete annos ha que um projecto, submettido á Camara dos Deputados, alvitrava como regra legal o dia de oito horas. Noutro projecto, que, ha tres meses, apresentava ao Senado, o senador Frontin, era esse o limite maximo do serviço admissivel entre os operarios da União. Releva que o

principio se estenda ao operariado em geral, como se queria no projecto de 1912. A limitação das horas de trabalho interessa ás condições physiologicas de conservação de classes inteiras, cuja hygiene, robustez e vida entendem com a preservação geral da collectividade, com a defesa nacional, com a existencia da nacionalidade brasileira. Não será lícito, pois, que o deixemos ao dominio da contratualidade, que redundaria na preponderancia incontrastavel da parte mais forte sobre a mais desvalida.

O trabalho nocturno

Em quinto logar, se nos depara a urgencia de remediar aos abusos do trabalho nocturno, com providencias que o vedem, ou o reduzam aos casos de necessidade inevitavel, mas sempre debaixo de uma regulamentação restrictiva e de uma inspecção real.

Trabalho em domicilio

Segue-se, em sexto logar, a precisão de se attender com sérias medidas a uma das chagas doridas e clamantes da vida industrial: o trabalho em domicilio, o trabalho em casa. Sequestrado á communhão dos seus companheiros, as vantagens da solidariedade que mediante aquella se estabelece, o operario insulado entre as suas quatro paredes é um triste explorado, cuja remuneração baixa a mesquinharias lastimaveis, e que definha, na condição do mais triste serviçal, condenado á monotonia eterna da tarefa, miseravelmente paga.

O trabalho em domicilio constitue para o operario a elle condenado sem recurso, uma especie de prisão cellular, onde se lhe mirra a saude, a intelligencia, a capacidade profissional, e a vida se lhe amofina sem esperança, num carcere silencioso, de portas abertas para uma illusoria liberdade. As precauções indicadas ou adoptadas contra este mal chegam até á proibição absoluta desse regimen de trabalho. A esta solução me parece que devemos tender. Enganosa creio que seria qualquer outra.

Gravidez e parto

Outra materia temos ainda, em que se não poderá confiar com segurança a decisão ao arbitrio dos interessados: é a da protecção da operaria no mez antecedente e no mez subsequente ao parto. Aqui se nos antolha uma dessas conveniencias, se não necessidades em que a collectividade social ha de intervir, porque interessam, tanto quanto aos directamente interessados, á sociedade toda.

Dentre centenas de milhares de almas que compõem o operariado, crescendo, constantemente, sobe a dezenas de milhares o numero das mulheres; e bem se pôde calcular o desenvolvimento, com que no seu seio se multiplica a maternidade. Consideradas em relação a sommas tão altas quanto a das criaturas que a ella chegam, numa classe tão

vasta, as exigencias dessa época de crise na evolução da criatura humana envolvem o destino da raça, cuja sorte está, primeiro que tudo, no regaço das mães. Abrigal-as das demasias do trabalho, eximil-as mesmo inteiramente a elle no termo da gravidação e no periodo puerperal, será, da parte do Estado, acautelar-se contra o decaimento da especie, prevenir a degeneração do typo nacional, manter as qualidades saudaveis do povo.

Armazens de venda aos operarios

Considerado, assim, o setimo ponto, assentemos o oitavo, dos que se me afiguram predominantes no ról pratico dos artigos de ingerencia da lei nas relações do trabalho com o capital. Alludo aos armazens de venda, estabelecidos com a côr de beneficio aos trabalhadores, mas que, na realidade, não são mais do que apparelhos de escravisação delles aos captaes, á cuja industria servem. As relações de credor a devedor e devedor a credor, travadas por esse meio entre operarios e patrões, acabam numa sujeição que nunca mais se resolve, num sistema de usura perpetua e lenta, numa espoliação irremissivel, em que se vão todas as economias do trabalho e, com ellas, toda a dignidade, toda a energia, toda a seiva moral dos trabalhadores.

Seria, provavelmente, enexequivel o intento de arrancar pela raiz, em torrão como o nosso, esse praguedo absolutamente damninho. E' mal como a da tiririca, ou o da saúva, contra os quaes se baldam o ferro ou o fogo e nem por isso o ferro ou o fogo descansam. Mas, nas cidades, pelo menos, não será impossivel que uma combinação de medidas legaes bem estudadas nos acerque da sua extincção total.

Basta, senhores. Não me seria dado ir além. Quiz dar-vos apenas algumas impressões do rumo que a minha influencia, provavelmente, seguiria, se eu, nesta materia, tivesse ou viesse a ter responsabilidades.

Reforma social e revisão constitucional

Mas aqui esbarramos no obstaculo, que aventurei, quando conversava com a redacção do «Correio do Povo»: no embaraço que a muitas dessas medidas oppõe o nosso direito constitucional, e na urgencia, portanto, com que se impõe a revisão constitucional, para chegarmos a essas medidas.

Mal me pronunciára eu desta maneira, quando, bocca que tal dissesse, logo me sahiu a desafio um cavalleiro andante dos pampas, dizendo-me de cambulhada coisas, que estão a marrar umas com as outras. Porque o illustre paladino da intangibilidade constitucional ora me brada ser «um erro suppôr-se que a nossa constituição seja incompativel com as medidas reclamadas pela questão social no Brasil», ora, logo de enfusiada, no periodo subsequente, atira á minha ignorancia alvar com a novidade sapientissima de que «os contratos entre patrões e operarios

sendo instrumentos «bilateraes» (o grifho é delle) «não exigem legislação especial, para serem cumpridos».

Isto dito, bate, seguidamente, com essas duas proposições uma contra a outra, acabando por dizer que «o Estado, por suas leis, não poderá intervir nesta questão, senão como garantia da ordem».

De sorte que, no fim de contas, ninguem será capaz de saber se esta palmatoria dos meus erros se agasta de que eu pretenda alterar a constituição, para annullar instrumentos de contratos bilateraes, ou de que eu esteja querendo metter o Estado em seára alheia, quando o levo a intervir por meio de leis na questão social.

O constitucionalista da Convenção das Surprezas não nos deu a ver por que é que o Estado não se pôde ingerir na questão social. Mas, admittida sem exame, em honra do seu autor, a sentença indemonstrada, bem claro é que o homem se entala entre as duas pontas de um dilema fatal. Porquanto — ou se trataria de manter a observância dos contratos entre patrões e operários, e então não seria eu tão asno que, para tal, adyogasse a reforma da Constituição; — ou o que se quereria, era attender ás medidas, reclamadas pela questão social, e, neste caso, o meu contraditor mesmo reconhece que taes medidas se não poderão adoptar, sem que a Constituição venha a ser alterada.

Reconhece, como? Evidentemente: porquanto, no intuito de mostrar a erronia de acreditar que a Constituição não seja compativel com as medidas reclamadas pela questão social, o seu argumento é que, para a execução de instrumentos bilateraes, celebrados entre operários e patrões, não se ha mister de legislação especial.

Já se vê que não era um duello o que eu tinha pela frente: era um jogo de cabra-cega; e com isso não ha que perder tempo.

Não ha, por este mundo além, quem emburilhe a questão social com a observância dos contratos livremente celebrados entre o capital e o trabalho. A méra observância desses contratos é matéria de puro direito civil. Isso se sabe á porta do Forum.

Mas não será preciso, também, ter lido «Comte», para discernir que, quando se fala em «medidas reclamadas pela questão social», o em que se cogita não é em cumprir taes contratos. mas em dar, fóra desses contratos, acima delles, sem embargo delles, «por intervenção da lei», garantias, direitos, remedios, que, contratualmente, o trabalho não conseguiria do capital.

Essas são as leis com que a orthodoxia riograndense ali sustenta que o «Estado não pôde intervir nesta questão». Portanto, se dessas leis interventionistas é que se cogita, dessas leis, para as quaes, segundo o meu contraditor, o Estado não tem competencia (isto, justamente por lh'a não dar a Constituição), obvio é que será necessário alterar a Constituição, para dar ao Estado essa competencia, da qual, até agora, a Constituição o não considera em posse.

Assim, o meu alvorocado embargante, vindo-me ao encontro, como

quem se fazia com terra de desmontar, á primeira lançada, o adversario, outra coisa não fez senão me dar razão de todo na minha these essencial, na unica de que eu podia fazer conta: na these de que será mister rever a nossa Constituição para habilitar o poder legislativo a tomar as medidas que a questão social lhe reclama.

A orthodoxia riograndense

Nem de outro modo pensaram jamais os orthodoxos riograndenses. Assim se pronunciaram elles, rejeitando o projecto Figueiredo Rocha, projecto que limitava as horas do trabalho. A maioria da commissão, sendo partes nella os srs. Carlos Maximiliano e Gumercindo Ribas, condenou o projecto como contrario á Constituição, já por violar a liberdade industrial, que ella consagra no art. 72, n. 24, já por invadir o poder de polícia, reservado, segundo a jurisprudencia americana, como pela nossa, aos governos dos Estados.

Em ambos estes pontos, estou de accôrdo com a orthodoxia riograndense. Não alterada a Constituição, não poderia o Congresso Nacional legislar as mais importantes das medidas sociaes, que ha pouco discuti. No em que estamos em rixa aberta é em não quererem elles, e advogar eu a revisão constitucional, para chegarmos a essas medidas. Elles estimam o obstáculo constitucional para não as dar. Eu, para as dar, pretendo remover o obstáculo constitucional.

A jurisprudencia americana

As decisões americanas, que têm annullado por inconstitucionalidade leis estaduaes e federaes desta natureza, todas se estribam na liberdade constitucional de contratar e no direito de propriedade. «O direito de contratar», resam elles, «é, não só um direito de liberdade, mas um direito de propriedade». E, como esses direitos se acham protegidos, assim pelas constituições estaduaes como pela constituição federal, as leis restrictivas do trabalho, estando em conflicto com esses direitos, em conflicto hão de estar com essas constituições. Por isto, annulladas têm sido alli muitas vezes.

Tal foi a sorte: em 1895, da lei que restringia as horas de trabalho das mulheres, no Illinois; em 1884, da lei que cerceava o trabalho em domicilio, no Estado de Nova York, neste mesmo Estado, também, da lei, que vedava o trabalho nocturno das mulheres, da lei, que, no Colorado, estabeleceu o dia de oito horas para o trabalho nas minas e fundições; da lei, que, ainda em Nova York, limitou as horas de trabalho nas padarias, da lei que, na California, em 1895, prohibiu o trabalho dos barbeiros aos domingos, das leis que os mesmos dispunham no Missouri, no Illinois e em Washington; da lei que, no Illinois, adscrevia os proprietários de minas a ter banheiros, no topo das suas galerias, para os mineiros; da lei federal, o «Employer's Liability Act», que, em 1906, organisou, consoante os principios modernos, a responsa-

bilidade do capital nos accidentes do trabalho, da lei, tambem da União, que, pouco depois, instituiu o arbitramento obrigatorio nas contendas entre operarios e patrões.

Em summa, senhores, segundo a Repartição do Trabalho, no seu boletim de Novembro de 1910, haviam sido averbadas, pelos tribunaes norte-americanos, de inconstitucionalidade, e, em consequencia, declaradas nullas não menos de «cento e cincoenta» leis e regulamentos (cento e cincoenta, senhores !) por intervirem nos contratos de trabalho, no regimen dos operarios, na situação das mulheres e crianças, na importancia e pagamento dos salarios, nas horas de trabalho, e protegerem com outras medidas, assim os trabalhadores, como suas associações.

No Estado de Utah, admittido á União em 1896, o seu supremo tribunal, sustentado, em recurso, pela Suprema Corte dos Estados Unidos, manteve, em 1898, uma lei estadual, que reduzia a oito as horas de trabalho para os mineiros e fundidores. «Mas isso porque uma disposição especial, na constituição desse Estado, art. 16, secção 6.ª, determinava que o corpo legislativo providenciaria sobre a saude e segurança dos obreiros nas fabricas, fundições e minas».

Na constituição do Colorado não existia clausula semelhante ; e, por este motivo, o seu supremo tribunal, declarou nulla, em razão de inconstitucionalidade, uma lei, onde os legisladores desse Estado copiavam a de Utah.

Em Nova York, para obviar a insistencia com que os tribunaes do Estado recusavam execução, por vicio de inconstitucionalidade, ás leis com as quaes se restringiam as horas e condições do trabalho, se acabou por alterar, no anno de 1905, a constituição, «outorgando-se declaradamente ao poder legislativo, naquelle sentido, as atribuições, que se lhe negavam».

Por derradeiro, senhores, e (adverti bem neste ponto) a Comissão Industrial dos Estados Unidos «recomenda a todos os Estados a conveniencia de trasladarem para as suas constituições o texto constitucional de Utah», que investe explicitamente o legislador na função de adoptar medidas restrictivas dos direitos individuaes nas relações do capital com o trabalho, para atalhar a reiteração das sentenças annullatorias nos tribunaes de justiça.

O poder de policia

Verdade seja que varias disposições legislativas têm sido alli sustentadas como constitucionaes ; mas isso por que, sendo todas ellas inspiradas na consideração de abrigarem o operario dos excessos do trabalho e da usura na sua remuneração, «eram leis de policia» ; isso por que, como taes, cabiam nos poderes de policia, commetidos pela constituição nacional «aos Estados», isso, enfim, porque, decretadas, como eram por estes, estavam nos limites da sua competencia constitucional.

Mas, quanto aos poderes de policia a nossa constituição é a mesma.

Esses poderes tocam, aqui também, à competencia estadual. Se, portanto, nos apoiarmos nesses julgados americanos, divergentes dos outros, será para chegarmos á mesma conclusão, isto é, á conclusão de que, podendo apenas os Estados levantar, sobre tal assumpto, as leis que a respeito della votasse que o Congresso Nacional, seriam inconstitucionais e nullas.

Os operarios e a revisão constitucional

Chego, pois, dest'arte, ao corollario terminal da minha argumentação; e este corollario bem vêdes que só poderá ser um. Se os operarios brasileiros são pelo regimen da intervenção da lei nas relações do capital com o trabalho, não poderão deixar de ser pela revisão constitucional.

A revisão, idéa conservadora

A revisão não se apresenta, agora, como um programma de reacção e desagregação entre os brasileiros, senão, pelo contrario, como a estrada para a união e conciliação nacional.

A nação inteira está descontente do seu regimen constitucional; não só dos abusos da sua execução, mas também dos erros e lacunas do seu mecanismo, que deixam sem correctivo abusos tales. Os pacificadores, portanto, somos os que, acudindo ao descontentamento geral da nação, nos cingimos ao que ella os indica, abraçando, como remedio á sua insalubridade politica, a reforma constitucional.

Caso philologico

Mas quem são os que, no Brasil, reguinqam e escoiceam contra a revisão constitucional? Attentae no diccionario, senhores, e vereis que não offendem a ninguem. Não ha razão nenhuma, para que andemos lobrigando no coice uma prenda reservada aos irracionaes. O coice tanto vem a ser o golpe, que a besta dá com o pé, como o que o homem dá com o calcanhar. Não falo no pontapê de que os lexicologos dão o coice como synonymo, porque, segundo elles, é vocabulo de estylo familiar.

Creio, pois, que no estylo grandioso (o adquado á politica), em vez do ponta-pé vae mais á justa o coice; e assim usaram, na lingua prática os grandes e pequenos escriptores, desde Fernão Lopes, «que Alexandre Herculano chamava o nosso Homero, nas suas descripções de casos do paço régio, até á «Academia dos Singulares de Lisboa,» onde vemos gente da mais lidima raiz pensante «jogando murros, «coices» e punhadas». Fique, pois, o escoicear, que é mais altilquo e mais rijo.

Não quero rebaixar o assumpto, nem pintar o quadro sem a sua devida animação, dizendo que a revisão constitucional tem levado pontapés. Estudemos melhor o nosso vernaculo, para não depreciar, sem querer, aos nossos inimigos, tratando-os mano a mano, com indevidas familiaridades. Não é coisa tão leve o que temos apanhado (moralmente)

nas ilhargas e costellas, os revisionistas. As nossas pisaduras accusam contundencias desabridas. São calcanhares, e não cascos, o que nós sentimos nas maçaduras.

Deus para si, diabo para os outros

Mas, senhores, (insisto na pergunta) quem bate assim tão fero na revisão constitucional? Serão devotos, que tenham a constituição em redoma, ou sacrario, com cirios bentos aos lados? Nada! São incréus da mais refinada marca, para os quaes a Constituição é uma especie de vasilha *commum* ao apparato das ceremonias e ao recato das intimidades, — vasilha tolerante de tudo, aonde tudo se embute, onde tudo se mette, e donde tudo se tira. Porque mexermos na Constituição, se da Constituição, como de um chapéo magico de prestigiador, podemos extrahir o que quizermos, ovos, fitas, omeletas, relogios, pombas, ou serpentes?

Ha neste paiz um Estado, onde o sr. Epitació Pessoa declarou á terra e céus que "não existe Constituição", porque a Constituição, de facto, alli existente, nega a Constituição Federal, e a Constituição Federal nega a Constituição alli existente. Basta dizer absolutamente que, nesse parto radical do comtismo, o chefe do Estado absorve quasi todo o poder legislativo, e deste resta apenas um residuo atrophiado, inutil, uma especie de appendice vermiforme, na existencia de uma assembléa, a quem incumbe sómente amanhar e engolir as propostas orçamentarias do chefe do Estado.

Evidentemente, pois, esta constituição está de todo em todo fóra da Constituição Federal, e de todo o ponto em rixa aberta com ella. Pois bem, senhores: é justamente nesse Estado que se não admite a menor mudança na Constituição Federal. São os autores da Constituição daquelle Estado os mais fanaticos antagonistas da revisão constitucional. A revisão constitucional, fizeram-n'a elles, dest'arte, para o seu uso, para a sua facção, para governo do seu Estado. Ali não querem saber da Constituição Federal, senão até onde lhe sirva ella de barreira protectora ao seu monstro positivista contra a intervenção republicana. Fóra dali, porém, ninguem bula na Constituição da União. Toda a castilhada lhe está de guarda. Deus para si, diabo para os outros.

A revisão constitucional é um privilegio, para exercer o qual não pediram elles licença de ninguem; e, depois, como é privilegio delles sós, não dão a mais ninguem licença de tocar em revisão constitucional.

Eis, senhores, eis como o anti-revisionismo retalha e desfraternisa a nação, que o revisionismo tende a confraternisar e unir.

O capital e o trabalho.

Semelhantemente, meus amigos, as reformas sociaes, que vos aconselho, não são as que se embebem no espirito da luta entre as varias camadas sociaes. Nomes ha, que actuam como espantalhos. O de capitalismo é um des-

ses. Não acrediteis que todos os males do systema economico predominante no mundo venham de que os meios de produçao estejam com os detentores de capitais. Os operarios não melhorariam, se, em vez de obedecer aos capitalistas, obedecessem aos funcionarios do Estado socializado.

Não se pôde negar, hoje, o estado de guerra economico inevitavel entre as nações. Dado elle, não havendo nação capaz de se bastar a si mesma, a sorte dos operarios está ligada á da industria, que os utiliza; os trabalhadores, em cada industria, são solidarios com os patrões, e, em cada paiz, os patrões formam, com os operarios, um aggregado natural, interíço, coheso, indissoluvel.

A collaboração mutua das classes vem a ser portanto, uma necessidade invencivel. Não é maior o antagonismo do capital com o trabalho que o das nações umas com as outras; e, se entedemos que o bem da humanidade exige a reducção do antagonismo entre as nações, não atino porque será que não devamos trabalhar, igualmente, com toda a nossa consciencia, pela nossa attenuação do antagonismo entre o trabalho e o capital.

O progresso industrial e commercial depende, essencialmente, do capital. "Onde não existe a grande industria, não existe a grande organisação, a grande fabrica, o grande syndicato."

Assim, o que mais releva, senhores, é que patrões e trabalhadores se approximem uns dos outros; é que, congraçando-se entre si, tornem cada vez menos necessaria a interferencia legislativa nas relações entre as duas classes; é que o arbitramento se converta em meio de resolver automaticamente as suas desavenças; é que ensaiemos a associação do capital com o trabalho, tão desenvolvida, vae por um quarto de seculo, na Gran-Bretanha, onde, ha seis annos, já o praticavam cento e quarenta casas inglezas, nas quaes os operarios, em numero de cento e seis mil, eram accionistas, com os patrões, explorando, com estes, um capital de trezentos e trinta milhões de libras.

Não ha nada mais desejavel do que a cooperação entre as classes, que empregam, e as que se empregam. Os patrões não se devem esquecer de que o seu interesse prende, trava, entroza com o interesse social, nem perder jámais de vista que não se pôde tratar o trabalho como coisa inanimada.

Os mais altos interesses da industria são de tanta consideração para os trabalhadores quanto para os patrões. Trabalho e capital não são entidades estranhas uma á outra, que lucrem, de qualquer modo, em se hostilisar mutuamente. Assim como do trabalho depende o capital, assim, e na mesma proporção, do capital depende o trabalho. São as metades que, reciprocamente se interiram, de um organismo, cujos dois elementos viventes não se podem separar sem se destruirem. Operarios, quem vos disser o contrario, poderá lisonjear-vos, mas não vos quer, nem vos fala verdade.

As medidas tutelares

Nada, entretanto, excusará certas medidas tutelares da lei, quae as de que já conversamos. Faz parte da liberdade individual, sem duvida nenhuma, o direito de antepormos a outro qualquer o alvitre mais do nosso gosto, embora arriscado, si os riscos forem nossos. Mas esta noção não se applica ás classes. As classes, licitamente, podem e devem ser protegidas contra os seus próprios actos, quando elles se entrelaçam com as exigencias de conservação da sociedade. E' ao que alludia o sr. Jorge Street, quando, mostrando-se commovido com a legislação dos accidentes do trabalho, accrescentou: "Commigo hão de concordar todos os que têm coração no logar certo, e lidam com operarios na grande industria moderna, vendo os perigos, em geral inevitaveis, a que estão sujeitos, pela fatalidade do meio e da propria mentalidade profissional dos que alli trabalham.

As constituições

São consequencias da irresistivel evolução económica do mundo. Por isso "as constituições não podem continuar a ser utilisadas como instrumentos, com que se privem dos seus direitos aquelles mesmos que elles eram destinadas a proteger, e que mais lhes necessitam da protecção".

As nossas constituições têm ainda por normas as declarações de direitos consagrados no seculo dezoito. Suas formulas já não correspondem exactamente á consciencia jurídica do universo. A inflexibilidade individualista dessas cartas, immortaes, mas não immutaveis, alguma coisa tem de ceder (quando lhes passa já pelo quadrante o sol do seu terceiro seculo) ao sopro da socialisação, que agita o mundo.

Pela conciliação

Mas, para que se consummem providencialmente essas transformações providenciaes, cumpre que elles se operem, com equidade, com bondade, reconstituindo e não destruindo: cumpre que se apoieem, não na cobiça, não na inveja, não no odio, mas na irmandade, na caridade, na solidariedade, pagando cada camada social, voluntariamente, com a quota de abnegação, a quota das reparações, que ás outras camadas se deverem.

Contra a desordem

Eis por que, operarios, se vos advirto, contra os que vos apostolarem a desordem social, não me julgo menos adstricto a vos admoestar contra a desordem politica. Nem para a revisão do direito social, nem para a revisão do direito politico haveis mister da revolta ou da violencia. Quando me preocupo com a imminencia de commoções e subversões, não é porque as almeje, busque ou estime (cansado estou de implorar que as evitemos), mas porque as temo, as presinto, as diviso.

e querer convencer os que as promovem de que nos devemos unir todos contra os seus tremendos perigos. Nem o gageiro que dá rebate de baixios á prôa, nem o piloto que antes dos passageiros divisa o olho de boi nos longes do horizonte, são os que metteram cachopos na rota do navio, ou accumulatoram no céu o negrume do tufão calliginoso, fatal na sua marcha.

O poder do voto

O voto é a primeira arma do cidadão. Com elle vencereis. Agora, si vol-o roubarem, é outra coisa. Com ladrões, como com ladrões. Quando a offensiva nos arrebata um direito, até onde o exigir a recuperação deste, até ahi deve ir a defensiva.

Comem-vos os parasitas, comendo-vos o imposto? Pois é cortardes os mantimentos aos parasitas. Já vol-o disse. Como? Recusando-vos a pagar os tributos legaes? Não: apoderando-vos, pelas urnas da função legislativa, que é a função do imposto. Quem o não vota, não pôde ser obrigado a pagal-o.

Agora, si vos enxotarem das urnas, si vos tangerem do parlamento, e, salteando a soberania nacional, vos exigirem impostos, que não votastes, porque não elegestes a quem os votou, isso é outro caso. Com salteadores, como com salteadores. Na guerra, como na guerra. O povo não é obrigado a pagar sinão o imposto que votou.

Os filhos da mentira

Mas os filhos da Mentira, cada vez mais sem pejo. Sou eu que prego a rëcusa do imposto; porque eu grito contra os salafrarios, cuja secura gargalaça as torneiras do Thesouro como a dos paus d'agua, na taberna, as garrafas de zurrapa.

Sou eu, ainda, quem préga o maximalismo, porque eu chamo a postos a Nação contra as maximalices de uma politica exactamente igual ás de cujas entradas têm sahido todos os "ismos" revolucionarios e subversores, desde o nihilismo até o bolchevismo.

Emfim, por cumulo dos cumulos, sou eu o orgam diffamatorio do Brasil, sou eu quem lhe encarvôa a reputação: porque eu sustento que o Brasil não é a politicalha, sustento que o Brasil não é a rua de Luiz de Camões, sustento que a rua Luiz de Camões deve sahir da politica, a todo o poder que possa uma Nação não resignataria da sua honra!

Mas, então, era Jesus quem polluia as cousas sagradas, quando vencida pela indignação divina a divina doçura do cordeiro, varreu do templo, a lategada, as traficancias e os vendilhões.

Mas, então, seria de mim, do seu embaixador a Haya e Buenos Aires, que se pudesse queixar o Brasil? de mim é que se havia de sentir magoado o seu credito e nome?

Mas, então, chegaram mesmo algum dia a cuidar os heróes desta bambochata que eu com os seus me pudesse atropilar, que eu me

pudesse aparceirar com os seus na conspiração do silêncio ou da mentira, em que fermenta a corrupção? que eu convertesse a minha consciência em capeirão das maroteiras da época? que eu nem sequer dêsse ao meu paiz os unicos serviços, de que me deixaram, na minha vida, a faculdade, os de ser, no meu tempo e na minha terra um éco incorruptível da justiça?

As candidaturas e o estrangeiro

Gente de tal jaez, na verdade, não é de se levar a sério. Pois não andam ahi a pataratear cousas do arco da vellha os Filhos da Patranha, á conta do boato de que um governo europeu mandou buscar na integra, por telegramma, a minha conferencia da Associação Commercial? Sabem os senhores o que isso, a ser verdadeiro, quereria dizer? Elles o puzeram em pratos limpos. Isso quer dizer que os governos aliados estão impondo a minha candidatura. «Gracchos de seditione quaerentes». Sce-
nas da espionagem boche delantando traições.

E' a consciencia, a consciencia vingadora, que lhes está rosnando na garganta. Si, realmente, governos estrangeiros a tal ponto se interessassem pelos meus discursos, não seria para estranhar. «Primeiro», porque os governos estrangeiros assistiram o meu papel dominante no movimento, que levou o governo brasileiro a quebrar a neutralidade na guerra da civilisação contra os barbaros. «Segundo», porque os governos estrangeiros sabem que eu represento o Brasil, percebem que atraç de mim está a Nação Brasileira. «Terceiro», porque elles sabem que não me corrompo, e vêem que só a verdade sáe da minha boca, enquanto a desses avestruzes da verba dos reptis vomita, em mentiras azinhavradas, o cobre que engorgitam pelas vias clandestinas do Thesouro.

Essa gente, acostumada á clandestinidade nos seus actos e á mentira na sua linguagem, imagina que o Brasil, que o governo de uma nação pôde viver atraç da porta. No cerebro viciado pelo habito de torcer o bem e o mal, de amar o mal, e conspirar contra o bem, idearam um mundo, onde cada povo se insulasse escondidinho nos seus segredos como uma quadrilha na sua ladroeira, a salvo e em seguro de todo o resto da terra. E isto, hoje! nesta época, senhores! Que prodigo de imbecilidade!

Tão vivamente ainda me lembra a mim como se fosse de hontem, que, em 1889, redigindo eu então o «Diario de Notícias», tive a honra de ser apresentado, uma noite, no Theatro Lyrico ao Sr. Phips, ministro de sua magestade britannica. Entrámos, num dos intervallos do espetáculo, em conversa, com certa larguezza; e me fez especie ver como elle conhecia toda a minha campanha de oposição naquelle jornal, quasi assumpto por assumpto. Dei-lhe a perceber; e elle me disse: Não se admire. Tudo quanto interessa a vida publica, nos paizes onde servimos, tudo extractamos, cortamos e enviamos, ou relatamos ao nosso governo.

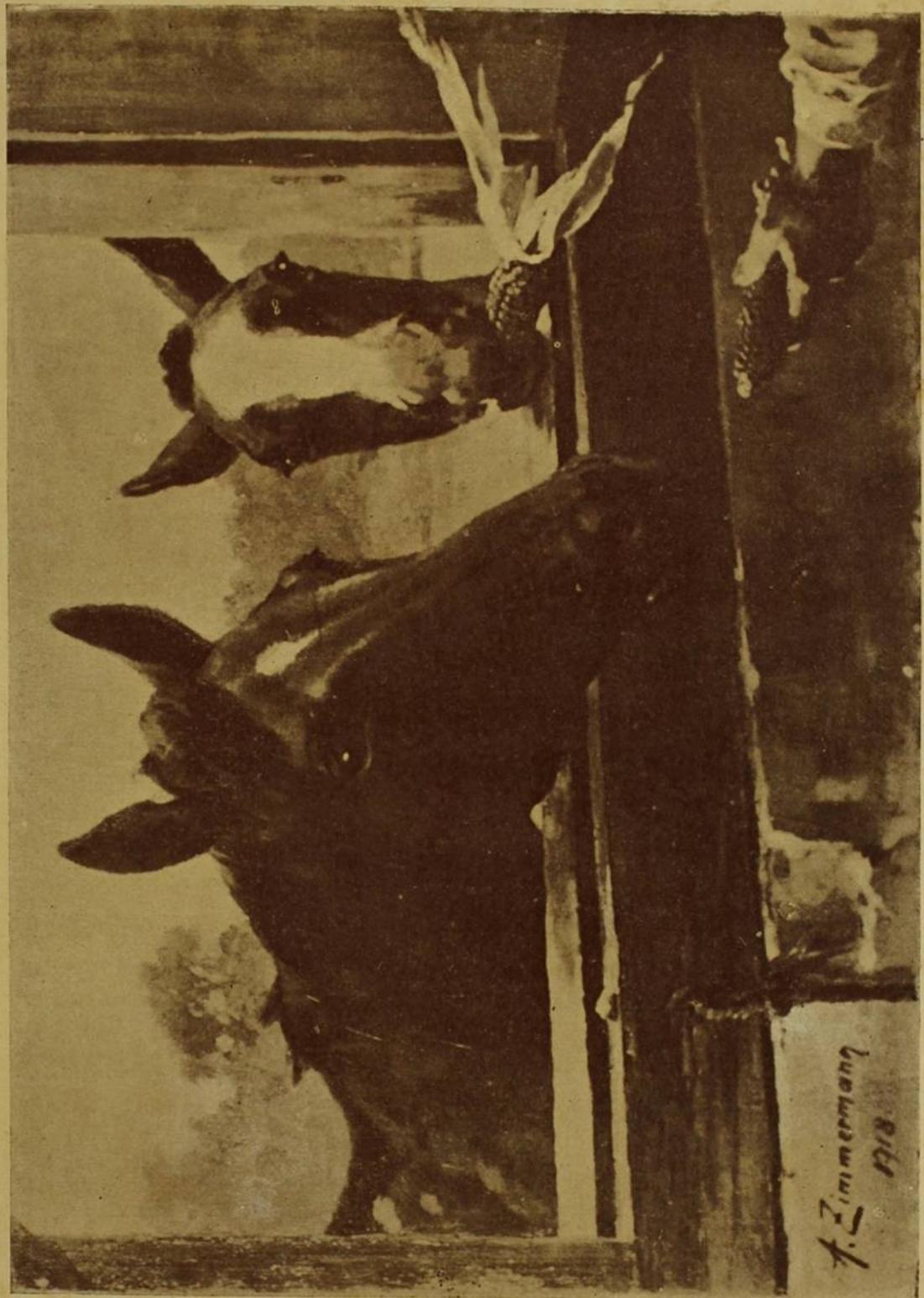
Si assim era então, calcule-se hoje; e avalie-se o estado mental desses farfalhudos patriotas brasileiros, a quem parece que os governos estrangeiros, neste momento, se poderiam desinteressar da eleição presidencial no Brasil, principalmente quando vêem que, depois de se investir na embaixada à Conferencia da Paz um politico de sympathias germanicas ao dia do nosso ingresso á guerra, essa Jmesina personagem é quem agora logra, para a presidencia, a designação official.

Os sete felizardos

Mas, em summa senhores, nada pôde admirar a ninguem num paiz, cujos destinos se trinham á mesa de sete felizardos, como um perú de recheio, em dia de brôdio, entre amigos da boa chira.

Esses sete camafeus do regimen, os donos da situação e da república, andam por ahi rodando apostas sobre quem sejam. Mas o melhor está em que no proprio circulo delles é que parece correr mais accesssa a curiosidade. Elles mesmos são os que se vivem a nomear uns aos outros, e empurrar uns para os outros os papeis da mascarada. O publico não lhe erra a indentidade; porque as caras e as impresões digitae não deixam que ninguem se engane. Seria mistér que eu lhes declinasse os nomes? Tanto não ha de ser neste auditorio a malignidade. Si já os conhecem, porque obrigarem-me a pôr o nome aos bois? Mas, si insistis, vá como quizerdes: não briguemos.

O primeiro é o Sr. Antonio Azeredo, o «succo» do Senado. Accertei? Pois seja Deus louvado. Outro é o Sr. Urbano dos Santos, o passaculpas da matança do «Satellite». Vae direito? Então sigamos. Vem atrás o Sr. Dous Jotas Seabra, o bombardeador da Bahia. Dei no vinte? Neste caso vou me animando. O quarto vem a ser o Sr. Lauro Muller, o nosso Leninesito em esboço. Estaes por isto? Ides então concordar em que o quinto é o Sr. Alvaro de Carvalho, o derradeiro principeleho da oligarchia paulista. Não errei? Pois então apostemos em que o sexto será o Sr. Carlos de Campos, a prole infiel do presidente da convenção civilsta. E o setimo? Fazeis questão de o saber? Vá, por vossa conta. O setimo é o Sr. Altino Arantes, o Adonis do Guarujá. Este pessoalho de optimates forma a charanga allemã do presidencialismo. O flauteante Sr. vice-presidente do Senado, tendo levado em flauta a vida toda, é o homem do flautim. O bojudinho Sr. ministro da Justiça é o sujeito do bumbo e dos pratos. Mas maranha e tataranha pela musica inteira. O preclaro Sr. Dous Jotas Seabra, o estampido em figura de gente, é o trombone da petardada, e nos dias grandes, solta a cabaça da roncadeira, com que se arremeda o rugitar da onça. O adocicado Sr. Lauro Muller é o estradivario «made in Germany». Executa as surdinhas, os e pizzicatos^{as} as fugas de bravura em teuto-brasileiro. O desinquieto Sr. Alvaro de Carvalho, musico em telegrammas, é compositor da fanfarra, o Strauss das improvisatas e surpresas. Valseja indiferentemente á allemã ou ingleza. O meigo Sr. Carlos de



Tambem quero!

DESENHO DE ZIMMERMANN



DESENHO DE ZIMMERMANN

Cahido no fojo

Campos é o rapaz dos timbales e ferrinhos. Tem dous registas na guela, e, com as mãos, tintina, ou atabala, com o mesmo primor de notas opostas. E o Sr. Altino Arantes? Este só musicaria em casa, quando a banda se ajusta para bôdas e funçanatas. E' então a menina do piano.

A philarmonica não será lá das mais numerosas. Mas, para as exigencias da terra, tem as peças de resistencia. Pouca gente, mas para muita. Porque, a respeito desses vinte e cinco milhões de almas que somos, talvez, os brasileiros, caberão não menos de tres milhões e quinhentos a cada um dos tropeiros.

A manada

Desta guisa vamos, pé adeante, pé atrás, mão atrás, mão adeante, ao tom da chocalhada, por essas terras de Santa Cruz, por essas imensidades, que as valladas afundam, as chás explanam; as florestas encrespam, as serranias azulejam, as aguas dos rios argentinam e os raios do sol dardejante semeiam de ouro, — por ahi vamos, a orelha murcha, o olho baixo, o passo apalpante, as moscas ao lombo, cabeceando, banzando, caxingando, na marcha tardonha e trupitante da eterna obediencia, do ramerrão eterno, cansada, arquejante, resignada, somnorenta, sem outro cuidado mais do que o do pasto e bebedouro á bocca.

Eis como elles reputam, senhores, a nacionalidade brasileira. Eis o que elles enxergam no povo brasileiro. Eis o em que elles tudo envidam por converter a humanidade brasileira, manada raciocinante (aos olhos delles, e sob o seu regimen), manada raciocinante, que a natureza apascenta num territorio digno das maiores nações do mundo, e que a disciplina da nossa pecuaria, applicada ao homem, rebaixa ao nível das mais atrasadas gentes da terra.

Esta nudeza moral não se accommoda a folhas de parra. Aos indigenas do Moçambique basta o chibaço, para se terem por compostos e vestidos. Esses daqui entrabajam, com um trapo de rôta hypocrisia, o mais impudico da sua desnudez, e com isto a tem por coberta.

As forças politicas da Nação

Com os mesmos narizes de cera da linguagem consagrada no genero, nos manda o candidato official dizer, agora, de Paris, num telegraphma sentencioso, o seu empenho em que «a eleição corra com a maxima regularidade», e venha «a traduzir verdadeiramente, a vontade nacional», não podendo «ter interesse em fraudar o pleito quem conta a seu lado immensa maioria das forças politicas da Nação».

Como si não fosse com esta mesma effusão de protestos generosos e desinteressados que se tem dado ao paiz o escandalo das mais grosseiras farçadas eleitoraes.

Como si não fosse em nome da «vontade eleitoral verdadeiramente traduzida» que a politicalha de 1910 aquinhoou, em suffragios menti-

dos, o marechal Hermes com os celebres «quatrocentos mil redondos».

Como si não fosse assegurando haver «corrido a eleição com a maior regularidade» que, através da mais dissoluta crapula eleitoral, se consumou, então, com os mesmos elementos politicos da candidatura oficial de hoje, o mais atrevido estellionato eleitoral, de que jamais foi vítima este povo.

Como si aquella candidatura não houvesse tido, também «evidentemente, a seu lado» a immensa maioria das forças politicas da Nação».

Como si, derrotada no escrutinio, apesar de estribada na mesma «immensa maioria das forças politicas da Nação», essa candidatura não houvesse vencido, criminosamente, na verificação de poderes mediante a depuração, no Congresso Nacional, do candidato eleito pelo eleitorado.

Como si essa a que hoje o candidato presidencial chama «a maioria das forças politicas da Nação», e graças a cuja valia pretende elle «não poder ter interesse em fraudar o pleito eleitoral», não fosse, justamente, o mecanismo geral da fraudulencia organisada contra a eleição, neste paiz, a eterna aliança de todas as fraudes classicas na historia das nossas eleições, a união dos grandes estellionatarios coroados na especialidade brasileira de adulteração do voto popular pela connivência das autoridades com o crime.

Como se, portanto, na invocação dessas «forças politicas», agora, pela candidatura oficial, pudesse a nação ver outra coisa mais do que o appello habitual de todas as candidaturas officiaes à fraude official, mãe de todas, abrigo de todas e, de todas victoria previamente descontada.

Indicação, eleição

Um telegramma estampado, há duas semanas, no «Jornal do Commercio», telegramma do seu correspondente especial, e que, dada a natureza do assumpto, bem se calculam as macerações diplomaticas, por que passou antes de entregue á circulação, não oculta que «a escolha do Sr. Epitacio Pessoa surprehendeu a maior parte das pessoas actualisadas com a situação e as cousas do Brasil»; não dissimula os commentarios, de que era objecto a «tão rapida carreira politica de um personagem, de quem, nas vesperas, ninguem se lembrara para tal cargo»; não contesta que «a maioria dos ingleses acreditava mais no nome do Sr. Ruy Barbosa»; não esconde que, ali, havia «pouco conhecimento da personalidade do Sr. Epitacio Pessoa».

Não obstante isso tudo, porém, esse despacho singular começa por nos adeantar, sem ceremonias, que «a indicação do nome do Sr. Epitacio Pessoa como candidato à presidencia da Republica foi ali considerada quasi como a sua propria eleição».

Evidentemente, o «quasi», aqui, está por demais. Entrou como clausula de estylo, para não despir o telegramma da sua gravidade official. O que elle, claramente, deixa ver, e annuncia ao mundo, é que, na

metropole britannica, e, pois, no resto da Europa, «a indicação do Sr. Epitacio Pessoa foi considerada como a sua propria eleição».

Essa indicação o proprio telegraphma declara que surprehendeu a Europa. Essa indicação confessou o indicado mesmo que a elle proprio surprehendera. Essa indicação ninguem contestará que surprehendeu o Brasil todo. Essa indicação, quarenta e oito horas antes, teria surprehendido até a Convenção, que a votou ainda assombrada.

Mas, pela simples circumstacia de ter encontrado a convenção oficial, para a fazer, essa indicação teve na Europa a cotação immediata de eleição consuminada.

Tal o conceito, em que, no mundo, se tem a eleição, se tem o sistema representativo, se tem o governo republicano, se tem a vontade nacional no Brasil.

Eleito o candidato oficial, apenas indicado?

Sim: eleito; porque indicado. Uma vez indicado, eleito.

Essa indicação, entretanto, não representa sinão o conluio dos sete. Prosternemo-nos, portanto, á grande heptarchia. Adoremos o divino septemvirato. Ensinemos o povo brasileiro todo a trazer ao peito em escapularios, e encantoar nos escaninhos de casa como caborges os nomes dos nossos sete padroeiros. Decoremos esses nomes, senhores. Tende-os de cór, operarios. Brasileiros, não os esqueçaes. São os penates. São os santos. São os nomes de nossa boa terra.

Unicos eletores do nosso paiz, unicas forças vivas da constituição republicana, unica expressão definitiva da soberania nacional, são os sete trunfos, as sete sotas, os sete azes desta grande batota. No Brasil não ha mais nada. Deixemos, pois, de escrupulos, e levantemos o culto da Fortuna. Dinheiro! Felicidade! Audacia! Com uma tal aviltação politica, o Brasil não é só um baldio abandonado ás experiencias e avidezas dos aventureiros nacionaes: é uma presa voluntaria, offerecida ás liberalidades e intrigas da absorção estrangeira. Operarios brasileiros, se não renunciaes á vossa terra, olhae, enquanto seja tempo, pela vossa patria.



VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

Versailles — Março, 30.

— Acórdo com intenções respiratorias. Atendo-as assim: automovel novo, particular, com uma bandeirinha brazileira provocando merecida curiosidade; Gaston Hertz, alegre, de familia alsaciana que em 1870 preferiu o exilio campineiro ao germanismo berlinense, peritamente dirigindo a expedição; evitados na «Avenue Bois» dispensaveis esbarros em amazonas que a enchiam sobre cavallos caros; duas interrupções obedientes ao infame «octroi» que já se vai naturalizando nos municipios paulistas; menos duma hora de viagem: e estou em Versailles.

— No historico «Muzeu». Em cinco minutos contrato, pago e enxoto o guia que, logo á entrada, á direita, nas reproduções de sarcofagos, trocára Felipe o Bello de França por Felipe II de Hespanha. Ignobil !

Delibero ver preferencialmente batalhas. Pinta-as o indisciplinado Horacio Vernet com vigor inexaurivel. Na toomada de Smalah, por exemplo, a despeito das dimensões da tela, tudo se agita, todos se movem. A' distancia de oito metros a propria moldura não parece estar quieta ! Na «Batalha de Wagram» o perfil do imperador é o mais vistozo e brilhante de quantos procurou a arte fixar. Falta, talvez, a

Vide numeros de Agosto a Março.

Vernet a correção epizódica de Yvon, e também essa enfase expressiva que, durante algum tempo, collocou David entre os divinizados pela critica franceza. Certo, no «Malakof», o olhar vidrado do moribundo, a bota empoeirada do ferido que reforça a perna e a sinalização das baionetas ao longe, e, no «Bonaparte em S. Bernardo», a sobranceria do heróe, dizem respetivamente a dor em sua maxima intensidade, a audacia em sua amplitude, o desdem completo da impavidez pelo perigo e o predominio da rezolução sobre a incerteza; mas, em Vernet, a sintese artistica é mais altaneira, superiorizando evidentemente o talento sobre a intelligencia, o pensamento sobre a minucia. No «Adeus de Fontainebleau», onde cada figura é uma idéa, Vernet se revela artista como Tinier, consciencioso como Gros, equilibrando unificadamente o pezar, a apreensão, o despeito e a esperança.

— Na «Capella Imperial», onde a «austriaca» jurou fidelidade ao real serralheiro, faltam tres lustres? Roubou-os e vendeu-os a Revolução. No Brazil, no Palacio de S. Christovão, houve identica furtoocracia um seculo mais tarde; louças, pratarias e raridades bibliograficas eram, em Novembro de 1889, vendidas por baixo preço na rua do Ouvidor... Integrava-se a America.

— Sala de Diana. Sala de Apollo. Sala de Marte. Sala de Venus. Fausto deslumbrante! Duma das janellas des cortino os jardins e os lagos. E a galeria de recepção? E o leito de Luiz XIV? Quanta riqueza e quanta patifaria! Herança de nove seculos de despotismo, aquillo tinha mesmo que acabar mal. Como diz o caipira: tinha mesmo de entrar em lenha. Reverso compensativo, porém: quanta gente vive á custa de tantos erros! Fardados, com o prato garantido, sustentando filhos, genros e até sogras, quantos funcionários viveram das glórias e das obscenidades dos Capetos e dos Valois?

— Uma estatua de Luiz XV... Fê-la Cortot. Está equilibrada como o seu autor: tem estudo, imaginação, fidelidade. Preferiria não a haver encontrado. Para más impressões já me sobejavam, hoje, a Lavallière, a Montespan, a Maintenon,

a Pompadour, e até a insignificante Maria Tereza, legitima e numero um na colleção de rainhas do caprino rei-sol, e eis que, á despedida, se me encaixa na atenção a estatua desse nojento! Porque não a espatifam em homenagem áquella eloquentissima sentença «o silencio dos povos é a lição dos reis», com que lhe castigou as manchas o altivo bispo de Beauvais?

— Oportuno desvio de vinte quilometros mostra-me Paris do alto do aristocratico arrabalde de St. Germain. Convenção generalizada e antiga ensina ser muito bonito esse ponto de vista e mais bonita a vista desse ponto. Concordo.

Patria auzente -- Março, 31.

— Um dia no «Palacio d'Eu». Prodigioza a memoria do conde d'Eu! Data por data, familia por familia, esse velho conhece como ninguem o Brazil. Do seu commando no Paraguai lembra os nomes de todos os oficiaes. Quando, na minha habitual franqueza, alludi á ingratidão dos brasileiros, juntou seu protesto ás immediatas contestações de d. Izabel, nossa redemtora imperatriz.

A princeza d. Pia, gentil, distinta, pronuncia o portuguez tão bem como eu. Merecem-se: ella, o esposo e os tres brasileirinhos cuja educação se inicia na escola do desterro e nas agruras da injustiça.

-- Abril, 1.^º

— Saio de manhã. Ninguem ás janellas. Nisso a menina pariziense se diferença da brazileira que, tanto no inverno como no verão, parece figurinha de rotula.

Por falar em verão: não tarda elle, ameaçador como sempre: é a estação da ida para o campo, da dezerção para as praias de banho; começa a faltar gente para o consumo; não tardam as fallencias.

Por falar em fallencias: fallecendo, falliu na vida, em Roma, o milhardario narigudo Morgan, o maior manejador de oiro no seculo passado. Ninguem o excedeu na organização dos «trusts»; ninguem, todavia lhe foi avante na pratica da esmola: sustentava trezentas e cincuenta associações de caridade. Terá grandioso monumento em qualquer cemiterio

Por falar em cemiterio: vou vizitar o dos cães, em Asnières.

Cães.

— A' entrada, frente ao vizitante, surge artístico monumento consagrado ao cão Barri. Morou em S. Bernardo cá da Europa. Salvou quarenta e uma vidas. Documentou, portanto a afirmativa de Plutarco: o cão é o único animal que, para salvar o homem, revela coragem.

A' direita, mais que á esquerda, numerozas lapides de monstram ser a letra «i» essencialmente canina. Sucedem-se Kidi, Fifi, Saci, Mimi, Didi, etc... Num tumulo modesto: «Fox, meu único amigo». Leio noutro: «Cruel fatalidade!»; num outro tres estrofes toleraveis, prometendo ao fallecido jamais lhe dar substituto, e externando a esperança de lhe-encontrar a alma nos espaços intermundios, idéa de Macaulay em referencia a Hampden.

Ha sepulturas caras e curiozissimas. Numa dellas: «Salvou-me a vida. Devo-lhe esta lembrança». Em muitas o retrato do cachorro tem as iniciaes, signatarias, de pintor afreguezado. E' de marmore o monumento do «Príncipe Colibri»; tem inscrição prateada e contribuiu para que, na quadra, o terreno subisse de preço. Examinava-o eu cuidadozamente quando uma moça bonita, puxando um felpudinho, e com enorme ramo de cravos, se aproximou do contiguo tumulo de «Diane», aflorou-o, fitando-o lacrimejante e tentando ajoelhar.

Comovi-me. Pobre coração rico! Estava alli, estava aquella mulher a justificar que «as fibras do coração feminino são infinitamente mais sensiveis que as fibras do coração do homem», asneira que Otavio Feillet redigiu com todos os requintes do romantismo! Conseguindo enterreirar dialogo, insinuei consolal-a prometendo-lhe mandar do Brazil um cãozinho de sete cores, chamado «Sem nome», filho legitimo duma cadella que atendia ao nome «Queseimporta», mas com o habito de só comer carne mastigada.

— E quem mastiga a carne para elle? perguntou-me desconfiada.

— Elle mesmo: respondi, recuando, sem mais explicações.

— Avizo aos interessados: perto da valla cummum, da

banda do sul, o terreno é mais barato. São, em Asnières, observadas quazi todas as formalidades funerarias: depositos, escrituração, funcionários em categoria, classes de enterro, convites, flores de preços variados, etc... Juridicamente redigido, o regulamento, constante de onze artigos e maior numero de paragrafos, traz em annexo a variadissima tabella de preços; vão de 5 a 100 francos os da valla commum, podendo, em determinadas circumstancias, ser de trinta annos o prazo da concessão, e oscillando de 50×70 a 80×100 as dimensões em centimetros.

São por conta do fallecido quaequer despezas concorrentes á placa e transporte do cadaver. Sendo num mesmo local, ha abatimento quando se trata de mais dum cão. A Sociedade Franceza do «Cemiterio para cães», capital de 350.000 francos, telefone 545 — 98 mantem, ainda, alfaiataria, sapataria e impressão de cartões postaes.

Ao empregado que, desdenhozamente, me fornecia essas informações todas, deliberei demonstrar não ser a sua siencia canina tão completa quanto me estava elle a bazofiar. Repentinamente lhe perguntei:

— Por que motivo o cão bate com a cauda?

— Porque está contente; porque festeja alguem: respondeu com entono de absoluta segurança.

Sorri. Expliquei-lhe sentenciozamente: o cão bate com a cauda porque o cão é maior que a cauda; si a cauda fosse maior do que o cão, a cauda bateria com o cão e não o cão com a cauda.

— Remeti alguns exemplares do regulamento a conhecidos meus que se desconhecem, e, pensando no «Cão do Louvre», tão magistralmente traduzido pelo autor do «Eurico», afastei-me duvidando si a minha vizita á «Asnières» fôra engracada ou triste.

Nos Invalídos.

— A' porta, olhando canhões pezadissimos, tomados a inimigos possivelmente levianos, uma estatua do principe Eugenio; porque?

Recuo para dar passagem a um general francez; vai apressado e condecorado. Ganha, informam-me, menos de mil francos por mez: menos que um major do exercito brasileiro. E' justo, é muito justo. Aqui em França os oficiaes militares só têm obrigações militares; no Brazil, porém, têm elles o encargo que patrioticamente contrairam em 1889, de pagar a dívida externa do paiz. E como essa dívida, crescendo todos os dias, passou de trinta a cento e quinze milhões esterlinos, é lógico que vá tambem crescendo, sem interrupção o soldo dos oficiaes do exercito.

Entro. Encontro, a olhar para o teto, a estatua da «Abundancia», receioza de que lhe perguntem o que veiu fazer entre os invalidos.

Grandioso, bello, mas triste o templo. Lá no fundo semiescuro está o que resta do grande sangrador ocidental. O sarcofago, longo de quatro metros, daria perfeitamente para dois criminosos do seu tamanho. Bem em cima, de dimensões naturaes, pouco menor portanto que o de S. Pedro em Roma, curvado, verificando estar realmente morto quem lhe tomou e prendeu um papa, espio um Christo de bronze: bronze tomado em batalhas, instrue-me um mutilado entendido em bonapartismo, e provavelmente tão sabedor de bronze quanto de batalhas foi o filho do Padre Eterno & Cia.

Soletro num sarcofago lateral o nome «Bertrand». Muito bem! A fidelidade, mesmo ao erro vencido, é sempre uma proveitoza lição de moral. Dos apanhadores de fichas na roleta sanguinaria do corso, foi Graciano Bertrand o merito militar que jamais o olvidou: acompanhou-o ás duas ilhas do exilio, defendeu-lhe a reputação, conduziu-lhe á França os despojos mortaes.

— Cultor do pacifismo, quanto mais penso mais me dispo de entuziasmos belicosos. Mas como, as mais das vezes, vestir é melhor do que despir, deixo os «Invalidos» e vou á casa Bertholet encommendar camizas.

Napoleão dellas.

— O Corcovado, o Pão de Assucar, a Tijuca: mas que explendidas vistas da orografia fluminense! No escritorio do

afavel Bertholet fala-se portuguez. A freguezia brazileira é a maior da fabrica. No Brazil o nome de Bertholet é mais conhecido que em Paris.

Camizas esmeradamente acabadas. Uma por uma as examina, discutindo-as com caixeiros e caixeiros, o velho e ainda atividissimo chefe da firma, da escrituração, do serviço todo. Insuflados pela inveja, concurrentes lhe offereceram no mercado nacional acerrimos combates. Audacia inutil ! Bertholet, o Napoleão das camisas, nunca teve Waterloo. Permanente é o seu triunfo.

Passou para as obscuridades da historia a tunica talar do jonio ; dezapareceu, passado a dentro, a longa toga do romano ; a camiza marca Bertholet, porém, sua civilizada descendente, vive, viverá emquanto a nudez for policialmente excluida da superficie da terra. E assim como houve na Grecia o seculo de Pericles, na Italia o de Médicis, o de Luiz XIV em França, ha de haver, necessariamente haverá, em Paris, na rua «d'Hauteville, 82», o seculo «Bertholet».

Tenho dito.

Aeronautica. Abril, 2.

Convite telefonico para ir a Buc, escola de aviação ? Sim. Pronto ! Cinco pessoas : principe d. Luiz e esposa, minha esposa e eu, e, já observador e desconfiado, com quatorze annos apenas, Francisquinho Malta. Ida rapida. Sete maquinas brincando muito acima de nós. Sobrepujantes de belleza, aterreando com graça, mais nos interessavam os monoplanos Bleriots ; os biplanos, porém, prometem maiores vantagens militares.

Segurança. Firmeza na direção. Rapidez nas manobras. A duzentos passos mais ou menos de distancia, em local rezervado por cartaz pedinte de que «não peçam entrada para evitar o desprazer de uma recuza» (original maneira de prévia recuza !), um grupo cresce de minuto a minuto. Que ha ? Quazi nada : Faure, 36 annos, do 2.º regimento de artilharia, ajudante de aviador titulado sob n. 1231, caiu inexplicadamente com o seu aparelho, quebrou as pernas e foi cortado em dois.

Assinalando serem mais que rarissimos dois dezastres consecutivos, pensei experimentar uma ascensão. Protestos femininos. D. Luiz, já viajante de tres ascensões, uma dellas em balão livre que o levou a territorio muzulmano, propendeu para a minha opinião, mas votou com o partido contrario. Não subi. Acorreram-me vingativamente, á lembrança e á fala, nomes de voadores antigos que, maiores de vinte e um annos, deliberaram e realizaram subidas.

Vieram á conversaçao o patriarca Enoch, o profeta Elias, Icaro, Dedalo, o imaginario Icaromenipo, Simão o magico, Bartolomeu Lourenço, Antonio Lisboa (o Aleijadinho), e Julio Cesar de Souza, e Augusto Severo (meus amigos, ambos); e ia eu acrescentar a essa serie de voantes o capitão Lunnazzi, que em 1794 inspirou a Boceage o merecido verso

o sabio é o cidadão do mundo inteiro,

quando o principe, mais pratico, e cogitador do Brazil a todo o propozito, começou a dissertar sobre a utilidade do hidroaeroplano para viagens em nossos grandes rios e para travessia, em poucos minutos, de Niteroi ao Largo do Paço.

Mal aventurada volta ! Farfante, de minha moradia soubera por suas inculcas ex-deputado mineiro ; armara-me seus sillogismos e, com solemnidade, descarregou-me os motivos que tinha para se considerar artigo do Codigo Penal ! Um maniaco firme. Dispondo de impetos para salvar a patria, precipitadamente me repetia o malvado estar pendente da alçada dos furtos o futuro do Brazil inteiro. Tortura !

Fui indemnizado, porém. Antigo conhecimento, que as circumstancias do destino haviam promovido a subalterno consular, me enviara meia duzia de «Correios Paulistanos». Benigno jornal ! Nunca saldarei a gratidão que te devo pelas horas de somno que me tens proporcionado.

No Panteon -- Abril, 3.

— Não me enganou Bonnot com o seu martirio de «S. Deniz». Muito antes de lhe ver o santo, e mais S. Rustica, e mais, o diacono Eleuterio, eu já sabia que esses tres padecentes tinham tido a felicidade de não existir. Deniz, Dionizio, Baco

Eleuterio, Rustica, vinho de uma mesma pipa mitologica, significam uma só personalidade.

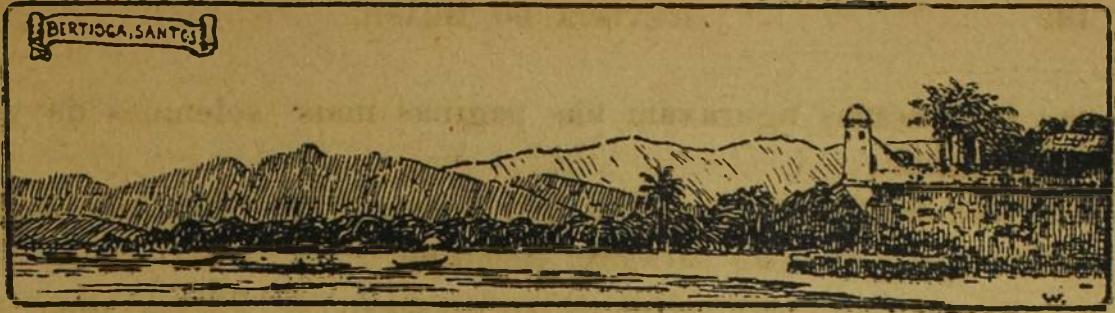
Não me enganou o guia indicando a exorbitante estatua de «S. João de Mata» como do «primeiro que libertou os escravos do Brazil». Muito antes de ver o santo quebrar grilhões, eu já sabia que o Brazil estava na America e que a America só aparecera na siencia européa tres seculos depois de o abolicionista fundador da Ordem da Trindade haver sido abolido do numero dos vivos.

Não me enganou o soldado (voz forte, educação fraca : maltratou e despediu uma mulher que fôra ao Panteon sem chapeu) que nas catacumbas, agrupando duas duzias de vizitantes defronte das janellinhas gradeadas, cuja meia luz obrigara á suspeita de velas de sêbo lá dentro, assumindo proporções oratorias, com virgulado entono recitava: «Aqui jaz Vitor Hugo, grande poeta; nasceu em 1802 e morreu em 1885», o mesmo proferindo, com apenas mudança de datas, a respeito de outros defuntos alli guardados. Distraiu-me a parvoice do cazo, e reparei que o rizo dalguns circumstantes divergia das dimensões, e algumas vezes das noções do clamante funcionario. E quando este, perseverante, aplicou o discursinho ao comportimento donde haviam sido retirados Marat e Mirabeau, reclamei energeticamente entrada e exame no local. A platéa aderiu.

Vivo entrei e saí daquelle cubiculo no qual, mortos e venerados haviam entrado, e do qual mortos e vaiados haviam saido esses dois geniaes patifes. Ri-me. Riram-se os vizitantes da turma. Pela primeira vez, desconfio, o Panteon recebera a vizita da alegria.

(Continúa)

MARTIM FRANCISCO



BOSSORÓCA

Na vastidão esteril do capim barba-de-bode, ora verde, ora maduro e rosado, ora finalmente, amarello e secco, derricado no solo, espinhento como praga — apparecia a velha fazenda Bossoróca, mergulhada numa tristeza de mausoleu secular que ficasse em cemiterio abandonado.

Nem uma arvore fructifera assombrava, alegrando a vista, o vetusto casarão, de telhas verde-negras, de paredes sem cal, roidas pelas chuvas: apenas uma figueira, a distancia, atrahindo os sabiás e os sanhaços, dava um pouco de vida áquelle ermo desolado, lembrança de outros tempos e de outras gentes.

Pelo pasto apontavam as cabeças dos altos cupins bexigosos, figurando tumbas.

Quando se penetrava naquelle sitio mortuário e a vista rolava por sobre o solo maninho, arido, sem um regato que o abeberasse, tendo apenas, lá em baixo, uma poça parada, côr de leite, sob o limo inextinguivel, — o coração ia-se enrolando num desespero: uma saudade indefinivel, de pessoas que não conhecemos, de tempos que se foram sem deixar vestigios — uma coisa qualquer, que anceia e abate, filtrava-se no coração.

— Como se pode viver neste desterro? — perguntavam.

E lá residiam, no entanto, rebentos das melhores famílias da Província, representantes de uma tradicional aristocracia, não tanto de ouro ou de sangue, mas de intelligencia, honradez e patriotismo.

Os antepassados tinham sido homens de bem a toda pro-

va: seus nomes figuravam nas paginas mais solemnes da vida nacional.

Não houve transe difficult do paiz em que elles não assumissem uma posição saliente, decidida.

E tudo isto esboroava-se no emtanto. A antiga raça ia definhando nos pósteros, atrophiando-se dia a dia, mercê de um complexo de causas, sendo a principal o casamento consanguíneo por successivas gerações.

De vez em quando surgia um descendente illustre, no qual o valor da estirpe vinha á tona, como num derradeiro esforço para viver a vida intensa e fecunda dos avoengos mortos; mas a lei terrivel lavrava inexoravel na generalidade dos mais.

Os que ficaram ali na tapera ruinosa, eram, como sucede quasi sempre nos casos de consanguinidade refinada, pessimistas, e sombrios como o sitio em que nasceram e viviam, faltos da iniciativa e orientação na vida: não viviam, vegetavam; não viviam, apenas *duravam*.

E'cos de outros tempos, as gerações ali se succediam como os écos: cada vez mais fracas, até se extinguirem de todo neste ou naquelle ramo da familia.

Aqui nasciam myopes, alli os candidatos à careca, havia acolá os mudos, os andes ou os epilepticos. Multiplicavam-se os casos de esterilidade masculina e feminina.

Mas não havia como demover de proseguir no suicidio lento a familia victima do desastre. Conscientes ou inconscientes, lá iam, amarrados a um cruel destino, perpetuando o depauperamento do sangue.

Os escravos, oriundos tambem de gente mais forte que labutou nas eras de actividade sadia, eram por seu turno, apathicos e vadíos, vivendo com os brancos numa camaradagem estranha, como seus eguaes.

Pelas senzalas esburacadas, em diagonal, sustidas por vigotas carunchadas, viam-se entrar e sair pretos e mulatos á matroca, sem um objectivo, sem uma tarefa obrigatoria, cantarolando tristes.

Ninguem fiscalizava o serviço. Ao meio-dia os pretos,

nas roças afastadas, dormiam a sesta sob os jequitibás colossós, á beira dos ribeirões que margeavam os cannaviaes.

Os *moços brancos* dispersavam-se á gandaia, uns a cavalo em demanda do povoado, outros de espingarda ao hombro, em direcção á ceva de cotias ou ao barreiro das pombas.

Os proprios animaes de sella, por mingua de fontes ou de riachos, de aguas saudaveis, eram magros, arrepiados, tristes, como se tambem nelles se reflectisse o desconsolo daquelle solidão.

Mas era em agosto que a desolação augmentava. Em varios pontos do pasto, numa área de cincuenta alqueires, os pretos ateavam fogo ao capinzal maduro, inflammavel como algodão. E a queima lavrava numa volupia doida. Horas depois, na vasta extensão calcinada e negra, por sobre a qual, voando rasteiros, piavam lancinantes os carapinhés, a casa da fazenda, muda no meio das cinzas, tinha o aspecto de um mosteiro em ruinas, plantado em solo maldicto.

E então como era pungente o cair do crepusculo na fazenda Bossoróca! Se acaso a lua nascia era para dar ao scenario uma tonalidade mais lugubre.

Nessa época do anno é que se via, lá longe, num grande estirão, esborcinada e negra como bocca maldizente, a pavorosa bossoróca, d'onde viera o nome ao sitio: uma escavação profunda de cincuenta metros, por onde rolavam as aguas dos janeiros repetidos mordendo o solo, esfuracando-o descaravelmente, desnudando raizes, fazendo ruir os troncos marginaes e transportando tudo numa voragem enovelada e torva.

Um dia de S. Pedro, porém, a fazenda amanheceu festiva. O mastro alvacente, no meio do terreiro, com fitas rubras entrelaçadas, a bandeirola tufando á brisa, era uma nota quasi extravagante naquelle tristeza geral, como um enfeite assanhado em velha encarquilhada e gasta.

Geara toda a noite, mas ninguem dera por isso, porque, se lá dentro giravam os pares nas valsas, cá fóra fervia o samba junto á grande *caieira* estralejante, ao tum-tum das puitas e tambús, ao tintinar das soalhas dos pandeiros.

E foi assim que se amanheceu aquelle dia. Quando o sol,

creme, se mostrou no ceu lavado. alguns pretos ainda cantavam com voz rouca, dansando em redor do brasido agonizante.

De vez em quando subia estridente um rojão de tres bombas; ou estourava, soturna, a roqueira que salvara toda a noite.

No terreiro largo, em que a cerca de *guarantan*, de tão velha já tomara uns tons de cobre azinhavrado, jaziam, a esmo, toros de madeiras varias, sobre os quaes, tiritando de frio, se assentavam grupos de convivas, mais algum pessoal da casa embrulhados em palas cinzentos ou côr de chocolate com franjas café-com-leite.

Pelo pasto as placas de geada ainda refrangiam os raios solares numa reverberação polichroma, como um firmamento inverso constellado em pleno dia.

A' medida que vinham chegando os que deixam o leito para gozar o calor do sol, tambem chegavam as bandejas de café, com bananinhas tostadas e hordurentos. Quem as trazia era a Euphrosina, mulata liberta, de typo fino e modos delicados, criada com as moças da fazenda como se fosse irmã.

* * *

De repente, lá no alto, a antiga porteira rangeu nos moirões poidos e apontou no pasto um cavalleiro. Era o Luiz da Penha, domador afamado e laçador não menos celebre, pardavasco taludo, de tez lisa e sanguinea, dentes alvos e miudos, riso franco e gracioso. Trazia a tira-collo a viola inseparavel, porque era repentista de pulso.

Andava de tempos áquella parte apaixonado pela Euphrosina, que por mais de uma vez lhe recusara a mão de esposa. Amarrou o animal á cerca e veio expansivo.

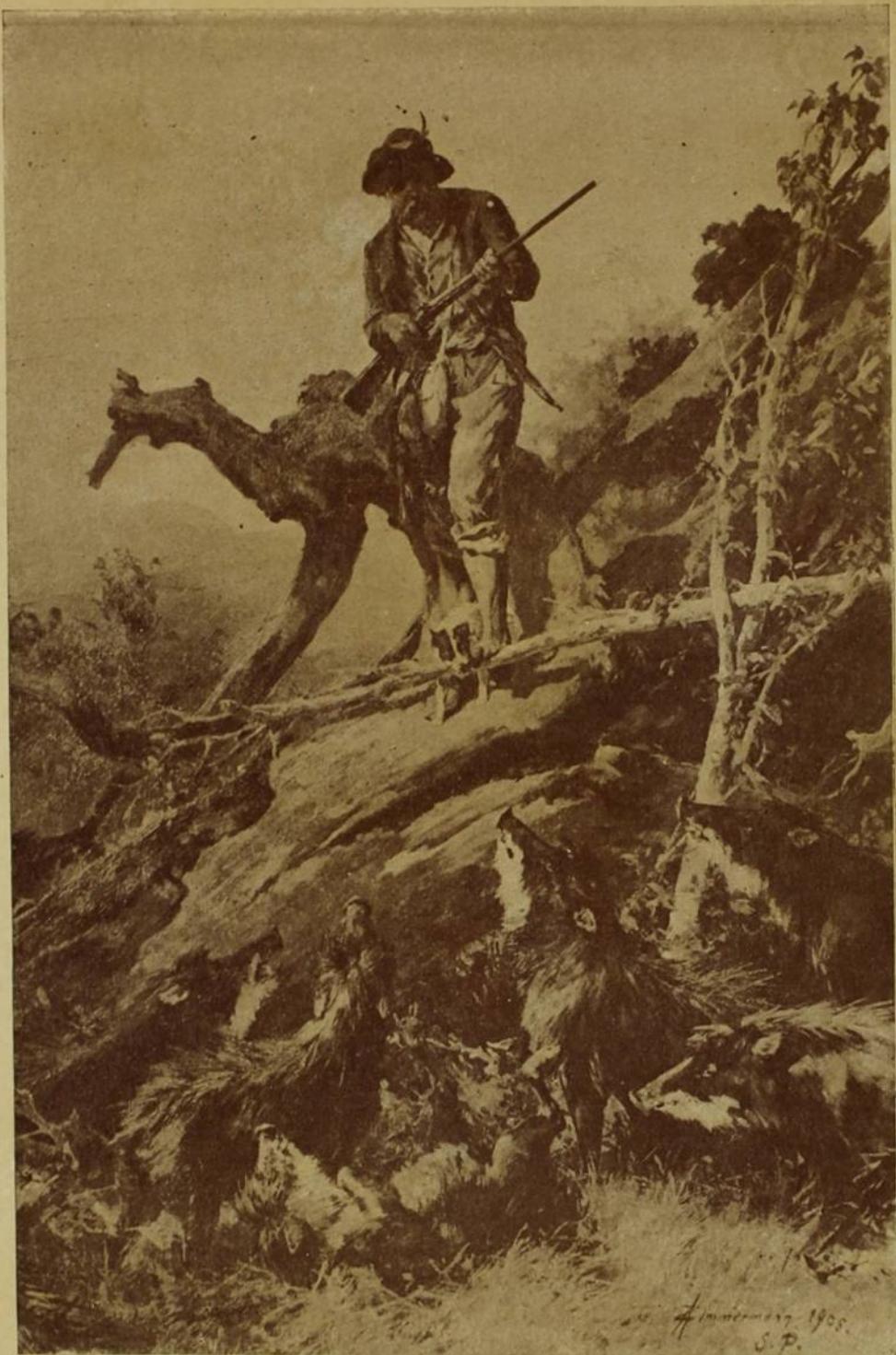
- Meus senhores, bão dia! — e agitava o chapeu.
- Bom dia! — responderam com frenesi.
- Adeus!
- Viva!
- Chegue!

E elle tinha para com todos uma pergunta sympathica que o tornava sobremodo amavel.



Scena gaúcha

DESENHO DE ZIMMERMANN



Espera no gírão

DESENHO DE ZIMMERMANN

Sem cessar, seus olhos impacientes mergulhavam-se no interior da casa, ás furtadelas, á procura da liberta, «mestiça formosa de olhar azougado», como elle cantava tantas vezes. Mocinhas e matronas, de olhos pisados pela insomnio, vinham surgindo pelas janellas, que o sol dourava a meio, enviezado. Era geral o desejo de ouvir o pinho do repentista, que tambem ardia por ser admirado.

Vamos logo ver o som desse aço! — disse alguem.

— Quá! Não vale a pena — respondeu o mulato, fazendo-se de esquerdo. Isto aqui eu trago p'ra me adiverti quando tô sozinho, meu povo... Perto assim de gente limpa este bicho nem não mia, por mais que a gente coce a barriga delle e troça a oreia...

— Olha o enjoado! — observou um moço.

— Está querendo que a Euphrosina venha rogar, isso é que é — ajuntou um outro.

O Luiz agachou-se numa gargalhada e quando se ergueu, lá quasi no meio do terreiro, vinha com a viola feita, aos arpejos doces, e cantando uma quadrinha popular que a fo- lhinha da vespera lhe dera:

«E' verdade — não parece,
Mais é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente».

A voz de tenor, suave e afinada, não discrepanava dos acordes da viola aferida por um ouvido admiravel.

Dos fundos da casa, attrahidos pela magia do canto e pela consonancia do instrumento, ranchos de pessoas vieram acudindo de forma que a porta e as janellas ficaram acunhadas de corpos que se comprimiam. Por trás de todos, erguida na ponta dos pés, buscando occultar-se na penumbras estava a Dulcinéa do violeiro.

E o Luiz foi logo improvisando:

«Quiz casá com Nha Maruca,
Ella fez luxo, não quiz :
Bananéra toma geada,
Mais reonta da raiz.»

— Bravo !
 — Essa não é da folhinha !
 — Essa é sua mesmo !
 — Valeu !
 — Repita a dose !
 — Até parece que é indirecta !

Estrungiu uma gargalhada e a Euphrosina moscou-se.

E o Luiz :

«Hai amô que secca logo,
 Como olho d'agua em janêro :
 Meu amô é que nem fonte
 Dentro da sombra, o anno intêro.»

— Bonito !
 — E' de virar e romper !
 — Essa é melhor ainda do que a outra !

E de novo o pinho gemeu nervoso, e a voz do violeiro, como um protesto cheio de despeito, vibrou mais firme :

«Chumbo grosso mata paca
 Mais não serve p'ra perdiz :
 Meu amô é muito grande
 P'ra mulher que não me quiz ...

E as trovas iam saíndo faceis, cheias de comparações muitas vezes grotescas, mas quasi sempre felizes.

Assim foi correndo o tempo. Veio o almoço, farto de leitoas e cabritos, tutús coroados de linguiça, cuscús com torremos embutidos a arruelas de ovos, como moedas de ouro, arroz louro e secco, com uma grinalda de salsa, palmito jariá e guarirova — tudo acompanhado do apetitoso molho de pimenta vermelha curtida no limão.

Finda a refeição, o mulato pediu licença para arrebanhar as mulas chucras e proseguir na domação iniciada. Era preciso dar o primeiro galope na *Pinhão*, a besta mais alta garbosa e veloz de toda a tropa.

Todos aprovaram pressurosamente as intenções do domador: iam ter festa grossa !

O mulato partiu, e com pouca demora o sincero, bandalho rithmico, avisinhava-se da casa, e, bufando, com as orelhas a pino, atirando coices a esmo, conglobados os lom-

bos no galope desabalado, as mulas congoxosas dirigiam-se para o terreiro de porteira escancarada.

Entraram, e sofreando de chofre o impulso, derramaram-se por ali, resfolegando e nitrindo. Por sobre todos os dorsos ondulava o da *Pinhão*, bello animal, de pernas finas e laivadas de cintas negras revelando-lhe a origem forte — o asno asiatico. Fechou-se então a porteira.

Sem paletó, collada ao corpo a camisa de meia, rubra e listada de branco, com o tosco xiripá a cair-lhe até abaixo dos joelhos, o chapeirão de palha desabado e preso sob a barba por uma fita azul desbotada, o mulato, arrastando com a sinistra o laço enrodilhado, fazia, com a dextra, a laçada flexivel traçar oitos no solo e sarpear depois sobre a cabeça.

O lote espavorido, adensado no canto do terreiro, caras voltadas para o domador, corpos trementes, narinas aflantes, — cravavam no mestiço os olhos a saírem-lhes das órbitas.

E o Luiz foi-se chegando com a laçada a remoinhar nos ares. Num estrupido cavo de cascos que feriam o sólo no atropélo, o lote arisco laceou como serpente monstro e foi passando célebre em frente ao laçador perito.

A laçada oblonga, certeira como uma fatalidade, zuniu alto no espaço, vôou, cerrou no tempo azado caiu e apanhou nos gorgomilos a besta collimada.

Firme como um esteio de aroeira, com o braço esquerdo apoiado no quadril e segurando o laço, o pé direito para a frente como pregado no chão, o Luiz apurou o choque por tal forma que a mula focinhou e ergueu-se tremula. Vieram mais pessoas. Chegou-se a besta ao moirão do centro. Puze-ram-lhe o boçal, e depois, a custo, uma por uma, as demais peças, rematando tudo o lombilho curto, de bordas arrebitadas e minusculos estribos.

E ali ficou a *Pinhão*, estirando para trás, com os olhos verdes desferindo chamas, como se as entranas se lhe transformassem numa fornalha de odio e maldição.

— Eh lá bicho! — exclamou o Luiz, fazendo cantar o tala bipartido nas ancas do animal.

A besta atirou um pulo, deu dois corcovos e voltou, gemendo á posição anterior.

Lépido, o mulato cavalgou-a. Desprendeu o boçal e deu com o tala na taboa do pescoço.

A mula guindou-se, como num vôo fantastico, embodocou o dorso no ar, sacudiu a cabeça entre as mãos, bateu secca no sólo e poz-se aos pinchos furtados.

— Abram a porteira! gritou o Luiz.

A porteira abriu-se e a mula azulou por ali aos solavancos em busca do descampado. E afundou pela macega a dentro, macega alta e compacta, onde mula e domador, ora sumindo, ora crescendo, davam a idéa de um bôte macabro a rebolar-se ás tontas num braço de mar vazio e morto.

Os espectadores devoravam com os olhos o scenario.

De subito, porém, a besta, cansada de pular inutilmente, preparou-se para uma disparada. E viu-se logo o domador herculeo, obliquo sobre a mula, tentar contê-la. Debalde! A *Pinhão*, com a bocca aberta e sangrando, o queixo unido á garganta, anullava, quasi, a tensão muscular do cavalleiro. Agarrado ás cannas da redea, o domador vergava tanto o corpo que as abas do chapeu roçavam por vezes as ancas do animal.

A anciedade começou a apoderar-se dos circumstantes: era evidente a gravidade da situação. E todos principiavam a ver que o domador perdia mais e mais em resistencia, ao mesmo tempo que a besta ganhava em velocidade.

E o animal frechou direito rumo da bossoróca, minguando sempre aos olhos na indomita voragem, transpondo os cupins aos saltos, rasgando móitas de coivaras, afundando nas capoeirinhas de assa-peixe para reapparecer adiante nas clareiras, com o cavalleiro escanchado no lombo, mas com a velocidade accrescida.

Ninguem fallava ante o spectaculo: todos tremiam empallidecidos.

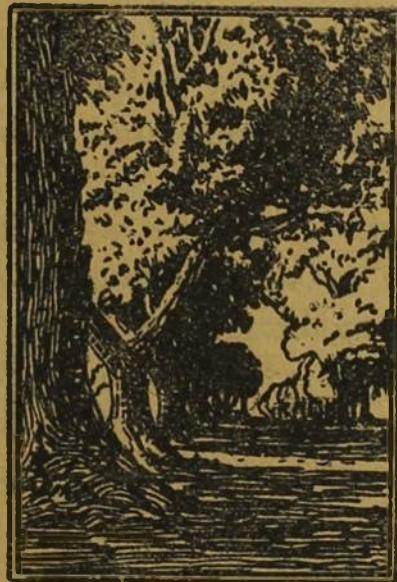
E a besta foi, foi, rumo da bossoróca. Breve, galgou um comorozinho que orlava a parte mais profunda do abysmo fatidico. Viu-se então o cavalleiro tentar um lance de salvação: abriu as pernas, atirou-se para trás e caiu sentado. Mas

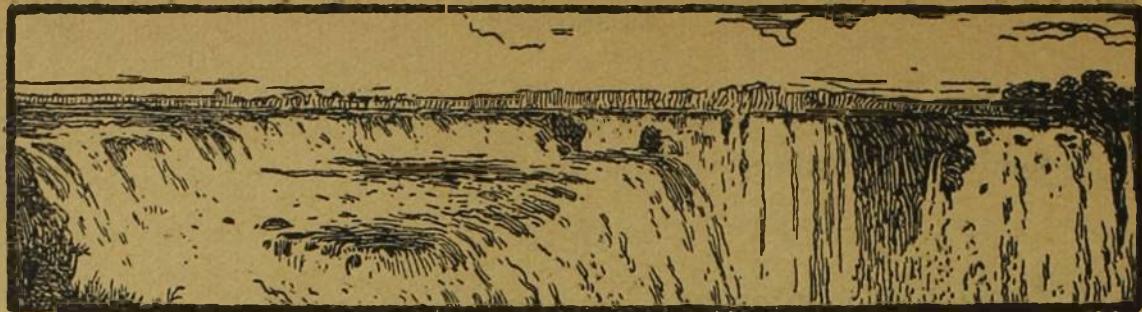
já era na rampa; a terra esborôou-se e, num relance, besta e domador sumiram-se no boqueirão.

* * *

D'ahi a momentos uma nuvem de pó vermelho, cheia e lenta, alou-se no ar transparente, por cima do precipicio.

OTHONIEL MOTTA.





JOSÉ INGENIEROS

CRITICA E REPAROS A' OBRA DO NOTAVEL PSYCHOLOGO ARGENTINO.

Em sua obra «A Base Physica do Espírito» queixa-se amargamente o philosopho brazileiro R. de Farias Brito do descaso que se faz entre nós da philosophia «comparada á vã rhetorica e com ella supprimida como inutil do ensino official».

Bastaria com tudo para lhe avaliar a summa importancia reflectir sobre o facto de que os dois maiores acontecimentos da historia moderna e de mais duravel e universal repercussão: a Reforma religiosa do seculo XVI e a Revolução francesa são incontestavelmente devidas a modificações radicaes que se operaram nas correntes philosophicas das épocas que as precederam. Ha mais. Qual é o pensador moderno que não veja na revolução social que apavora a velha Europa na hora presente a consequencia das doutrinas philosophicas e sociaes de Lassalle, Henry Georges, Tolstoi?

Não pretendemos estabelecer comparações desairosas, mas é mistér confessar que na Republica Argentina as sciencias philosophicas não sofreram o ostracismo em que são tidas entre nós. Um grupo de intellectuaes de grande talento se dedica á disciplina philosophica. Suas producções já chamaram sobre elles a attenção dos philosophos da Europa e da America do Norte.

Alguns viram suas obras vertidas para frances como Carlos Etchard Rodriguez, autor do livro «Biologie énergetique». De outros os livros foram vertidos para o frances e o

alemão e elogiados pelas summidades intellectuaes do velho mundo. O mais illustre desses philosophos argentinos é sem contestação José Ingenieros.

Psychiatra acatado pelos mestres, escreveu obras de incontestavel valor entre outras «La Simulacion en la lucha pela vida», «La Simulacion de la locura», «Criminologia», «El hombre mediocre» e recentemente: «Hacia una moral sin dogma» e «Proposiciones relativas al Porvenir de la Filosofia».

Ingenieros condensou sua doutrina philosophica no seu livro classico que foi traduzido para o francez e o alemão «Principios de Psicologia» que em poucos annos alcançou cinco edições successivas.

E' desta obra que pretendemos expôr e criticar alguns topicos, a noção da psychologia, a questão da geração espontanea, e da origem da personalidade consciente. As criticas que dirigimos ás opiniões de Ingenieros não nos impedem de lhe aquilatar o grande valor philosophico: na philosophia a admiração que nos inspira um autor condiz perfeitamente a nosso vêr com numerosas discrepancias doutrinaes.

§ 1.^o *Methodo e Estylo. Ironia de José Ingenieros.*

Antes de expôr e criticar a doutrina da obra classica de José Ingenieros: «Principios de Psicologia» convém perfunctoriamente alludirmos a seu estylo e a seu methodo. O escriptor argentino merece nesse particular todos os encomios.

Quem por mal de seus peccados se vir obrigado a lér interminaveis paginas de certos autores de obras philosophicas sem conseguir nem com a mais cansativa concentração de espirito penetrar-lhes o sentido das palavras, que lhes servem, qual aos diplomatas ao sabor de Tayllerand para esconder o pensamento e sem lhes poder adivinhar sob o rodeio da phrase a idéa fugitiva, admira como á clareza da terminologia soube Ingenieros unir a singeleza da exposição sempre rigorosamente methodica.

Poderemos a nosso talante discordar das opiniões que professa, e como fal-o-ia certamente Farias Brito, — tão desastradamente roubado aos estudos philosophicos no Bra-

sil, classifical-o entre os contrabandistas do pensamento moderno ao lado de Comte, Hackel, Spencer, Mach. Pelo menos não nos será licito queixar-nos de não entender a sua doutrina sempre obvia.

Os que se dedicam aos estudos de psychologia sabem a importancia especial que têm nesse ramo da disciplina philosophica a precisão e clareza da linguagem. Escreve a este respeito Georges Bohn, no seu livro «La Naissance de l'Intelligence» :

«On a trop l'habitude d'employer des mots dont la définition est presqu'impossible, qui correspondent à quelque chose que tout le monde connaît d'une façon vague mais qu'il croit très nette, tels que les mots conscience, volonté etc...»

Physiologistas, biologos, botanicos desvirtuáram os termos de Excitabilidade, Sensibilidade, Irritabilidade e de muitos outros. Os proprios philosophos, em sentidos diferentes, empregam, muitas vezes diametralmente oppostos, os termos Percepção, Intuição, Consciencia e outros de tal forma que ficou quasi impossivel restituir a cada expressão seu conteúdo real, sua comprehensão effectiva, diríamos em logica.

Esta delimitação do valor significativo de cada termo philosophico Ingenieros soube traçal-a com mão firme e segura. Nada fica de vago e impreciso nas suas expressões.

O que elle escreve no prefacio: «La precision de las idéas se traduce por claridad de linguaje» poderia servir de moto á sua obra.

Estas linhas directrizes lhe caracterizam perfeitamente o estylo.

Ao acertado escól dos termos une o autor argentino a concatenação rigorosamente logica, quasi geometrica da exposição. O seguimento das idéas é claro e obvio. Não ha rodeios futeis, metaphoras brilhantes mas enganadoras, por onde, qual por veredas em campinas floridas, o leitor se deixe levar ao desconhecido na illusão de seguir um roteiro seguro. Seu estylo lembra Spinoza e Taine.

Cada capítulo é precedido da indicação precisa dos topicos que serão expostos e seguido dum curto resumo em que vêm

condensadas as idéas mestras que foram precedentemente desenvolvidas.

E' impossivel em falando do estylo de Ingenieros não chamar a attenção sobre a maestria com que maneja a ironia em phrases curtas incisivas, que lembram a estocada do toureiro castelhano. Alguns exemplos apenas. De Bergson escreve: «Este autor transformou a philosophia em uma elegante rhetorica de metaphoras brilhantes e contradictorias.»

A respeito da mudança de opinião de um autor francez, Georges Bohn, diz Ingenieros: «Bohn leu Bergson e tanto bastou para apprender a arte de affirmar numa pagina a antithese do que escreveu na precedente adherindo á philosophia das contradicções creada por Bergson para o divertimento litterario dos que não são nem philosophos, nem literatos.»

Fallando num livro mais recente das elocubrações metaphysicas] de Kant nota Ingenieros: «Não se pôde esquecer ao lêr estas paginas que Kant foi lente de pyrotechnica.»

Na mesma obra: «Proposiciones relativas al Porvenir de la Filosofia» diz Ingenieros: «Os homens têm mais medo á verdade do que aos explosivos»; e ainda «Ninguem é obrigado a pensar pela propria cabeça podendo adherir a crenças menos perigosas já pensadas na cabeça de outros.»

Por vezes basta-lhe um adjectivo para dar vasante á sua ironia mordaz. Escrevendo sobre a hypocrisia dos philosophos e a incapacidade metaphysica dos polemistas que mais sucesso alcançaram em publico elle enumera; as subtilezas mysticas de Boutroux, os sermões insipidos de Eucken, o antiphilosofismo de James. «Habeis sophistas satisfizeram seus crentes respectivos que nelles acharam uma palavra de alento para doutrinas que já professavam e de obsecração contra aquellas que temiam.»

* * *

Conceito que faz Ingenieros da Psychologia. — Critica desse conceito.

A obra principal do philosopho argentino da qual pretendemos examinar mais detidamente alguns topicos trazia na primeira edição publicada quando o autor mal contava trinta

annos o titulo de «Psicologia Genetica». As edições publicadas na Hespanha e a traducçao franceza, edição Alcan têm por título «Principios de Psicologia Biologica». A traducçao allemã e a quinta edição hespanhola publicada em Buenos Aires trazem o titulo de «Principios de Psicologia», sem adjetivo.

Estas mudanças successivas no titulo da obra denotam da parte do autor uma certa hesitação quanto ao nome que mais lhe convinha, dado o assumpto de que trata. Ha nella quasi mais doutrinas metaphysicas, biologicas e sociologicas do que psychologicas, propriamente ditas. Basta para nos convencermos disso a leitura do programma gizado no prefacio da obra: «La psicologia biologica estudia la formacion natural de las funciones psiquicas en la evolucion de las especies vivientes, en la evolucion de las sociedades humanas y en la evolucion de los individuos.» E ainda: «En nuestra doctrina de la psicogenia se articulan rigorosamente tres hipotesis fundamentales: la formacion natural de la materia viva, la formacion natural de la personalidad consciente, la formacion natural de la funcion de pensar.»

Eis um programma vastissimo.

Assim é que se derribam barreiras, que se rasgam horizontes! Eis-nos bem longe do conceito acanhado da Psychologia «sciencia dos phenomenos de consciencia»!

Não levamos a mal a Ingenieros o ter lançado ao ferro velho esta definição antiquada que sempre combatemos. Já em 1913 escreviamos no nosso despretencioso compendio de Psychologia a respeito desta ultima definição:

«Sendo innovações mal cabidas em um livro elementar comecei por reproduzir a definição que foi introduzida na philosophia por Jouffroy que, em 1826 escrevia já «Psychologia é a sciencia dos factos de consciencia» e que foi adoptada por Ribot, Wundt, Höffding e quasi todos os psychologos modernos.

E' comtudo muito imperfeita pois que todos os tratados modernos de psychologia se occupam de muitos phenomenos inconscientes, quer pathologicos, quer normaes, como sejam a memoria conservadora, o instincto, o habito, o reflexo. Esta

definição não convém pois, sendo o ofício de uma definição caracterizar o domínio em que esta ciência estende seu império e indicar os limites que separam este domínio das ciências congêneres.»

Ingenieros exprime-se de uma maneira quasi identica. «*Las funciones psíquicas (en genero) embarcam una área mucho más vasta que las conscientes en particular, una gran parte de aquellas puede e suele desempeñar se fuera dos estados de consciencia.*»

O philosopho francez Binet tentará remediar o defeito da definição classica e propoz substitui-la pela seguinte: «Psychologia é a ciência dos fenômenos de consciencia e das quais que inconscientes em certos casos são conscientes em outros.»

Emenda, sobre timida, falha, destinada a não grangear aceitação. Mais radical foi a reacção do illustre psychologo russo Bechterew. Exclue este philosopho por completo o estudo da Consciencia de sua obra magistral «Psychologia objectiva».

Diz nas primeiras linhas de sua obra :

«La psychologie qui va être l'objet de notre étude, ressemblera peu à ce que jusqu'à présent on a compris sous ce nom. Le fait est que dans nos recherches il n'y aura pas de place pour les phénomènes subjectifs qu'on appelle généralement états de conscience.»

Este conceito ter-lhe-ia merecido da parte de Farias Brito uma critica acerba, pois na sua obra a «Base physica do Espírito» escreve este autor: «Psychologia sem introspecção não é, pois, sómente cousa impossivel, porém no mais rigoroso sentido da palavra cousa *absurda!*»

Não subcreveríamos uma condenação tão radical. Concedemos com tudo ao philosopho brasileiro o direito de achar que a innovação de Bechterew pecca por excessivamente radical. Passa dum excesso a outro.

Vejamos agora mais de perto o programma de Ingenieros. Já escreviamos, annos atraç a este respeito num artigo publicado na «Revista dos Educadores», que dirigiamos: «José Ingenieros nos seus Princípios de Psicologia Biolo-

gica, retomando a noção aristotelica e néo-escolastica que faz da psychologia a sciencia do principio vital (ainda que em sentido differente) se propõe resolver os tres problemas da origem e natureza da vida, da origem e natureza da consciencia, da origem e natureza do pensamento.»

Differe em dois pontos essenciaes da generalidade dos psychologos modernos: primeiro, pelo ponto de vista philosophico, digamos metaphysico, sob o qual se coloca, pois que as questões attinentes á origem dos seres e phenomenos é da alcada da methaphysica; segundo, pelo ambito exagerado que dá ás questões psychologicas.

O primeiro caracter especial de sua obra foi claramente percebido e denunciado pelo mais illustre dos psychologos franceses Th. Ribot que diz da obra de Ingenieros «que é uma *Philosophia da Psychologia.*»

O autor argentino não é o unico psychologo moderno com tendencias metaphysicas. Escreve a este respeito A. Binet no seu livro: «Corps et âme»: «Il y a une tendance des psychologues modernes à s'intéresser aux problèmes philosophiques les plus élevés et y prendre position.»

A essa direcção se filiava entre nós o malogrado R. de Farias Brito.

A segunda particularidade de Ingenieros a que alludimos resalta das incursões do autor no campo da physiologia e da biologia. As questões da origem da vida, da geração espontanea, da composição chimica dos seres vivos são consideradas como do dominio da biologia, não da psychologia.

Uma unica escola philosophica moderna, a dos néo-escolasticos a que Ingenieros não pertence por nenhuma de suas opiniões pôde considerar como justificada a inclusão desses problemas biologicos na psychologia. Sendo para essa escola a psychologia a sciencia da alma, isto é, do principio vital, que, seja elle qual for, faz com que um ente viva não levantariam os psychologos dessa escola objecção motivada contra a posição assumida por Ingenieros?

Pessoalmente desejariamos que fossem já na propria definição da psychologia discriminados os phenomenos vitaes cujo estudo lhe pertencem e aquelles que pertencem a outras sciencias, no caso presente, physiologia e biologia.

A essa preoccupação respondia a definição que propunhamos em 1912 na primeira edição do «Compendio de Psycho-*logia*»: *Sciencia dos phenomenos de relação especialmente considerados sob seu aspecto consciente.*

Assim ficam excluidas claramente do dominio da *psycho-*logia** os phenomenos da reprodução e da nutrição, incumbente, á biologia e a physiologia, e fica indicado o ponto de vista formal sob o qual são examinados, não exclusiva mas especialmente, os phenomenos de relação.

A uma tendencia identica responde certamente a definição escolhida por Georges Bohn: «*La psychologie est là science du systeme nerveux*» mas tem o defeito de não eliminar as funcções do sistema nervoso do grande sympathico e excluir os phenomenos de relação dos seres unicellulares. A que escolhemos ainda agora nos parece melhor caracterizar o dominio a que a *psychologia* estende seu imperio.

Não colhe, a nosso vêr, o que pretende Ingenieros, isto é, que por esta delimitação fica a *psychologia* transformada «en la ciencia de lo insignificante.»

As obras fecundas de Ribot, de Bechterew, de Munsterberg de Biervliet e de tantos outros autores que poderíamos citar, se fosse nosso intuito alardear vã erudição, provam quanto ha de exagerado nesse juizo summario do *psychologo-biolo-gista-metaphysico* argentino.

As obras de Kostyleff, sobre a «*Crise de la Psychologie experimentale*», e a mais antiga de Foucault «*La Psychophysiique*» não podem servir de esteio á sua «*boutade*» ironica. Só um ramo da *psychologia* foi objecto das criticas aliás justificadas desses dois autores.

Além de incluir numerosas questões de pura biologia e sociologia na sua açambarcadora *psychologia*, Ingenieros lhe subordina por completo sociologia, logica e moral, cujos direitos á independencia são innegaveis.

Nos estreitos limites de um artigo de revista não nos é possivel fazer valer esses direitos.

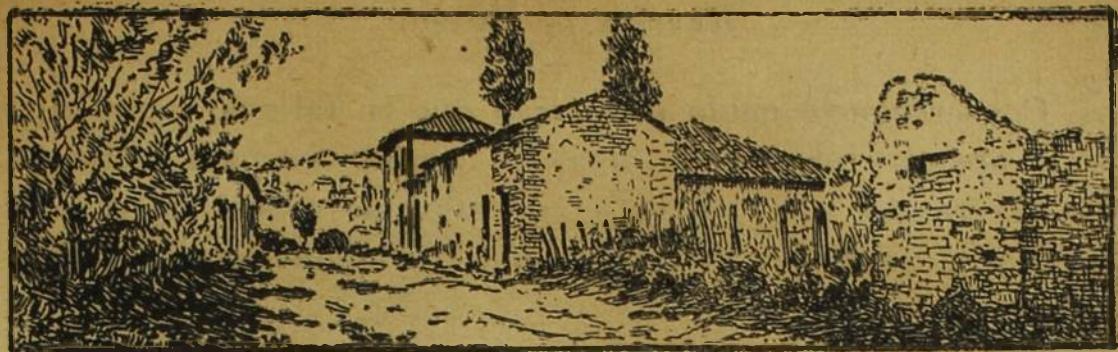
Quanto ao sabor metaphysico dado por Ingenieros á sua

psychologia pretendemos voltar ao assumpto em outro trabalho sob o titulo «Conceito da metaphysica em R. de Farias Brito e Ingenieros. Philosopho brazileiro versus philosopho argentino.»

HENRIQUE GEENEN.

(Continua).





PAIZ DE OURO E ESMERALDA ⁽¹⁾

VI

D'ahi a instante estavam todos na espaçosa sala, maravilhosamente illuminada por grande e rico candelabro guarnecido de lampadas electricas. Era sumptuoso o mobiliario, e todo o conjunto revelava, se não gosto muito apurado, ao menos conforto e mesmo fausto.

Sentaram-se. Maria Luiza ficou como que casualmente ao lado de Angelo.

Strauss dirigiu-se para a mesa, a um angulo, onde se amontoavam os ultimos jornaes e revistas. Era um velho habitto. Todas as vezes que ia a casa do coronel e não o encontrava, como sempre fôra inimigo de praticar futilidades, que para elle o eram sobretudo as conversações de salão, ia-se para um canto a lér Deus sabe o quê. Folheava infatigavelmente as gazetas, e não parece absolutamente inverosimil supôr que seu apparente interesse não passava de disfarce ou industria para mais socegadamente metaphysicar de si para comsigo. O certo é que então seria difficult arrancar-lhe uma só palavra. Lá ficava como si não estivera em sociedade. Chegavam por isso a esquecer-se de sua presença, que só se denunciava de vez em quando pelo ruido do dobrar ou desdobrar das folhas.

Viriato por sua vez era sobrio de palavras, como de ges-

(1) Vide numeros de Dezembro a Março.

tos. Conservava-se mudo a ouvir o que se fallava, permittindo-se apenas intervir lá uma ou outra vez para rectificar uma expressão que acertasse de sahir ao avesso de tudo o que no mesmo genero mandavam os indefectiveis classicos portuguezes.

Julia e Beatriz sorriam para o professor, sem acharem que dizer. Aquella, bastante estrabica, era de um pallido doentio. Preoccupava-se muito com as ultimas modas e gostava de dar-se ares de grande senhora, embora não atinasse ao certo com o em que consistia ser grande senhora. Tal inclinação fazia-a mudar de attitudes com espantosa volubilidade. A's vezes estudava em mostrar-se glacial, lançando olhares de alto aos que se lhe approximavam. Outras, porém, era toda extremos de brandura e affabilidade. Já Beatriz era uma como reproducção em ponto pequeno de Maria Luiza, apenas mais folgazan, attenta a traquinice e estouvamento peculiares á sua edade.

As duas sorriam para o professor, como que convidando-o a dizer alguma cousa,

— Tá, tá, creanças — disse elle sem perder a gravidade. Alegrar, alegrar, minhas filhas...

Todos riram cordialmente, excepto Strauss, que lá estava em sua faina de correr, uma a uma, as folhas e revistas.

Angelo e Maria Luiza pareciam ambos perturbados. Trocavam palavras banaes sobre o tempo, o clima de S. Paulo, os serões musicaes do salão High Life... A proposito contou elle que havia recebido convite para fazer um discurso, num dos intervallos do proximo concerto promovido pela Sociedade Nacionalisadora.

— E o senhor vae fallar? perguntou a moça com visivel interesse.

— Nem por sombra tive a idéa de acceder ao pedido. Tenho horror a taes exhibições, dona Maria Luiza. Nunca me senti com vocaçao para orador.

— Pois eu acho que devia acceitar o convite, contraveio ella sorrindo encantadoramente. Pretendemos ir a essa reunião... E gostaria muito de ouvil-o.

Angelo estremeceu. Aquelle modo de fallar soava-lhe a



DESENHO DE ZIMMERMANN

Cahido no fojo

DESENHO DE ZIMMERMANN

Pouso ao relento



uma quasi confissão de amor. Deliberou-se a aproveitar a occasião para esclarecer bem a sua situação.

— Apezar de meu horror a fazer discursos, asseguro-lhe dona Maria Luiza, que não ha sacrificio a que não me sujeitasse a fim de ser-lhe agradavel, afoitou-se a dizer, assustado já de haver ousado tanto.

Ella pareceu desconcertar-se. Mas foi obra de um relâmpago. Sorriu maviosamente:

— Não creio que isso seja um sacrificio para o senhor. Seu talento lhe tornaria facil a tarefa e, estou certa, lhe faria obter um grande triumpho.

Angelo agradeceu enrubesido a gentileza do cumprimento. Mas permaneceu em duvida acerca do que o absorvia inteiramente naquelle momento, isto é, — saber se era ou não correspondido em seu vehementissimo amor.

— Conte-nos uma historia, professor, — dizia a Viriato a irrequieta Beatriz. Gostava tanto de ouvir uma historia daquellas que o senhor nos contou uma vez, lembra-se?

— Doidinha! interveio Maria Luiza maternalmente. Era só o que faltava... Olhe, professor, essa menina está ficando muito desassisada.

— Vive Deus, que certo lh'as contára, se as soubera, minha filha... Mas nem tudo lembra... E' dos velhos serem mingoados de memoria...

VII

Neste momento assomou á porta a figura espavorida da criada Joanninha:

— Ahi vêm dona Felicidade e o snr. Rochinha.

— Oh! O Rochinha! O primo Rochinha! exclamou Juilia com alegria.

— A avozinha! gritou Beatriz, levantando-se de um pulo.

— Dão-me licença um instante? — disse Maria Luiza erguendo-se para ir recebel-os.

E foram até a porta ao encontro das visitas.

Momentos após entravam na sala os recem-chegados. Dona Felicidade era avó materna das meninas, bem como do Rochinha. Vinha tropega e sumida de velhice. Maria Luiza

apressara-se em amparal-a, ajudando-a a sentar-se numa cadeira baixa, que lhe era reservada. Já ladeado de Julia e Beatriz surgiu o Rochinha todo sorrisos e mesuras, no que aliás não seria difficult descobrir uns longes de desdenhoso tom de protecção.

Seguiran-se as apresentações. Viriato, Strauss e Angelo já conheciam a dona Felicidade. Rochinha, porém, o fallado e quasi fabuloso Rochinha, era a primeira vez que o viam, pois havia longos annos que o elegante joven não se dignava de vir á patria.

— E' *bizarro* esse homem, murmurou o janota, observando o doutor Strauss, que, após os cumprimentos, tornára a mezinha dos jornaes.

— E' realmente excentrico, concordou Maria Luiza, a meia voz, inclinando-se para o primo. Mas é um medico admiravel. Salvou a vida a papae...

Angelo experimentou logo, ante tal intimidade, invencivel horror áquelle calamistrado pelintra, que lhe cahia como uma maldição vinda de Paris expressamente para lançar abaixo todos os seus deliciosos sonhos de felicidade.

— Minha cara prima, disse Rochinha a Maria Luiza, tem hoje um melhor «ar de saude» do que ha dias quando vim cumprimental-as logo depois de minha chegada. Permitta-me «de» dizer que as primas em Paris «fariam sucesso». E' um typo de mulher muito admirado «lá baixo» esse de *fausse maigre*...

O moço fallava com sotaque accentuadamente francez, pronunciando gutturalmente os rr das palavras.

O professor Viriato olhou-o a principio com espanto. Depois tomou o partido de guardar o mais absoluto silencio, descarregando nos movimentos gyratorios que imprimia á grossa bengala a colera surda de que se achava possuido.

Angelo não menos horrorizado ficára, não com a linguagem do Rochinha, mas sim com a desoladora revelação que se lhe fazia de que «o primo» já lá estivera, poucos dias antes, em companhia de Maria Luiza, a quem certo galanteava, tanto assim que todo aquelle aranzel de cumprimentos ia

evidentemente endereçado mais a ella do que ás outras.

— Primo Rochinha, acudiu vivamente Julia com visivel desejo de chamar para si a attenção do moço, é verdade que em Paris as senhoras estão usando...

— ...jupe culotte? Sim, linda priminha. Houve muitas damas elegantes que se deram por *mot d'ordre* de acostumar o publico com a nova moda...

Aqui Viriato levantou-se com um impeto de que na sua edade não parecia capaz e, como quem tem imperioso dever a cumprir, solenne, erecto, á semelhança de um cedro batido de raios, temeroso em sua magestade de representante de todo um passado ultrajado, vilipendiado e cuspido no rosto, atravessou a sala e postou-se em face do Rochinha, que o olhava surpreso e espantado. Respirou fortemente, como para colher forças e alento de fallar e sahiu com esta pergunta:

— Póde o senhorito reduzir a escripto o que acaba de dizer?

— Para que? inquiriu o "parisiense" cada vez mais assombrado.

— A fim de o trasladar em vernaculo, respondeu laconica e duramente o professor.

— Mas em que lingua então estou fallando, se me faz favor...

— Em nenhuma, rebateu gravemente o ancião. Está falando enxacôco. Lembre-se vossa senhoria que grande longueza de tempo passada fóra do logar de sua honra e criação, e mixturada com varios generos de linguas e costumes, é assaz sufficiente não tão sómente a homem ser barbaro em sua lingua, mas ainda a de todo a esquecer...

Houve neste passo enorme desejo de rir, por parte das meninas, como de Angelo e do proprio Rochinha, tão comica se lhes afigurou a indignacão do intransigente purista. Triumphou, porém, o respeito ás cans do professor.

— Elle tem razão, meu filho, disse dona Felicidade. No meu tempo não se ouvia fallar em tanta novidade exquisita. O mundo está ficando perdido...

Essa reflexão da velhinha veio desfazer o geral constrangimento, espalhando um sorriso pela sala.

O moço teve palavras amaveis e carinhosas para aplacar a ira santa de Viriato, que, momentos depois, se despedia, já abrandado e desculpando-se de não poder aguardar o coronel, a quem enviava saude.

— Ainda é cedo, professor, insistiam as meninas. Espere um pouco, que papae não deve tardar.

— Muito me obrigam, minhas filhas... Rendo-lhes grazas... Mas preciso estar de tornada ainda pelo serão...

A verdade é que o professor tinha urgente necessidade de defender o seu systema circulatorio das terriveis arremetidas philologicas do Rochinha.

VIII

Mal que sahiu Viriato, Beatriz virou-se para o italiano:

— Senhor Angelo, porque é que o professor chamou o primo Rochinha de enxacôco? Que é o que quer dizer "enxacôco"?

Riram-se todos.

— Aposto que não ha aqui ninguem que possa responder á questao da priminha, se não é um bom velho diccionario...

— Eu vou buscar o diccionario, offereceu-se Beatriz. E sahio correndo. Houve commentarios e conjecturas. Ninguem de facto sabia o que fosse enxacôco.

Suspendamos o juizo... propôz o Rochinha maliciosamente. Antes de declarar a fallencia completa do nosso saber, devíamos consultar o profundo sabio allemão que preferiu á nossa companhia o prazer archeologico de lêr todos jornaes atrazados que as caras primas amontoaram sobre aquella mesa...

Isto foi dito a meia voz, de modo a não ser ouvido de Strauss, o qual aliás parecia tão absorvido na leitura, que não teria percebido cousa alguma, ainda que houvessem gritado o seu nome.

Tão depressa teve essa idéa, lá se foi o Rochinha em direitura ao doutor, atravessando a sala, antes que ninguem pudesse proferir palavra.

— O senhor pôde fazer o obsequio de explicar-me o que significa a palavra portugueza "enxacôco"?

Foi preciso repetir o pedido diversas vezes para que Strauss desse pelo que lhe queria o joven. Alçou então a cabeça espaçosa e, acariciando a barbica loira bipartida, meditou instantes :

— Enxacôco, côco... *kokkos* é palavra grega muito em uso depois do desenvolvimento da microbiogia. E' destinada a indicar a forma globular de certos micro-organismos... Segue a segunda declinação : *kokkos*, *kokke*, *kokkou*, *kokko*, *kokkon*...

Creio que não é necessario ir tão longe, caro doutor...
Desejo sómente saber o sentido da palavra.

O tudesco deitou-lhe lentamente os raios azues de seu olhar e advertiu :

— Mas para explicar satisfactoriamente uma arestazinha, meu senhor, é ás vezes necessario desmontar o universo inteiro... E' esta uma grande verdade... Tudo se liga no mundo. A direcção que um dado momento leva um grão de poeira depende da economia de toda a natureza, do movimento dos outros mais afastados de nós...

Nisto rompeu pela sala a travessa Beatriz, sobraçando um jôgo de grossos volumes. Era o diccionario.

— Muito grato, doutor, pelo precioso *renseignment*, disse Rochinha, affectando sisudeza.

E foi ao encontro da menina, deixando já remergulhado em seus jornaes o excentrico pensador.

— Que é o que estava dizendo o doutor? interrogou curiosa Beatriz, que alcançára as ultimas palavras.

— Estava dizendo que ha no mundo côco, cuco, coq, coquette, coquine... respondeu-lhe Rochinha, recebendo, a rir, os compendiosos volumes do lexicon portuguez.

Angelo, Maria Luiza e Julia não se puderam furtar á como epidemia de riso que se irradiava de Beatriz e do primo. Este, em perdendo um pouco a preocupação de galear e luzir, tornava-se encantador. Parecia outro. Insinuava-se. Ganhava sympathias. O proprio Angelo ia involuntariamente reformando a primeira impressão.

— Vejamos o diccionario.

Rochinha poz os livros sobre a mesa do centro e procurou: en... en... enxáca... Ah! Está aqui: "Enxacôco"... E leu: "O que falla mal uma lingua estrangeira, mixturrando-lhe palavras da sua. Fallar enxacôco: fallar mal mixturrando uma lingua com outra... Termo antiquado."

Levantou o busto delicado e disse rindo para Angelo:

— E' *èpatant*, meu caro senhor, o tal professor! Onde foram minhas primas descobrir essa preciosidade archeologica!

IX

Até que afinal surgiu á porta o coronel Vieira, que chegava do Club Mundial, de que era um dos socios e aonde costumava ir á noite jogar uma partida com outros não menos notaveis representantes das altas finanças de S. Paulo.

Sua figura dava logo impressão de que a gente se achava em presença de um homem tenaz, seguro de si, habituado a mandar e a ser obedecido sem replica. De mediana estatura, cheio de corpo, barba cuidadosamente escanhoada, cabelos grisalhos e rosto tostado, o coronel parecia um bandeirante redivivo, bandeirante sem abusões, energico, pratico, violento, de volta de uma arremettida feliz pelos sertões, de um commettimento levado a termo com pulso firme e coroado do exito previsto e intelligentemente procurado. Tal era o pae das galantes meninas da rua das Palmeiras.

Entrando, cumprimentou as visitas, dirigindo a cada pessoa breves perguntas de polidez. Depois fez signal que ficassem á vontade e convidou o medico a ir com elle para o escriptorio, que desejava fallar-lhe.

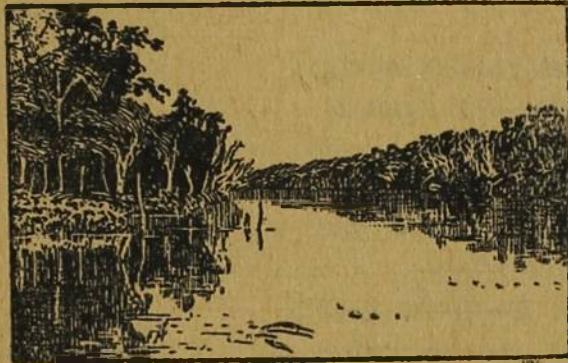
Era o fraco do coronel. Depois de um ataque de *angina pectoris* de que salvára, segundo cria piamente, a pericia de Strauss, julgava padecer de molestias mais ou menos imaginarias do figado e do estomago, sem tomar ao serio a só e grave molestia que tinha — uma lesão cardiaca. Quando o allemão lhe fazia prescripções, dando-lhe a entender que devia evitar cansaços, exercicios violentos, etc., atalhava rindo e batendo com a mão espalmada no peito forte e amplo:

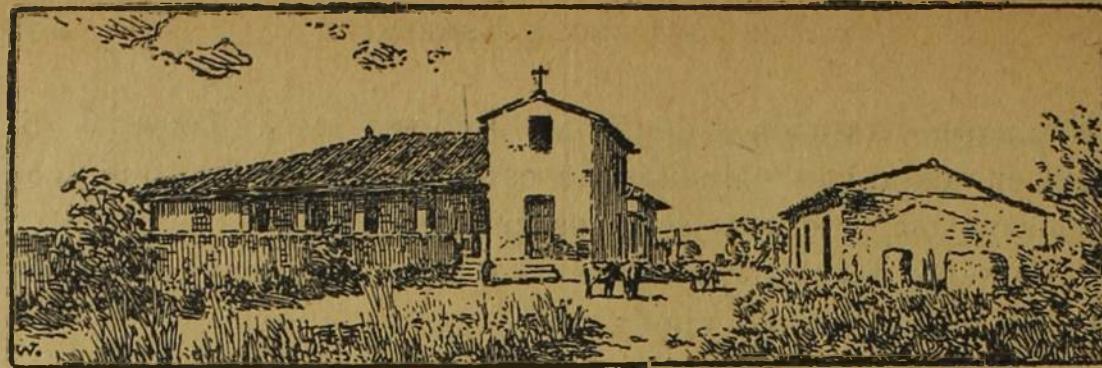
— D'aqui nada receio, doutor. O que me faz mal é

justamente esta vida sedentaria. Pudesse ir ás fazendas dirigir eu mesmo as colheitas de café, e afianço-lhe que não precisava mais de seus serviços profissionaes.

O sabio facultativo calava-se e fazia uma nova combinação de medicamentos anodynios.

J. A. NOGUEIRA.





VERSOR

MELANCOLIA

*Caliginosa noite;
Bate-me á porta
Do coração
O torturante açoite
De uma dorida
Recordação
De historia morta
Da minha vida.
Encarna a pena
E a commovida
Saudade atroz
De extinto amor.
Visão de graça,
Nos ares passa,
Corta-as, veloz,
Mas deixa, após,
O tedio e a dor.
Como é suave,
No seu voejar !
Tem a levesa
Subtil, de uma ave,
Que a chilrear
O ninho tece,
No lindo galho
De uma arvore robusta,
Quando amanhece.*

* * *

Para o amor forte e feliz,
Sorri a natureza
E nada custa
Perpetuar
A obra da belleza
Porque elle o orvalho gera,
A leiva santifica,
A semente modesta
Faz, rápida, brotar ;
E ás proprias coisas vis
Um ar divino empresta
De eterna primavera,
Que as ennobrece e purifica.
Descendo aos filamentos da raiz,
Para expansão do verde vegetal,
Coisas lindas resume
Na simples folha, no perfume,
No encanto especial
Que, ás vezes, tem a flor e o fructo summarento ;
Uma extasia o olhar,
O outro desaltera o sedento.
Elle, o divino amor,
Irmão da morte, irmão da dor,
Faz da vida a lei suprema
Na antithese, que é o poema,
Do seu perpetuo evolver ;
Na benção dos ramos se condensa,
E a nascer,
E a crescer,
Enche de aromas a floresta,
Na transformação intensa,
Nos trabalhos fecundos,
Da eterna criação,
De onde surgiram soes
E onde palpitar mundos !
Suprema gloria é esta ;
Tudo mais é illusão !

* * *

Para o amor infeliz,
Que chora ou se maldiz,
Não fulgirão jamais os arreboes ;
Seccam ae fontes ;
Cala-se a voz do passarinho ;
Onde era o pomar, surge o areial,

*Estéril e maninho.
 E os montes,
 Calcinados de sol,
 Emparedam na dor
 O grande desgraçado,
 O desditoso amor.
 Fina-se o ideal,
 E o carinho,
 Sem norte,
 Deixa esse rincão da morte,
 Onde, de cálix rubro e ensanguentado,
 Uma só flor fulgura :
 — O peccado !
 Um só fructo medra :
 — O odio !
 Triste região, paiz da desventura !
 Ali, em cada pedra,
 Dos amantes traídos,
 Pode-se ler o tragico episodio.*

* * *

*Entre gemidos,
 Minha alma atraessou a senda ingloria
 Mas, amparada á prece,
 Poude cantar victoria.*

* * *

*Parece
 Que dos enleios na corrente,
 A voar, docemente,
 Ave real, vieste
 Buscar, no coração de quem te amava,
 O tranquillo agasalho,
 Que foi teu e não quiseste !
 Mas já não podes transmudar em lava
 A neve que ali jaz !
 Regressa, pois, em paz
 A' tua estancia !
 Flor... perdeste a fragrancia !
 Ave... manchaste as pennas !
 Emmudeceu o canto
 Que me alegrava, nas manhãs serenas
 E em noites de luar,
 Era,
 Vinda,*

*Lá da azúlea esphera,
Uma estrella, a cantar
Linda
Serenata de luz. Ouvia-a, ao longe, o mar.*

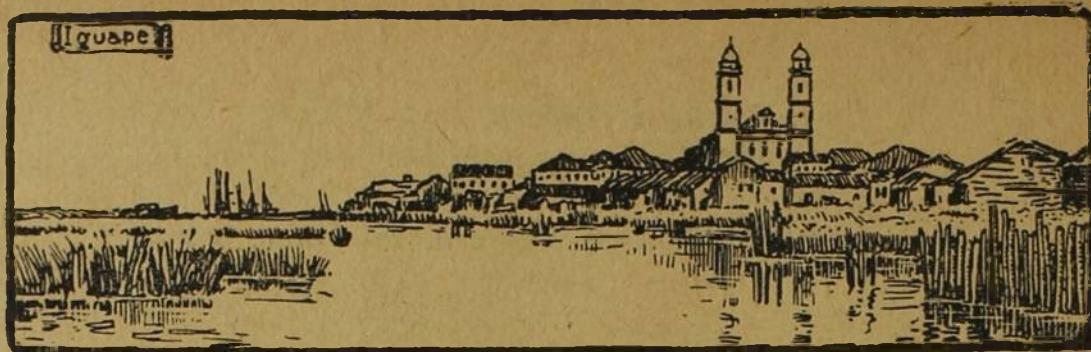
* * *

*Rolou por terra tudo ;
Eil-o quebrado o encanto !
Silencio, ó coração !
Podes cessar, meu pranto !*

* * *

*O passado não volta
Nem mesmo tendo a escolta
Dos magos ideaes da mocidade.
O labio da saudade
Oscúla a minha fronte,
Mas se conserva mudo.
Procura outro horizonte !
Bates, agora, em vão ;
Trago, a sete chaves immortaes,
Trancado o coração,
Que as tuas ironias,
Crueis e frias,
Felinas,
Em gargalhadas argentinas,
Crestaram, dentro em mim, a flor das alegrias !
Vê bem,
Que alguém,
Ali, a fórmula affecta
Do Corvo do poeta,
E grasma e solta o temeroso grito,
Que vai dos céus ás plagas infernaes,
Repercutindo, afflito :
— Nunca mais ! Nunca mais ! Nunca mais !*

CARVALHO ARANHA.



CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL⁽¹⁾

NOTAS Á MARGEM DO RELATORIO
DO DR. NEIVA SOBRE O NORTE.

Navegação dos rios Parnahyba e Itapicurú.

Dois são os portos de mar que dão entrada no rio Parnahyba ás embarcações. O mais importante é o de Tutoya. Esto porto tem sido, e ainda é, o pomo da discordia entre o Piauhy e o Maranhão.

O rio Parnahyba desemboca no Oceano ramificado em varios canaes — *igarapês*, todos mais ou menos do mesmo tamanho, de sorte que se torna um pouco difficult distinguir qual seja, de facto, o corpo do rio. Estudos feitos pelo notavel engenheiro dr. Dodt, têm como conclusão que o porto pertence ao Maranhão. Eu não posso emitir uma opinião propria porque sempre passei por essa zona a bordo de um vapor e como já disse não é coisa muito facil verifícarr com exactidão a qual dos dois Estados pertence o alvéolo.

O segundo porto é o de Amarração. Neste entram os pequenos vapores costeiros, inclusive os do Lloyd, do typo do «Iris». A Amarração fica a 18 kilometros de Parnahyba, onde está a Alfandega de Piauhy e a Capitania do Porto.

A cidade de Parnahyba está situada á margem de um braço do rio Paranahyba o qual se vai lançar ao Oceano em Amarração. Este braço do Paranahyba chama-se Igarassué, geralmente, nos inappas, vem com o nome de «rio Igarasui», quando, de facto não passa de um igarapé grande que se destaca da margem do rio.

Termina-se actualmente a construcção de uma estrada de ferro que ligará Amarração a Parnahyba. São os primeiros 18 kilometros de trilhos assentados em sólo piauhyense. Já se não pôde dizer que o Piauhy «não tem um palmo de estrada de ferro».

Quem desembarca em Tutoya, passa, em plena bahia, do Lloyd para uma «gaiola», pequeno vapor fluvial que o levará em verdade para a villa de Tutoya. Esta villa está assentada sobre um terreno extremamente arenoso e baldio. Todavia, os quintaes são bem arborizados de

(1) Vide os numeros de Janeiro a Março.

preferencia com «cocos de praia», ou da Bahia, *Cocus nucifera* como é conhecido no sul.

Não posso olvidar a impressão que tive ahi, uma vez que pernoitei a bordo da «gaiola», aportado: eram 11 horas e eu não podia dormir. A familia, os amigos, São Paulo, pedaços interessantes da vida vinham-me á mente e como uma creança com a boca cheia de saliva delue um bom-bom azedinho, eu, com os olhos um pouco humedecidos saboreava as saudades. Levantei um pouco a cabeça da rede, e vi toda a villa coberta pela luz da lua. As dunas de areia alva, os arvoredos, casinhas aqui e acolá, davam-lhe o aspecto de um cemiterio. Um poeta, com certeza, teria feito uma linda poesia...

De Tutoya a Parnahyba gästam-se, a bordo de uma «gaiola», 12 horas. Este trecho é bellissimo: os numerosos igarapês, circumdando os deltas, parecem allas de um grande parque, cujos canteiros, cobertos de «mangue» que é uma vegetaçao quasi uniforme, são aproveitados, alguns para cultura de arroz, outros para salinas, dando vida á paisagem. Lindos guarás encarnados, percorrem as vasantes, á procura dos erustaceos de que se alimentam. A tarde, lá pelas seis horas, em enormes bandos, os guarás, vermelhos como carmin, passam voando e se internam nas mattas do continente.

Descendo o Itapicurú, ao passar entre os deltas do rio, vi numerosos bandos de guarás em demanda do continente. Era um lindo espetáculo. Um engenheiro norte americano que estava ao meu lado, a cada bando que passava, exclamava, batendo com a mão direita fechada na esquerda espalmada: «oh ! bilhões». Como os bandos não constassesem de mais de cem passaros, eu olhava para o norte americano, espantado pela sua prodigalidade, e pensava com os meus botões: este bom homem, será tambem capaz de dizer, lá na sua terra, que aqui as cobras são os cipós que ha no matto, e «otras cositas mas».

Quando, mais tarde, travei conhecimento com um distinto engenheiro militar yankee, depois de fallarmos sobre alguns patricios seus que tinham visitado o Brasil, elle me perguntou:

— Conhece Mr. K?

Respondi-lhe afirmativamente.

— Este senhor, acrescentou, lá nos Estados Unidos me informou de que no Piauhy ha 26 annos que não chovia e que, ao atravessar um pequeno rio do interior do Estado, um animal da sua montaria foi devorado pelas piranhas, que somente deixaram a parte que ia fora d'agua!

Não errara no meu diagnostico.

De Parnahyba, depois de passar para outra «gaiola», desce-se o Igarrassú e entra-se no rio Parnahyba após um percurso de 4 a 5 kilómetros, quando começa o vaporsinho a navegar, rio acima, até Therezina.

Si o rio «está com agua» e tudo marchar ás mil maravilhas, em 5 dias avista-se a «Chapada de Corisco». Com o rio cheio, os vapores maiores têm feito a viagem em menor tempo. Mas isso é uma rara exceção.

Subindo, o vapor viaja dia e noite. A' noite os homens ficam no tombadilho, onde armam as suas redes. As senhoras pernoitam num «camarim» grande situado em baixo, onde estão as machinas, justamente a parte mais quente do navio. Durante o dia a viagem é divertida: á medida que o vapor vai avançando a paisagem muda, offerecendo novos scenarios á vista curiosa dos viajantes.

Quando se deixa o «Igarassú», são os grandes carnahubaes que empolgam o sentido de quem não esteja affeito á contemplação destas terras. Mais tarde apparecem as palmeiras «babassú», ou «de macaco», como são mais conhecidas no Piauhy. As noites para quem não está acostumado ás coisas do Norte, não são muito agradaveis a bordo das «gaiolas». Antes de tudo, o sulista não sabe ajeitar-se na rede; vira de um lado, vira de outro, põe a cabeça onde estavam os pés, abaixa um pouco mais a rede, suspende-a de novo, e de repente, quando menos o espera, um punho da rede mal amarrado se desata, e lá dá o nosso sulista com as costas no assoalho. O pessoal todo ri. Isto dura até que um dos companheiros de viagem, nortista, sempre muito gentil, vae e pede licença para arranjar a rede:

— Moço, a rede não deve ser nem muito alta, como para quem vai esperar veado, não tão baixa que encoste no chão. O senhor deite-se, agora de atravessado, que o corpo mesmo abre a rede; bote um travesseiro debaixo do pescoço, ou em falta deste um lençol, e verá que no fim dá certo...

Quando se vai passando pelo somno, o navio encalha num banco de areia. Não ha perigo, mas o barulho que a maruja faz é tal, durante o serviço que não ha christão que consiga pregar os olhos, christão cá do sul, bem entendido, porque os do Norte já estão bem acostumados a tudo isso. Como não ha bem que sempre lure nem mal que se não acabe, a gente termina por se amoldar á nova situação: e, apesar de tudo e de todos depois de algumas noites em claro, dorme-se.

Em Theresina baldea-se para outro vapor do mesmo tamanho, que vai até Floriano. Dahi até Sta. Filomena, ponto terminal da navegação. os vapores são menores. Para suprir a falta de commodidade o passageiro conta sempre com a gentileza dos commandantes, que se esforçam no sentido de bem servir e agradar a todos.

Entre Theresina e Amarante, na margem esquerda do Parnahyba, do lado do Maranhão, ergue-se o «morro de Arara», exquesito pelo lado que se espelha no rio. Cortado á prumo, despovoado de matto, mostra as diversas camadas de arenito.

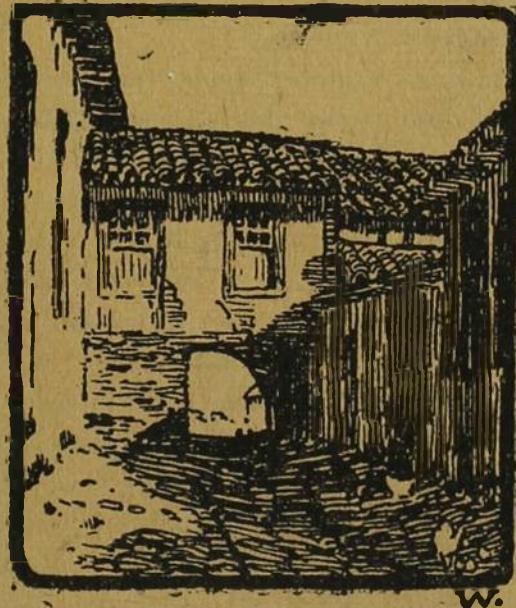
O «Morro da Arara», dá lugar a uma interessante festinha a bordo, que deixa saudades a todos os que por lá têm passado. O passageiro que pela primeira vez dobra o «Morro da Arara» tem que pagar uma «cervejada», na occasião de jantar. O commandante, por sua vez, manda matar um perú, que é preparado como só no Piauhy e Maranhão tenho visto, e outras iguarias mais. Nesse dia vêm todos á mesa envergando a bôa fatiota, sem luxo, já se vê, e o commandante, depois

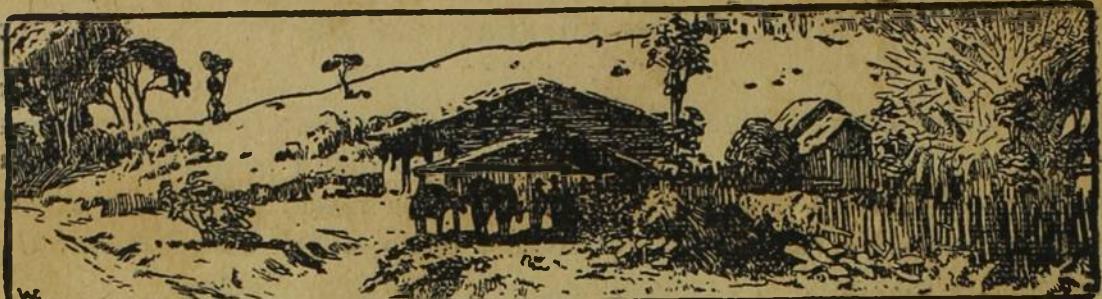
de um breve discurso, confere um diploma ao neophyto, que o isenta de futuras «marchações». Neste momento a bandeira brasileira se desenrola sobre a cabeça dos que estão sentados na meza, e começa o ataque ao perú, no meio da maior cordialidade, como si se estivesse no meio da familia distante.

O commandante do vapor «João de Castro», Sr. Francisco Guimaraes, muito methodico, tem um arquivo onde se registram todos os nomes dos «diplomados», assim como a data da passagem pelo «Morro da Arara».

Em Dezembro de 1913, «fui diplomado» no referido vapor; e, em Julho de 1918, tive occasião de ver o meu registro no camarote do commandante.

FRANCISCO IGLESIAS.





UM ALBUM DE ELISA LYNCH ⁽¹⁾

XIII

Na opinião de Masterman ainda foi graças a Elisa que Lopez cometeu o erro gravíssimo de arrastar a Argentina à guerra, ocupando Corrientes. E isto porque nesta cidade se publicava um jornal em que frequentemente a insultavam. Nutria ella a esperança de capturar o apodador, a quem tinha «mortal odio».

Assim «a ambiciosa mulher destituida de escrupulos de quem fizera Lopez a sua maxima confidente veio a ser a sua inimiga capital pois os desastrados conselhos lhe inspiraram o desejo da gloria militar, que se converteu na paixão dominante da sua vida quando poderia, quando muito, ter sido passageira veneta».

Acerca da desmarcada cupidez da cortezã e dos processos de aquisição de propriedades pela tribo dos Lopez relata o autor inglez curiosas historias. Por exemplo: pretende que certo paraguayo velho, chamado Pereira, achando-se um dia urgido de dinheiro offereceu — e por baixo preço — vender uma boa casa que possuia na Calle del Sol, uma das melhores ruas de Assumpção, a Madame Lynch. Immediatamente aceitou ella a offerta passando escriptura de compra, sem entregar, porém, o dinheiro que o vendedor não ousou reclamar. Tranquilisou-o logo depois dizendo-lhe que reclamasse a somma de Caminos, o secretario do Presidente, habilitado que estava este a satisfazer-lhe o debito. Indo Fereira ter com Caminos este mandou-o ás favas declarando que jamais ouvira falar de tal negocio. Caiu o pobre diabo na miseria e durante a guerra veio a morrer de fome. Relatando o accidente declara Masterman que o processo estava muito ao sabor dos Lopez, desde muito, desde o velho Carlos Antonio: e a tal proposito narra uma extorsão, indigna e avultada, por esta praticada em relação a certo Recalde, capitalista de Assumpção.

Conta ainda o medico britannico que em certa occasião entregou o padre que guardava o sanctuário de Caacupé todas as joias e alfaias, valiosas, da igreja, a Elisa Lynch que para tal fim lhe apresentara uma ordem do amasio.

(1) Vide os numeros de Dezembro a Março.



Inundação

DESENHO DE ZIMMERMANN



DESENHO DE ZIMMERMANN

Mae d' Agua

Não havia o que saciasse a cobiça de Lopez e Lynch, avança o cirurgião inglez. Com a guerra foram os vencimentos do tyranno elevados a 60.000 dollars annuaes, e, logo após o inicio das hostilidades, inventou «a Ingleza» pedir ás mulheres paraguayas que offerecessem um decimo do valor de suas joias ao erario nacional, isto é, á caixa do dictador. Já antes, umas celebres subscrisções para a estatua de Lopez I, para uma espada de ouro, incrustada de pedrarias, destinada a Lopez II haviam rendido dezenas de milhares de dollars de cujo paradeiro ninguem jamais ousara indagar.

Assim tambem quanto ás projectadas coroa e gorra triumphal de ouro e brilhantes, offertas do bello sexo paraguayo ao Marechal Presidente e para as quaes em toda a Republica as infelizes mulheres se haviam despojado de suas joias.

A estas extorsões presidira uma commissão composta de Carmen Palacios, a digna irmã do bispo tristemente celebre, que em Corumbá tanto se locupletou com os despojos brasileiros, Innocencia Barrios, irmã do tyranno, e Josefa Carrillo, sua prima. Incalculavel o numero de adereços então arrecadados, perolas e pedras preciosas em profusão extraordinaria, dizem-no todos os autores. De tudo isto ninguem se atreveu a saber o destino.

A prataria antiga e massiça das igrejas paraguayas, essa, «por segurança» fizera Lopez recolher á estancia de sua mãe em Itacuruby «em cuja casa estavam accumulados numerosos thesouros pertencentes aos despojos de todas as igrejas do Paraguai» relata o *Diario do Exercito*, em data de 7 de agosto de 1869, ao noticiar o apresamento desses valores consideraveis.

Apixonada do conforto como sabem sel-o os de sua raça e civilisação, inspirara Elisa ao amasio a ideia da construcção de uma casa de campo, cujo local soube, com admiravel intuiçao esthetica, escolher em Patiño Cuê, nas vizinhanças de San Bernardino e daquelle formosissimo lago de Ipacaray, em torno do qual abundam as mais encantadoras paizagens. E assim, contrastando com a rusticidade e singeleza das haciendas dos seus mais ricos subditos, erguia-se a villa com que Lopez II brindara a sua querida.

No dizer do *Diario do Exercito* era digno de real nota o conjunto das construcções da chacara de Patiño Cuê, onde longe do bochorno da Assumpção vinha a familia presidencial villegiaturar em liberdade.

«Em Patiño-cuê, achava-se em construcção a casa de campo de Madame Lynch, conta o Visconde de Taunay, redactor do *Diario*, nas notas relativas a 23 de maio de 1869. Era um bonito edificio composto de dous espacosos pavimentos, ambos ornados de ostentosa columnata, cujas intercolumnas deviam receber grades de ferro fundido e, o que mais realce e valor lhe dava, rodeado de magnifico pomar onde não só se encarreiravam centenas de laranjeiras e limoeiros mas tambem se viam os principaes typos da pomologia europaea, tales como macieiras,

damasqueiros, pereiras, etc. Não é só esta notável habitação que dá beleza à localidade: a estação da estrada de ferro é bem construída como todas as outras e sobretudo muito elegante».

Assim, apesar dos desastres successivos da campanha, das angustias inexprimíveis, dos sofrimentos sem conta da misera nação paraguaya proseguia a grande construção de Patiño Cué, regalo brinde do Marechal Presidente à sua amada. Não chegaria ella a desfrutá-lo. Fugida de Assumpção ocupada nos primeiros dias de 1869 pelos aliados, não tardaria a saber — provavelmente com que furor! — que a sua casa rica da cidade se achava convertida em hospital de sangue dos odiados brasileiros. E breve estaria a peregrinar de Perebebuy ás margens do Aquidaban, onde seria testemunha ocular do desfecho trágico de 1.º de março...

XIV

Curioso documento oriundo da ex-corteza, durante a guerra, veio ter-me ás mãos, inesperadamente, uma carta íntima, datada de 27 de agosto de 1867 e endereçada a Pancho, o primogenito dos oito ou nove filhos que de sua ligação com Lopez, haviam nascido, o Coronel Lopez, como lhe chamavam, o bello e destemido rapaz de vinte annos que ella haveria de ver prostado pelos nossos lanceiros do General Camara, ao lado do Pae, na rápida cena de 1.º de março.

Acha-se esta epistola nas colecções do Museu Paulista a que se incorporou com a aquisição do antigo Museu Sertório.

Absolutamente maternal esta carta da Mamãesinha ao seu querido e amado filho a quem se queixa do laconismo das cartas e a quem ministra conselhos calligraphicos. Dá-lhe notícias dos irmãositos e conta-lhe as gracinhas do caçula. Pede-lhe que entregue os doces que a Vovó remette a Papae, a seu querido filho, — futuro chibateador e algoz detido pela avançada brasileira, seja dito de passagem — Se houver sobra da guloseima procure distribuir-a entre os generaes, coroneis e capitães do Estado Maior e da casa militar de Papae sem que se esqueça o bravo Alen, comandante da praça de Humaytá. Por seu intermedio manda ainda cinco mil cigarros lindos a distribuir pelo Quartel General em nome da Mamãe, que também deseja saber se os creados foram gratificados. Senão, peça dinheiro ao Papae para que o faça. Com a carta vae um pentinho lindo para elle. Finda a carta por uma serie de conselhos para que o fillinho trate bem do pae, procurando evitar-lhe todos os desgostos, e ao mesmo tempo fuja das ocasiões perigosas.

Transcrevemos porém a carta e na integra:

E. L.

Asuncion, 27 Aout (sic) 67.

Mi querido y amado hijo:

Estoy sumamente apurado (sic) pero no quiero que salga este vapor sin agradecerte las cartas que me escribes solo que me quejo de

que son muy cortas, y pon un poco más cuidado en la letra, como algunas veces no puede (sic) leer las palabras.

Me es muy grato avisarte que tus hermanitos estan ya casi buenos, y dirás á Papá que esperamos que Carlitos sanaré radicalmente de las hemorroides. — Todos te envian muchisimos recuerdos lo mismo que a Papá á quien piden la bendicion. Leopoldo ⁽¹⁾ es muy gracioso cuando echa la bendicion y espero que ya no tardarás en verlos.

Te mando por este vapor cinco tarros de dulce, que Mamá grande quiere que gastes para Papá o para lo que él quiera. Si tiene mucho de sobra, quisiera que enviase un poco al G.ral Barrios y al sr. Obispo y creo que Vera debe tener dulce para enviar un poco a los G.rales Bruguez y Resquin, al coronel Alen, Toledo y Ctes. Nuñez y Roa.

Quiero tambien que Vera te dé cinco o seis mil cigarros lindos para repartir a todos los del Cuartel General en mi nombre y espero que cumplirás bien esta comision.

Deseo saber si has dado alguna cosa en mi nombre a todos los sirvientes? Si no lo has hecho, hazlo. Papá tendrá la bondad de darte un poco de dinero para este efecto. Te mando dos estrellas, una para el Mayor Ricarola y la otra para el capitán Medina. Te mando un sombreiro para tu uso y las botellas para pruebar las demás no encuentro.

El pentecito que va en la carta es para Papá. Dile que me lo han regalado y como es muy lindo se lo mando.

Cuide mucho con las provisiones que habrás recibido y repara que nada se gaste de balde.

Don Pancho me apura mucho y concluyo con pesar enviandote mil cariños y recibe la bendicion de tu amorosa

MAMITA.

Cuida mucho á Papá y no te descuides un instante en vigilarte y evitarle todos los disgustos que te será posible precaver.

Espero que pronto volveré otra vez cerca de V. Recuerdos a todos.

XV

Como successor de Washburn mandaram os Estados Unidos ao Paraguai o General Martinho Thomaz Mac Mahon, canadense naturalizado americano, nascido em 1838 e formado em direito em 1860.

Fizera o novo ministro rapida carreira. Empregado superior dos correios, na regiāo do Pacifico, fôra algum tempo Commissario dos Indianos no Extremo Oeste da Republica. Ao arrebentar a guerra civil, alistara-se como voluntario, servira de ajudante de campo do General Mac Clellan, e distinguira-se sempre pela coragem e intelligencia, a ponto de lhe conferir o Governo da União as patentes de brigadeiro e afinal de major-general de voluntarios. Politico de grande influencia

⁽¹⁾ O ultimo dos filhos de Lopez II.

no Estado de Nova York, enviou-o o Vice-Presidente Johnson ao Paraguai em 1868.

A 3 de dezembro deste anno apresentava-se a Lopez, exactamente quando o dictador se via na imminencia de abandonar a sua capital. Nos ultimos dias do anno davam-se, como se sabe, os combates sangrentos de Loma Valentinas, os ultimos baluartes efficientes do lopismo.

A 23, no mais acceso da batalha esteve o ministro americano nas linhas paraguayas, affrontando bravamente a morte. Confiou-lhe o despota o seu testamento e uns documentos de doação feita á amasia, relata Thompson, e entregou-lhe com mil recommendações o mais moço dos filhos, Leopoldo, menor de tres annos. Quando Lopez quasi abandonado escapou aos adversarios victoriosos, foi Mac Mahon quem lhe conduziu os filhos a Perebebuy. Deu-lhe emfim todas as provas de amisade. Teria elle chegado dos Estados Unidos já com o espirito preconcebido em relaçao aos brasileiros, ou acaso cahiria victima dos enredos da fascinadora Elisa? Certo é que se manteve tão constante na affeição a Lopez quanto como era logico, violentamente infenso ao Brasil e seus aliados.

Foram estes sentimentos que lhe inspiraram as estrophes arroubadas e violentas que, a pedido de Elisa, traçou no seu album, em junho de 1869, em vesperas de abandonar o Paraguai, de regresso á patria, onde talvez esperava poder, com os seus depoimentos, fazer mudar a feição dos acontecimentos inter-nacionaes sul-americanos e salvar ainda o throno de seus amigos.

Linda e joven Republica da zona florida,
Rainha de tantos caudaes ! embora teu nome
Tarde se tenha divulgado entre as nações
Já conquistou tua espada immorredoura fama !
Ah ! não guiara a Guerra com sangrenta mão
Teus tão firmes passos a um destino implacavel !
Não sulcassem teus rios inimigas esquadras
Nem destruissem teus lares vandalicas hostes !

Mas como te cobre bem o virgineo peito
Reluzente escudo, e á cabeça resguarda
Emplumado elmo, campos e campos attestam
Os lugares onde dormem as legiões sagradas de teus mortos !
E se é o valor que a paz conquista
E renome alcança o patrio Amor
O sangue que a jorros se escapa de tuas veias deverá estancar-se
Para a Honra vir de louros coroar-te!

Sauda-te um forasteiro, ó terra formosissima,
E faz votos, enquanto ouve os teus clarins,
E o troar dos canhões, e enquanto vê champear
Mil fogos de sentinelas, para que tua nascente estrella

A mais bella do firmamento tropical, possa refulgar
 Com o maximo brilho e a mais serena luz
 Quando todos os teus inimigos colligados tiverem desistido
 De te conquistar em desigual porfia.

Nem é de se extranhar que um peregrino
 Que sob os teus ceus viveu em angustiosos dias
 E testemunhou o valor de tuas phalanges heroicas,
 Combatendo sob os olhos de incomparavel chefe,
 Te almeje todas as bençãos emquanto roga a Deus
 Para que os teus orphãos, as lagrimas de tuas viuvas
 E as afflictões que te pungem neste momento doloroso
 Possam encontrar consolo em epoca que não tarde.

Choraste pela Polonia — todas as nações assim o fizeram
 E nada mais ! — ella succumbiu para eterno opprobio
 Daquelles cujas espadas então cobardemente descansavam
 Quando por motivos futeis costumavaõ ser desembainhadas. Teu futuro
 Não terá destino mais nobre ? Não o permitta Deus nem vós
 Em tal consistaes, vós que com firme coraçao e valeroso braço,
 Escreveis com sangue os decretos do Omnipotente
 Que hão de dar liberdade á vossa terra natal !

Adeus, umbrosos laranjaes do Paraguay,
 Ricas florestas dos tropicos, formosa expansão
 De floridas planicies onde em perpetuo brincar
 As aguas crystallinas de frescos ribeiro rolam !
 E vós, ridentes collinas, onde se espadanam as brisas,
 Trazendo ora e sopro hibernal dos Andes
 Ora a generosa saudaçao de mares distantes
 Ou o gelido bafejo das neves patagonias.

Vós cordilheiras, cujos alterosos picos
 As lanças da Liberdade coroam, e onde retumbam
 Os terriveis echos da guerra emquanto os batalhadores
 Juntam ás vigias diarias as nocturnas rondas,
 Possa a Paz, voltando ás vossas altitudes, restituir
 A frescura e a belleza aos vossos pincaros
 Quando o canhão inimigo não mais ouvido fôr
 E todo o paiz descansar no seio da abundancia.

Bellas filhas desta terra cujo porte gracioso
 Nunca deveriam contemplar profanos olhos,
 Com o ardor espartano que em vosso tumido peito se abriga
 (Vós que ensinaes a morrer, mestras de negros olhos !...)
 (Qual a terra que com taes filhas se entrega ao desespero ?)
 Acaso poderão os filhos que criardes, aprender a gemer

Sob o jugo que preparam implacaveis inimigos
Ou jurar obediencia a um throno estrangeiro ?

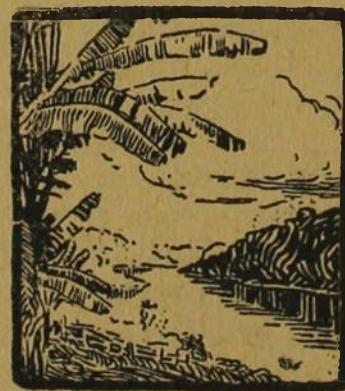
Não ! ao menos esses ! Esses que á luz melancolica
Dos fogos chammejantes dos acampamentos, por asperas serranias,
Rejubilam com o pensar, no albor das batalhas,
Que a colera generosa que lhes entumesce os peitos,
Explodirá contra o triplice inimigo, encerrando
O já tão longo periodo das patrias desgraças
Com um hymno triumphal, como jamais se levantou
Em dia jnbilal ou pela voz de um cantico !

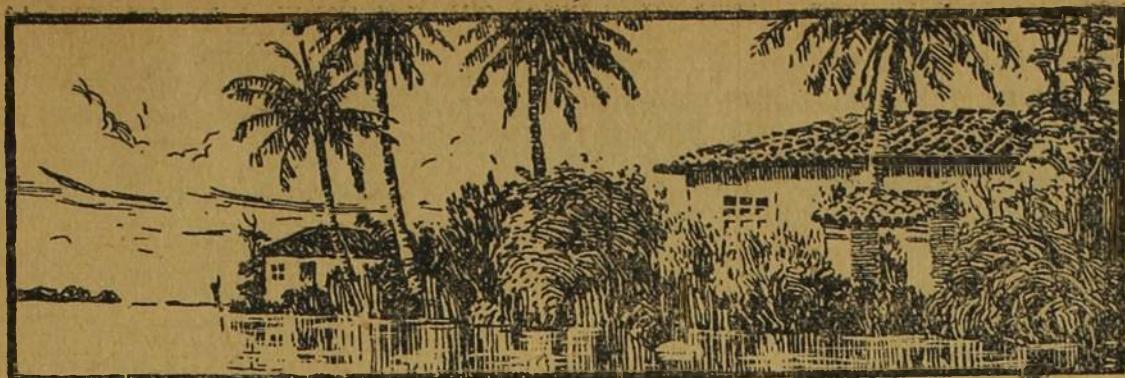
Assim possa ser ! antes que aquelle que tristemente deixa
Reluctante, todas as bellezas de teus climas,
Brillante esmeralda do sumptuoso Meridião ! afflito
Com o abandonar-te em epoca de tantos perigos,
Tenha voltado a seus lares, sob invernoso firmamento,
Onde os livre-natos amantes da verdadeira liberdade habitam
E contemplam com anciada esperança e alongados olhos,
Tua pugna mortal desejanto-te a victoria !

M. T. Mc. Mahon — Junho — 1869

(Continúa)

AFFONSO d'ESCRAGNOLLE TAUNAY





LINGUA VERNACULA

V

«Um assignante da *Revista do Brasil* escreve-me :

«Civil e civel significam a mesma coisa na gyria forense e nos lexicons (e têm a mesma origem). Entretanto, não se diz *direito civil* nem *causa civil*, mas sim e somente *direito civel* e *causa civel*; juiz da 1.^a *vara civel* e não da 1.a *vara civil*, etc.

Que explicação dá o Sr. a respeito deste curioso facto de linguagem?»

Confesso francamente que nunca pensei sobre o caso, que é, aliás, muito «curioso» e muito interessante.

Que valor, pois, pode ter a minha «explicação»?

Nenhum ou quasi nenhum!

Aqui a tem, porém, «um assignante da *Revista do Brasil*» :

Civil e *civel* têm de facto a mesma origem: o latim *civilis*. *Civel*, entretanto, só é empregado em jurisprudencia: juiz do *civel*; acção *civel*; (¹) *causa civel*.

Civil, ao contrario, segundo Caldas Aulete ou, melhor, segundo Santos Valente, é um vocabulo «que diz respeito ao cidadão considerado no seu caracter, condição e relações particulares: Vida *civil*. Sociedade *civil*. Comportamento *civil*. Direitos e obrigações *civis*.»

«Diz-se» — accrescenta o mesmo diccionarista — «por oposição a criminal: Processo *civil*. Acção *civil*. Tribunal *civil*».

Civel, não ha negar, é termo erudito; *civil*, ao contrario, popular.

O povo, portanto, consagrhou a forma *civil* nas expressões *codigo civil*, *direito civil*, etc., porque desconhece os termos eruditos, e, talvez, por oposição a *criminal* ou a *commercial*; *codigo civil*, *codigo commercial*, *codigo criminal*; *direito civil*, *direito commercial*, *direito criminal*, etc.

«Le peuple» — diz A. Darmesteter — «est souverain em matière

(¹) Diz-se, ás vezes, «juiz da 1.a vara *civil*» e «causa *civil*».

de langage: *Populus in sua potestate singuli in illius*, disait Varron, et avant lui Platon: *Le peuple est en matière de langue un très excellent maître.* »

Ao grammatico, é claro, cumpre apenas reconhecer o facto, pois, «la loi du langage» — diz o philologo já citado — «est l'usage».

VI

De uma carta de C. Said, de Araras:

— «Como se deve escrever, — referindo-se a guarnição com mobilia — mobilado ou mobiliado?

Em «O Estado» e outros jornaes, principalmente nas suas secções de annuncios, diaria e irritantemente encontramos estas expressões: *Quarto mobilado, casa mobilada*, etc.

E' preciso um correctivo para que taes termos não tomem fóros de direito em o nosso vernaculo, já que o uso faz leis».

Quarto mobilado e *casa mobilada* não são expressões incorrectas, como suppõe C. Said.

Mobilado é o participio passado do verbo *mobilar* ⁽¹⁾, que significa «guarnecer com mobilia.»

«*Mobilamos* de novo estes quartos» — disse Garrett.

Ao exemplo de Garrett, que transcrevi do *Diccionario Contemporaneo*, ajuntarei mais dois: o primeiro é de Bulhão Pato e o segundo de Julio Dantas.

Ei-los:

«... elle abriu uma porta e achámo-nos n'um pequeno gabinete *mobilado* com elegancia».

(*Digressões e Novellas*, Lisboa, 1864, p. 291).

«O oiro dos quintosia *mobilar*...»

(*O amor em Portugal no século XVIII*, Porto, 1917, p. 108).

Quarto mobilado, casa mobilada, etc., são portanto, em que pese ao sr. C. Said, expressões vernaculas.

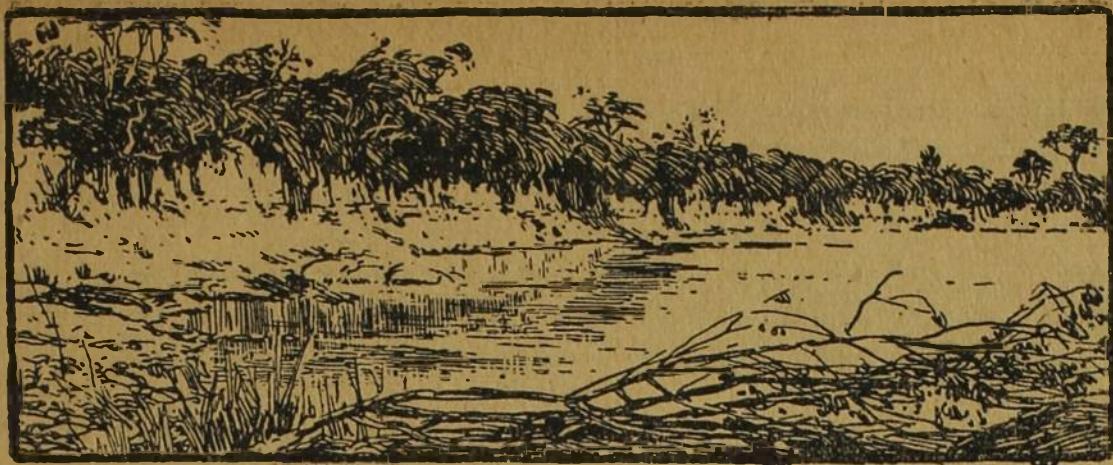
(¹) *Mobil*, radical do verbo *mobilar*, é synonimo de *movel*. E *movel* não significa apenas o «que pode mover-se»; significa tambem «traste, peça de mobilia».

Eis um exemplo que comprova o meu asserto.

«Era *movel* muito para ver-se, e que ao valor artistico reunia o historico».

(C. de Laet, *Em Minas*, Rio, 1895, p. 88.)

ANTONIO MAURO.



NOTAS DE UM LIVREIRO

I

Sobre o Código Civil.

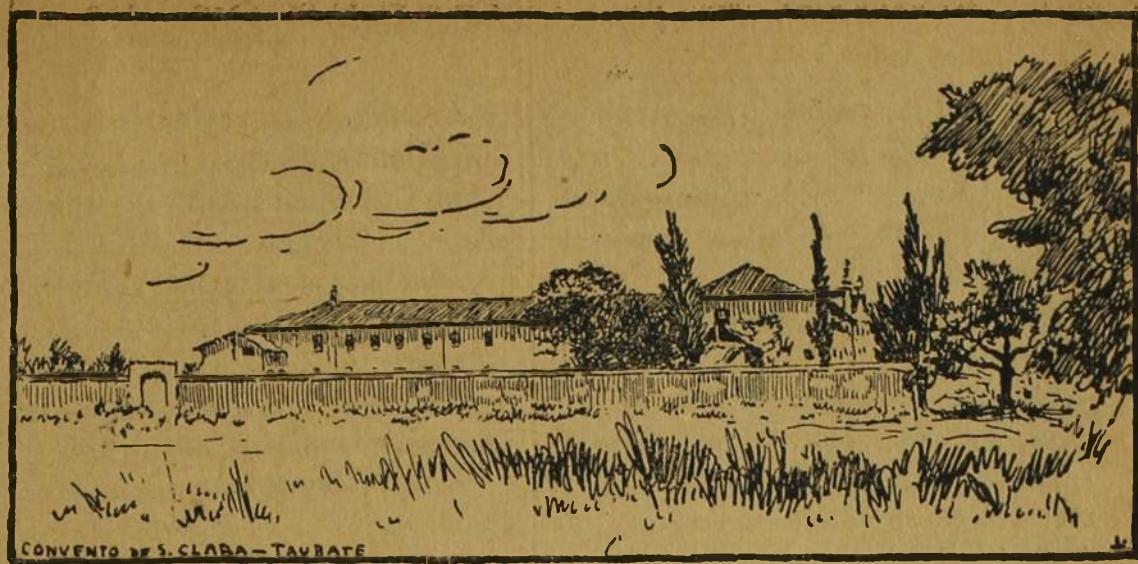
Projecto do Código Civil Brasileiro, precedido da historia documentada do mesmo e dos anteriores, Rio de Janeiro, typ. do «Jornal do Commercio», in-8.^o de 342 pp.

Pedro de Queiroz, projecto do Código e o divórcio, in-Rev. da Academia Cearense de...

1898. Clovis Bevilaqua. O problema da codificação do Direito Civil Brasileiro, in-Rev. Acad. Fac. de Dir. de Recife, vol. II, 1898. pp. 24.
1899. H. Inglez de Souza. Convém fazer um Código Civil? In-Rev. Bras. t. XVII, pp. 257 — 275.
1900. Amancio de Carvalho. Projecto do Código Civil Brasileiro, in-Rev. da Fac. de Dir. de S. Paulo, 24 — 5 — 900.
1900. Projecto do Código Civil Brasileiro organizado pelo dr. Clovis Bevilaqua. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-4.^o de LXXVIII-194 pp. Foi feita edição in-8.^o.
1900. Ruy Barbosa. Artigos n'«A Imprensa», combatendo o projecto.
1901. Dr. A. H. Rodrigues Torres Neto. Observações sobre o projecto do Código Civil revisto pela Comissão. (Parte geral). Trabalho apresentado ao Instituto da Ordem dos Advogados. Rio de Janeiro. Comp. Typ. do Brasil 1901, in-8.^o de 45 pp.
1901. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Acta dos trabalhos da Comissão Revisora do projecto do Código Civil Brasileiro elaborado pelo dr. Clovis Bevilaqua. (Publicação oficial), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.^o de 427 pp.
1902. Projecto do Código Civil Brasileiro. Trabalhos da Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.^o, 8 vols.

- 1902-1904. Projecto do Código Civil Brasileiro. Trabalhos da Comissão Especial do Senado. Imprensa Nacional, in-8.^o, 3 vols.
- 1.^o vol. Parecer do senador Ruy Barbosa.
 - 2.^o » Replica do » » »
 - 3.^o » Pareceres e emendas enviadas á Comissão.
1902. Juvenal Pacheco. O Código Civil na Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.^o do IV — 200 pp. e retratos.
1902. Alfredo Valladão. O direito Commercial em face do Código Civil. Unificação do direito privado. S. Paulo. Escola Typ. Salesiana, in-8.^o de 50 pp.
1904. Projecto do Código Civil. Observações sobre as emendas do Sr. Ruy Barbosa com additamentos sobre a «Réplica» pelo dr. José J. de Oliveira Fonseca. Rio de Janeiro, Imprensa Gutemberg, in-8.^o de 141 — I de erratas, pp.
1906. Instituto da Ordem dos Advogados. Actas das reuniões da Comissão revisora do projecto do Código Civil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.^o de 6 in-53 pp.
1912. Projecto do Código Civil. Trabalho apresentado pela família do conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo. Com um prefacio do dr. João de Sá e Albuquerque. Editora — Livraria Magalhães. S. Paulo, in-8^o.
1913. Código Civil Brasileiro. Emendas do Senado ao projecto da Câmara, n. 1 de 1902 com parecer da Comissão Especial, Rio de Janeiro, in-8.^o de 929 pp.
1913. Câmara dos Deputados. Projecto do Código Civil. Discursos pelo deputado Luciano Pereira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, in-8.^o de 84 pp.
1915. Dr. Paulo de Lacerda. O Código Civil. (Synthese), in-Jornal do Commercio, de 25 de Dezembro.
1916. Spencer Vampré. O que é o Código Civil, in-Rev. Jurídica, vol. II, pp. 48 — 59.
1916. Idem. O projecto do Código Civil, in-Rev. Jurídica, pp. 230 — 241, vol. III.

TANCREDO PAIVA



VOCABULARIO ANALOGICO

Substantivo. O nome de baptismo é por vezes diminutivo — Antonino, Bernardino, Marcellino, o que tambem acontece aos cognomes — Villela, de villa ; Lobato, de lobo ; Alvim, de alvo ; Pimentel, de pimenta ; Varela, de vara ; Palmeriim, de palmeira. Com referencia aos nomes proprios, merecem notados os diminutivos irregulares, como Juquinha, Zequinha, Toniquinho, Nequinha, Chiquinho, etc. Ha substantivos compostos formados com diminutivos, como *pintalegrete*, *arreburrinho*, *pisa-mansinho*, *maltrapilho*, mas em geral, os nomes compostos não teem diminutivo synthetico, encontrando-se, no entanto, alguns, conforme estes exemplos : — «Guarda-solinho de seda.» Eça, Casa de Ramires, 74. «Chapellinho de sol.» Alencar, Tronco de Ipê, 14. Ha substantivos, que sem a forma diminutiva exprimem idéa diminutiva : *beco*, rua estreita e curta ; *pequira*, cavallo pequeno ; *tótó*, cãozinho,

nho ; *camondongo*, ratinho ; *pygmeu*, homem de pequena estatura, *ribeiro*, rio pequeno ; *aragem*, vento muito brando ; *miniatura*, qualquer cousa em ponto pequeno.

Suffixos. A lingua portugueza dispõe dos seguintes suffixos para a formação de diminutivos : *acha*, *acho*, — bolacha, riacho, vulgacho, fogacho, covacho, verdacho, poucachinho ou poucochinho ;

ata, *ato*, — passeata, ceata, funçanota, chibato, baleato, labato,

cula, *culo*, — radicula, animalculo, leonculo, corpusculo ;

ebre, — casebre (exemplo único) ;

eca, *eco*, — somneca, lojeca, pardreca, paixoneca, livreco, fradeco, jornaleco, doutoreco ;

eja, *ejo*, — calleja, animalejo, quintalejo, logarejo, papelejo, casalejo ;

el, — cordel, saquitel, fardel, ranchel ;

elha, *elho*, — aselha, cortelha,

figurelha, rapazelho, artiguelho, figurelho, fidalguelho ;
ella, ello, — viella, columnella, ruella, villela, portello, columnello, cadello ;
eola, eolo, — drupéola, alvéolo, nucléolo ;
eta, eto, — sineta, vareta, pernetta, lanceta, saleta, caixeta, ilheta, fardeta, Julieta, esboceto, poemeto, coreto, folheto, verseto ;
ete, — livrete, ramalhete, palacete, reizete, barrilete, balancete, fardete ;
eu, — ilhéu, casitéu, povoléu, terréu, mastaréu ;
ica, ico, — pellica, Annica, burrica, mulherica, burrico, Antônico, namorico, veranico, abanico ;
icar, — bebericar, tremelicar, adocicar, beberricar ;
iça, iço, — caliça, lagariça, peliça, caniço, aranhiço, palhiço, papeliço, inteiriço ;
icha, icho, — barbicha, almanicha, lagarticha, governicho, burricho, cornicho, canicho ;
icula, iculo, — pellicula, particula, febricula, avicula, interessicula, homeniculo, versiculo, monticulo ;
il, — tamboril, pernil, hastil ;
ilha, ilho, — esquadrilha, camilha, tropilha, mantilha, febriilha, vasilha, cabrestilho, cintilho, trapilho, rastilho ;
ilhar, — fervilhar, cusplhar, rendilhar, saltarilhar ;
im, — espadim, fortim, botim, festim, esporim ;
ina, ino, — cravina, Antonina, Belbutina, botina, burelina, pequenino, Antonino, maestrino ;
inha, inho, — casinha, colherinha, capinha, jarrinha, nadí-

nha, sobradinho, Pedrinho, bolinho, martellinho, passarinho ;
inhar, — saltarinhar, escrevinhar, cuspinhar, saltinhar ;
iola, iolo, — arteriola, gloriola, historiola, foliolo, atriolo, compendiolo ;
isca, isco, — talisca, ventrisca, chuvisco, pedrisco, namorisco ;
iscar, — chuviscar, mordiscar, lambiscar ;
ita, ito, — mocita, senhorita, casita, Joannita, livrito, canito, franganito, rapazito, paulito, paulito ;
itar, — saltitar, dormitar, chupitar ;
oca, oco, — engenhoca, bichoca, vinhoca, bichoco, barroco ;
oilá, — moçoila, caçoila ;
ola, olo, — mentirola, bandeirola, portinhola, aldeóla, carriola, terrióla, casinhola, bolinholo, cochicholo, casinholo ; são augmentativos *passarola* e *passarolo*, e como tal tambem se pôde considerar *camisola* ;
olar, — cantarolar ;
oria, orio, — villoria, tabernoria, finoria, villorio, latinorio, igrejorio, papelorio, cebolorio ;
ota, oto, — velhota, ilhota, casota, raparigota, calçota, casinhoto, casoto, perdigoto ;
ote, — fidalgote, caixote, saiote, camarote, pipote ; é augmentativo *capote* ;
ucha, ucho, — casucha, gorducha, pequerrucha, papelucho, gorducho, meducho ;
ula ulo, — formula, cellula, flammula, notula, globulo, acervulo, lóbulo, búlbulo ;
uncula, unculo, — historiuncula, questiuncula, porciuncula, homunculo, pedunculo ;

usca, usco, — velhusca, velhusco, chamusco;

ustra, ustro, — velhustra, velhustro;

zinha, zinho, — māozinha, florzhina, avezinha, fontezinha, chapeuzinho, boizinho, nuvemzinha, Gabrielzinho;

zita, zito, — avezita, irmanzita, dorzito, māezita, homenzito, pagemzito, tostāozito, animalzito.

Suffixo ào. Ha diminutivos formados com este sufixo: calção, de calça; cordão, de corda; pontilhão de ponte; rabão (adj.), de rabo.

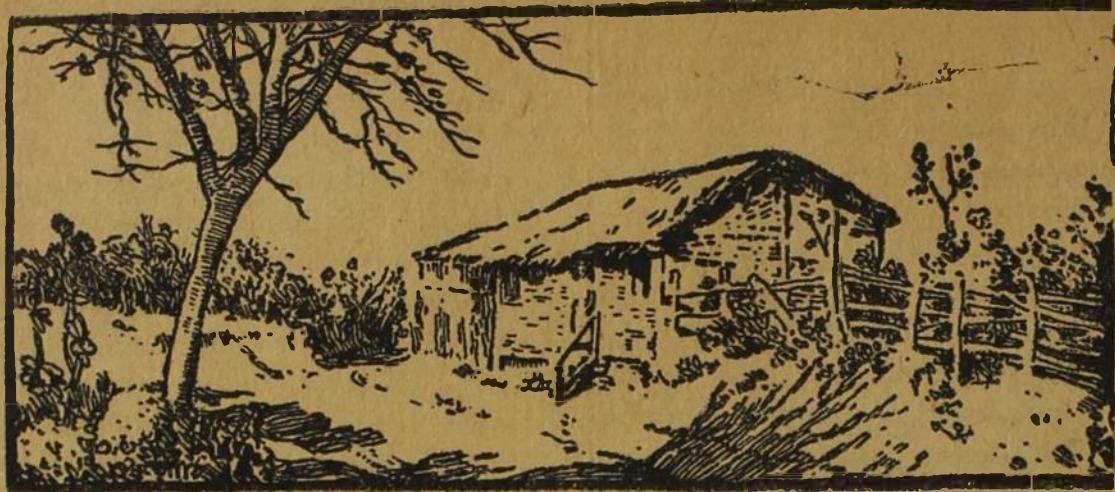
Synonyms. O positivo e o diminutivo são ás vezes synonyms: *carque* ou *carqueja*; *empeço* ou *empecilho*; *só* ou *sózinho*; *á bocca* da noite ou *á boquinha* da noite.

Tardinha. Este diminutivo exprime o fim da tarde, ao passo que *noitinha* significa o principio da noite, e *manhanzinha*, o principio da manhan.

Verbo. Ha verbos diminutivos, co-

mo: bebericar ou beberricar, de beber; fervilhar, de ferver; saltitar, saltinhar, satarelar, saltaricar, saltarilhar, saltarinhar, de saltar; traduzinhar, de traduzir; escrevinhar, de escrever; dormitar, de dormir; chupitar, de chupar; adocicar, de adoçar; comichar, de comer. Encontram-se verbos derivados de substantivos diminutivos: ratinhar, de ratinho; chuviscar, de chuvisco; tamborilar, de tamboril; engallispar-se, de gallispo; cuspinhar, de cuspinho; acarinhar, de carinho; namoricar, de namorico; paparicar, de paparico; rendilhar, de rendilha; acepilhar, de cepilho; peguilhar, de peguilha. Julio Rebeiro, em sua grammatica, pag. 108, assim se exprime: «O infinito presente e o gerundio, formas nominaes do verbo, equivalentes a substantivos, assumem a flexão diminutiva, ex.: Um andarzinho. — Estar dormindinho. — Eu e ella andamos muito manos passiandito a par.»

FIRMINO COSTA.



BIBLIOGRAPHIA

A DANÇA DAS HORAS — GUILHERME DE ALMEIDA — Typ.
d'“O Estado de S. Paulo” — S. Paulo — 1919.

A primeira ideia que de poetas em sua generalidade queiramos fazer, occore-nos, naturalmente, a separação delles em duas classes: — poetas cultos e poetas populares. E o trabalho mental, inconsciente prosegue irresistivel a conferir a estes e áquelles os respectivos atributos... Uns são os torturados da forma, os intellectualistas, os incomprehendidos. Os outros, os inspirados, os sinceros, os espontaneos.

Vá que a distincção se faça, por necessidade de synthese. Entretanto não tomeiros em absoluto classificação tal e quejandas. Si ha coisas inclassificaveis, são artistas creadores.

Deimais, esse eschema vulgar pecca por classificar apenas pelas apparencias. Pois, nada ha mais falho que a ideia dos poetas á Coleridge, nevropatha sombrio e irascivel, especie de medium literario ou sonnambulo poeta, que só compunha como que em transe e, apenas interrompido, nunca mais concluia o poema architectado... Sim. Oppol-o aos outros, aos pacientes lapidadores da ideia e do verso é, em ultima analyse, oppol-o a si mesmo, porque não ha duvida que, nuns e noutrous, em nada differe o trabalho psychologico, equal nos tramites e nas consequencias. Inconsciente ou reflectidamente, sofre a creaçao as mesmas reacções, com mais pressa ou mais vagar. Nem isso, talvez, nem essa diferença de tempo, pois, si o inspirado compõe num repente, quanto não leva elle na inactividade? E é justamente ahi que lhe trabalha o subconsciente a sensaçao mais bella, que ha de afflorar á intelligencia na mais bella ideia.

Não ha, portanto, em summa, opposição entre os dois, typos.

E, si duvidas tivessemos da pouca logica da distincão, descreveríamos della, agora, ante *A Dança das Horas*, de Guilherme de Almeida.

Guilherme de Almeida ficaria mal em qualquer dos extremos. Nem é o romanticão plebeu, nem o esquisito rebuscador de phrases, inattingivel ao leitor pouco letrado. Tem de um e de outro o melhor, formando entre ambos o meio termo que o torna inconfundivel.

Do estro popular possuindo a inspiração facil e fluente, não tem o desleixo de forma, que tanto a pouca e afeia aquelle. Ao contrario, o seu verso é trabalho e perfeito e a composição, bem acabada e una. Nem se imagine que a sua inspiração sendo espontanea, tenha a marca da vulgaridade. Guilherme em todos os seus trabalhos guarda uma linha suave de originalidade que é o seu encanto.

Alguns ha de sopro elevado e magnifico, vasados na crystallinidade de uma forma impeccavel. Veja-se a poesia — *A Dança das Horas*, que dá titulo ao livro. E' um primor. A ideia riquissima, reveladora de uma imaginação fecunda e brilhante, como raras, desenvolve-se com nitidez e symetria poucas vezes igualadas por outros. Revela-se ahi lucidez de espirito, não commum entre allegoristas e graças á qual se mantém até o fim a nervatura forte da imagem-thema. E' simples: — as doze horas são doze bailarinas, coroadas de rosas, os minutos que se desfolham á proporção que corre o bailado... Isso porém deliciosamente bordado em arabescos admiraveis.

Guilherme tem, pois, a boa comprehensão da arte a simplicidade não basta; é indispensavel que haja o que simplificar...

Exaltação dos sentidos, é, tambem, assim brilhante sem preciosismo.

Flor do Asphalto tem um sabor especial: — é trabalho em que predominam as palavras longas, preferencia do poeta ahi mais claramente manifesta.

A Caricia dos Dedos e *Que estranha melodia...* são caracteristicas da sua individualidade multipla, desdobrada sobre as mais varias sensações.

Suas bellezas de ideias e imagens dariam um capitulo interessantissimo, que não está nos moldes desta noticia. Limitamo-nos a constatar o espirito de realidade que nellas domina a sua crystallisacão em versos turgidos, preciosos e symmetricos.

Com todas essas qualidades da poesia de Guilherme de Almeida casam-se admiravelmente as illustrações com que Di Cavalcanti iluminou o bellissimo volume de versos, cingindo os poemas de finas figurinhas nervosas e fidalgas, desenhadas com grande poder de imaginação e de technica.

A BOA MADRASTA — XAVIER MARQUES — Rio — Ed.
A. J. de Castilho — 1919.

Para *A boa madrastra*, de Xavier Marques, ha um logar á parte na literatura que vae surgindo no Brasil. Obra inteiriça, que

respira uma atmosphera de atticismo rara em livros nacionaes, são muitos os seus meritos: — de concepção e de forma, de estylo e de linguagem.

Nada superfluo ou incaracteristico, nem desalinhavado ou vulgar, o que releva notar-se é a originalidade dc thema, donde tudo o mais decorre naturalmente: — phantasia creadora e psychologia.

A boa madrasta não se confunde. Entretanto, não lhe faltaráo affinidades com as creações de Machado de Assis, em abono della o dizesmos. Sensibilidade, delicadeza e amargor são lhes communs. Sein fazer *humorismo*, Xavier Marques verte amarguras e scepticisms por quasi todas as suas paginas. Detém-se em mil e uma insignificancias, comprazendo-se em as torcer e retorcer, viral-as e reviral-as, exgotal-as de todo o nevrotismo, que vasa para os seus personagens.

Irrita, por vezes. Todavia, culpa não é delle, auctor, que, guardando a perfeita discreção da boa arte, não apparece nunca, senão, talvez, no protagonista, o que profundamente diverge das intromissões indébitas. Os personagens d'*A boa madrasta* agem por si, livremente, no seu pequeno mundo — um lar brasileiro, profundamente brasileiro, — tão pequeno que nelle só cabem mesmo aquellas miniaturas de vida, tempestades em copo d'agua, tragedias intimas logo serenadas em bonançosos remansos, de uma susceptibilidade facil aliás.

Fortunato Abrantes tem dois filhos e duas irmãs. Morreu-lhe a esposa. Precisa casar-se — teme a madrasta de seus filhos. Irresoluto, ultra-sensivel — caracterisa-o a indecisão. Entretanto, casa-se. A segunda mulher é a melhor das criaturas. Encontra, porém, nas excelentes irmãs de seu marido, duas pessimas cunhadas, em demasia zelosas dos sobrinhos e ciumentas, ciosas das prerrogativas de donas de casa, que, durante a viuez do irmão, exerceram provectamente e sobre as quaes paira agora a ameaça de uma partilha... Não ha cuidados, não ha premunitórios que evitem a discordia domestica. Cerimoniosamente recebida D. Graça em vão tenta integrar-se nesse lar, que lhe foge á adaptabilidade ingenita. As duas solteironas são alli "corpos estranhos", desintegradores, invulneraveis e intrataveis á absorção sympathica que em torno delles se ensaiá, aperta-se e cerra-se... de balde. Rompe a harmonia. Fortunato continua timido e indeciso sempre. Suas irmãs se transfiguram, megéras que se revelam. D. Graça reage em termos...

Assim corre a vida de Fortunato, até que alli morre, a uma syncope e Mina, a outra irmã vae para um catre, imobilisada e muda, viver a sua triste paralysia. Entretanto, delineara-se um novo romance, que agora começa a definir-se, na vida de Déa, a irmã de Jóca, ambos companheiros de infancia de Aristeu.

Ainda aqui, Dona Graça é *A boa madrasta*, que se oppõe, na melhor das intenções a um casamento, que lhe parece mau.

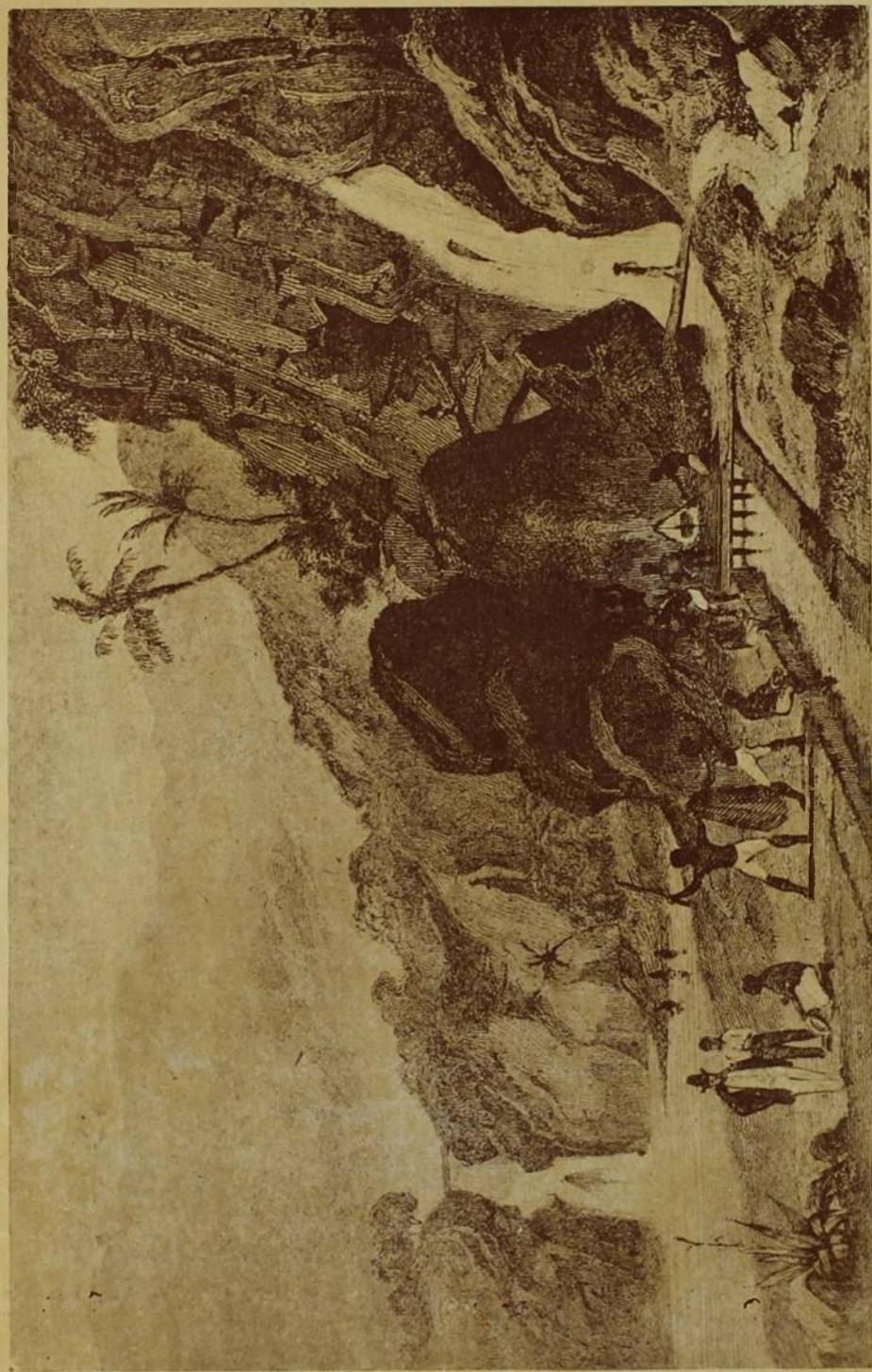
Toda a obra é um primor de observação e psychologia. A socieda-



Na corredéra

DESENHO DE ZIMMERMANN

(GRAVURAS ANTIGAS)



GRAVURA DE GIBERT

Mineração no Itacolomi

DESENHO DE VANDERBUCH

brasileira teve nella o seu melhor estudo. Xavier Marques, como Machado, serpiu-a de todo o apparato scenico, tomou-a a nua — na cida-de e não na roça — e deixou-a viver a sua nevrose tão sua, tão nossa, peolarisada sempre num ou noutro extremo. As primeiras paginas, *A boa madrasta* é um livro sereno, onde todo, mundo é bom e commo-vido: Attinge, depois, a paroxismos de pureza moral. E' quando nos mostra esse typo brasileirissimo — as *tias* — cuja analyse psychologica é magistral. O nosso realismo, niodelado á franceza, não o descobrira. Entretanto, no Brasil, não sabemos como copiar a realidade sem um typo tão real e tão abundante...

Em summa, Xavier Marques, com este romance, pode ser tido por um dos nossos grandes escriptores; desembaraçado de preconceito e entregue a uma arte má.

GUIA BRASILEIRO DE ESCOTISMO — HILARIO FREIRE
— Ed. E. Riedel & Cia. — S. Paulo — 1919.

Ao sr. Hilario Freire devemos um bello e util livrinho: — *Guia Brasileiro de Escotismo*, que relevantes serviços vem prestar á educação dos homens de amanhã. Inspirou-o o desenvolvimento que vae tendo o escotismo em S. Paulo, dando logar a suggestões e iniciativas, que sem elle ficariam para ahi á espera de oportunidade e estímulo.

Não somos dos que crêem na immediata efficacia da instituição inglesa. Esta primeira geração de escoteiros pouco lhe sofrerá, talvez, a acção regeneradora.

Todavia, este, como outros emprehendimentos, não vale tanto por si mesmo como pelo ambiente que abriu a idéias e realizações capazes de resultados ponderosos e consideraveis. Do escotismo, da campanha por sua organisação neste Estado, não é pouco o que já resulta. A sua simples existencia é já o indice de uma série de cogitações e preoccupações reveladoras de um espirito novo em nossa sociedade. E' o alargamento da causa da educação, transbordante dos limites do estreito reino do mestre-escola para o mundo das grandes necessidades nacionaes e humanas.

Assim encaramos o trabalho do sr. Hilario Freire. Dictou-o o escotismo e destina-se ao escoteiro. Abstraia-se, porém, de um e outro que o livrinho ficaraá.

Não ha melhor elogio. Desappareça um dia o escotismo e na escola o *Guia* terá o seu lugar e o seu papel, como repositorio de mil pequenas observações e ensinamentos, que não estão explicitos nos programas officiaes, nem se encontram nos compedios traçados dentro da rigidez daquellas normas.

Não dizemos que em sua feição didactica seja o livrinho isento de senões. Escripto em linguagem correntia e simples, num e noutro ponto devêra, porém, ter a qualidade pedagogica: — apresentar a verdade, o ensinamento, em sua forma nua e chocante, o que muitas vezes realisa.

Para os fins, entretanto, a que se destina, o *Guia Brasileiro de Escotismo* é um livrinho magnifico, caracterisadamente composto sob uma intenção pratica, que bem transparece da epigraphe dos capítulos, a saber:

Juramento.

Código dos Escoteiros.

Capítulo I — Deveres Moraes dos Escoteiros.

- ” II — Vigor corporal.
- ” III — A marcha.
- ” IV — Natação.
- ” V — Orientação.
- ” VI — Utilização do terreno.
- ” VII — Medida e apreciação das distâncias.
- ” VIII — Signaes e transmissões.
- ” IX — Trabalho de sapador e ponteiro.
- ” X — A vida fluvial.
- ” XI — O acampamento.
- ” XII — A cosinha do Escoteiro.
- ” XIII — O Escoteiro caçador.
- ” XIV — Socorros e medicações.
- ” XV — Salvamento e assistencia.
- ” XVI — A defesa contra o ophidismo.
- ” XVII — Montaria e condução.
- ” XVIII — A campanha do saneamento.
- ” XIX — Regras de instrucção.
- ” XX — Associação Brasileira de Escoteiros.

VOZES ANDINAS — JARBAS LORETTI — Versos — Typ.
do “Jornal do Brasil” — Rio — 1919.

O que mais interessa o A., na natureza é o homem, segundo declara nas primeiras linhas do *Prefacio* das suas *Vozes*. E tem muita razão: o homem é mesmo um bicho interessantíssimo. E nós podemos dizer, diga, paraphraseando-o, que o que mais nos interessou no seu livro foi esse prefacio.

De facto, não ha nada como um bom prefacio em que o autor nos em prosa ao alcance de todos, a synthese de tudo quanto ficou encoberto sob as rimas.

Este prefacio, por exemplho, mostra-nos que o sr. Loretti conhece profundamente o seu semelhante, quando diz:

“Roubador do fogo, chama-se Prometheu; descobridor de um mundo, Colombo. A tudo estende as suas garras de leão. Opprime, mas liberta. Nega mas adora. Aguiia, atravessa as alturas e se combate ahi do lado do mais forte, é em nome da Paz. Alma, prega no deserto, civilisa a Africa, impetra e consegue redempções. Intelligencia, tudo sonda, tudo analysa, tudo descobre; luta com o raio,

vence-o, e penetra no infinito do espaço, depois de haver descido ao fundo do mar. Nada escapa ao seu olhar de lynce. Vence as pestes; doma as feras. Sonha junto de um berço e afronta os temporaes. De um lado immensamente doce, e do outro sombriamente tragicó. Aqui Leonidas — o heroísmo maximo; alli São Francisco de Assis — doçura extrema”.

Donde o A. conclue que ha em toda vida de homem — desde o mais obscuro semeador de grãos até Victor Hugo, passando pelo “irmão espiritual deste, Miguel Angelo”, e por Lima Drumond, Nabuco, Silva Jardim, Ouro Preto, Rio Branco, Osorio e Barroso — um perenne manancial de poesia, digno de a elle se abeberar o mais alto dos poetas.

O thema, pois, preferido pelo poeta é o homem, que seja quem for, lhe inspira illimitada confiança :

“Nunca descri do homem. Se apparecem na vida naturezas mesquinhas, em compensação a terra está cheia de heroes, de philanthropos, de santos martyres. Que o diga a Cruz Vermelha Americana !”

Mas não só o individuo nacional e isolado lhe provoca admiração. São-lhe tambem propicias as nacionalidades, como se vê desta outra passagem do mesmo prefacio :

“Agora mesmo o mundo nos offerece o mais confortante dos spectaculos. Quasi todo elle, armado de ponto em branco, luta sem treguas contra o prussianismo, para o esmagar. E porque? Porque o prussianismo não respeita tratados, colloca a força acima do direito, quer o dominio, a escravidão, o despotismo, e o mundo com ancia, de milhões de peitos, quer a liberdade. A justiceira Inglaterra, a heroica França, a intrepida Belgica, o formoso Portugal, a artistica Italia, o progressista Japão, a colossal America do Norte, o nosso amado Brasil e as prosperas republicas de Cuba, Costa Rica e Guatemala, batem-se pelos direitos do genero humano.”

a qual atesta que, mesmo poetando, o sr. Loretto não esquece o digno diplomata que é. Assim, admirando o actual presidente americano, não esconde que este tem seu igual na historia franceza :

“Wilson falla como jamais fallou nenhum monarcha. E' a trombeta da democracia, que cada vez mais ganha têrreno, na consciencia humana; falla tão eloquentemente, como houvera fallado Mirabeau, se as impetuosas paixões humanas não tivessem feito níinho sobre as lavas do seu coração.”

E' verdade; quantos grandes homens não foram talvez roubados ao mundo por essas ninhadas vulcanicas das paixões; sob as quaes mesmo as grandes trombetas emmudecem! Porque a terra, realmente, está cheia de gente muito boa. O que nem sempre acontece é que essa gente encontre circumstancias favoraveis para desabrochar em virtudes. Geralmente o que se dá é aquillo que o sr. Loretto tão justamente diagnostica: Vêm as paixões humanas e fabricam um ninho incommodo sobre as

lavas do coração. Ora, como é que um homem nesse estado pode fazer coisa que preste?...

Mas, no fundo, como diz o prefacio, o homem é um optimo animal, cuja vida a natureza cerca de todos os bens, desde que elle não costume pregar carapetões á arte.

“que é uma deusa que exige a verdada e devora os que lhe menten”

o que não é absolutamente o caso aqui, pois o A. declara que:

“Se o illustrado publico brasileiro me favorecer com a sua sympathia, sacarei dentre os meus papeis outros e outros volumes, que, mercê de Deus, soube aproveitar bem meu tempo num recanto dos Andes. Uma coisa garanto ao leitor: minha absoluta sinceridade em tudo quanto escrevo. E' que vivo primeiro para cantar depois.

Quito, 22 de Maio de 1918”

Nisso é que anda mutissimo bem o poeta: *primo vivere... Deinde...* versos como estes, que se dirigem a um irmão fallecido quando alumno da Escola Polytechnica:

“Teu talento era irmão do de Laplace,
Por entre os grandes caleúlos floria.
A de mais, quem tua alma aprofundasse,
Nella bondades mil encontraria.

No teu imaginar gomavam cedros,
Cantava a estrella que detesta o crime,
Luzia o amor, dansavam polyedros,
E o céo se impunha com fulgor sublime.

Estudavas de cote (o livro é um guia)
Ao pé de limpa e pequenina mesa,
Calaphisado da real magia,
Que se sente em sondar a natureza.”

ou nestes, com que encerra o livro ; e um soneto:

“Ah ! quem quizer saber meus pensamentos,
Delles indague o mar, meu velho amigo,
Onde serão ouvidos pelos ventos...”

Como as nuvens irão morrendo aos poucos...
Como pude deixar-te, ninho antigo ?
Os poetas somos uns sublimes loucos.”

Não ; agora é que não podemos concordar : quem tão bem sabe distribuir o seu tempo entre a labuta da vida e os vôos pelos andes da poesia, pode ser perfeitamente sublime, mas de louco é que não tem nada. E' um aviso que julgamos dever dar ao poeta, afim de o expur-

gue de uma futura edição do livro, antes que a arte o devore, segundo esse seu feio costume.

DA ORTOGRAFIA DO PRONOME-ARTIGO "LO" EM
FUNÇÃO OBJECTIVA — JOSÉ RIZZO — Ed. C. Texeira
& Cia. — S.Paulo — 1916.

Neste opusculo, de algumas dezenas de paginas, o sr. José Rizzo, que é um dos professores paulistas commissionados pelo governo de Matto Grosso, para iniciar a reforma da instrucção naquelle estado, estuda um dos pontos mais controvertidos da grammatica portugueza, versando o assumpto com probidade e maxima competencia. Trabalho elogiado com justiça pelo sr. Candido de Figueiredo, nelle se revela o prof. Rizzo profundo conhedor do vernaculo e da sciencia philologica, a par de um estylista incisivo e aprimorado, o que torna a leitura do seu folheto, além de utilissima, extremamente agradavel

VERSOS DE BOM E MAU HUMOR — AGENOR SILVEIRA
— Typ. do Inst. D. Escholastica Rosa — Santos — 1919.

Agenor Silveira é um poeta de «inteiro agrado». Poeta e prosador Delle conhecemos, publicada, pouca cousa, mas optima. Tem o bom gosto de não sacrificar á grosseira deusa Quantidade, senão, e sempre, á primorosa Qualidade. Assim é que produziu os Quatro Contos (moeda antiga) — apenas quatro que valem duzias e duzias dos apressados, dos que visam á massa. Sem favor nenhum esses quatro contos em moeda antiga são o trecho de vernaculo anachronico que com mais atticismo e perfeição escreveu ainda um moderno.

Tal primor de prosa Agenor o transporta para os versos, sejam lymphaticos, como os das «Trovas», sejam satyricos como os de agora. E' esta a sua caracteristica maxima: resaibo antigo. Sabiamente dosado, porém, sem resquicio de enfadonho dos veneraveis Freis que souberam a lingua e em troca disso fizeram desleal concurrenceia ao summo da papoula. Sua arte reporta-nos ao passado, ao tempo dos pastores das eglogas, das Florindas e Sylvanos. Todas as reminiscencias classicas afloram-nos á mente, — Bernardim chorando o rouxinol morto, os enlevos bucolicos de Lobo...

Poesia antiga, mas arte moderna. Agenor é do seu tempo e tem em si todas as acquisições psychologicas intermedias entre a «ruda avena» e a flauta de onze chaves.

Neste livro Agenor revela a feição satyrica da sua musa. Amiga da solidão dos campos nas «Trovas», aqui perde o bucolismo porque penetra na cidade. Não fica amarga, porém, nem cruel. Toma apenas o alfinete de Tolentino e dá suas cotucadas «mau humoristicas» quando não está bem humorada. Exemplo:

O HOMEM POBRE

Que papel triste e inglorio representa
Um homem sem dinheiro neste mundo !
Vota-lhe a communhão horror profundo ;
Ninguem o quer ouvir, si se lamenta.

E' despresado, quando Amor o tenta ;
Si dos mais foge o trato, é vagabundo ;
Poeta, o que em annos faz, mette um segundo
Em desfazel-o a critica violenta.

Si emprego não cavou, — foi por preguiça ;
Si não se veste bem, — é um pobre diabo ;
Si estuda muito, dizem que vê pouco...

Eis do mundo e dos homens a justiça !
— E, si o infeliz, da vida, emfim, dá cabo,
Si os miolos faz saltar com um tiro, — é louco...

E este outro ?

SI ELLA SOUBESSE LER

Si ella soubesse ler — que bom seria !
Que bom ! com que prazer
E commoção meus madrigaes leria,
Si ella soubesse ler !

Si soubesse escrever — oh ! que alegria
Não havia de ser !
Que paginas de amor me escreveria,
Si soubesse escrever !

Mas quantas outras, quantas, não podia
De extranha procedencia receber !
E então — que horror ! que grande horror seria !
Podia a todas ellas responder !

Permitta o justo céu que a desalmada
Que assim me soube o coração prender
Aprenda a amar-me apenas, e mais nada,
Porque mais nada lhe convem saber...

Versos, ha por ahi em barda. Mas versos como os de Agenor Silveira, pouquissimos. Nem é arrojo dizer que só os ha quando elle os faz.

BRASIL HEROICO — ALIPIO BANDEIRA — Imprensa Nacional — 1918.

O sr. Alipio Bandeira, official positivista do exercito nacional, escreveu um livro curioso. Intitula-se *Brasil Heroico*, propõe-se o estudo da Revolução de 1817 e disso mesmo é o de que menos cuida no seu grosso volume, que, antes, se destina a deprimir a memoria de quem nada tem a ver com o thema...

Que importa á analyse a revolução pernambucana a personalidade de Pedro II? Por mais que demos tratos á bola, não atinamos francamente, o segundo imperador diz tanto com o heroico episodio histórico, quanto o sr. Bandeira com a ultima revolução chineza...

Pois, *Brasil Heroico* foi, pelos modos, escripto para contrapôr á opinião corrente a respeito de Pedro II a respeitavel opinião do illustre discípulo de Conte e do sr. Teixeira Mendes. Entretanto para que não só se respeitam mas se imploram: devem os juizos trazer as credenciaes devidas, o que em absoluto falta ao do sr. Alipio Bandeira.

E, vindo assim intempestiva... Mas não riamos.

Estriba-se o districto militar — em que? — na voz de politicos militantes do antigo regimen, conhecidissimas opiniões que não impediram a formação da aura que circunda a figura do magnanimo imperante. Ao sr. Bandeira basta que as coisas sejam ditas... Em pronunciadas — são irretorquiveis...

Ora, francamente, é muito pouco espirito positivo. Si se quer marcar na memoria do mundo monarchia extinto, argumenta-se. Não basta citar phrases. E' preciso analysar conceitos... E esses, foram já bastante estudados e definitivamente postos á margem. Giram elles todos em torno do famigerado *poder pessoal*, do não menos celebre espirito corruptor e baboseiras que taes.

Dado do barato que isso lhe traga loiros de macula, que é isso á vista do que caracterisa os homens da actualidade?

O sr. Bandeira fez a obra de patriotismo.

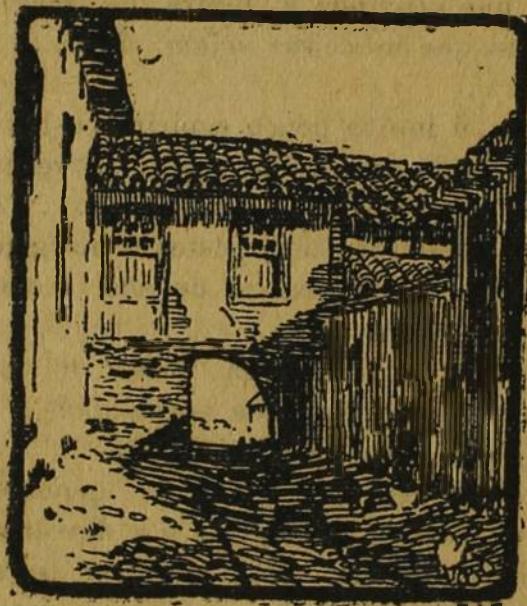
E não só ahi. Em outra passagem, o generoso militar defende o cancellamento da divida do Paraguay e a devolução dos tropheus lá conquistados pelo nosso exercito. Não deixam de ser edificantes pieguices e humanitarismos taes em tão bellicosa gente como a que traz uma espada a cinta!

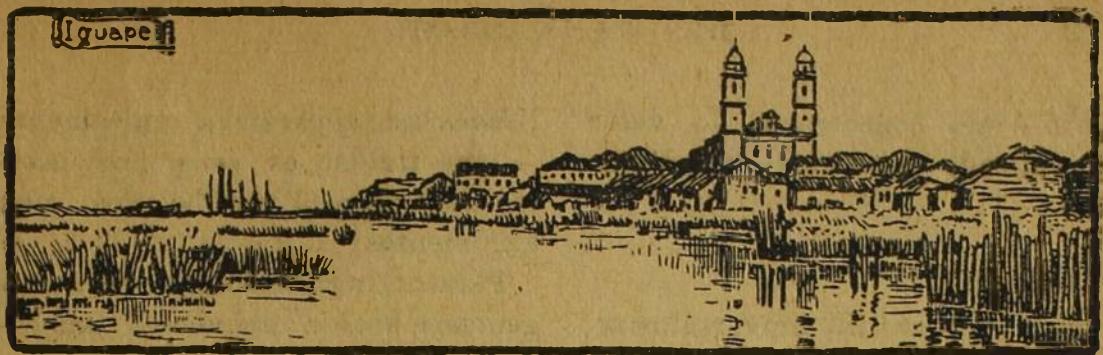
Ultimas publicações recebidas:

Raul Brandão — Memorias = *Campos Lima* — O Reino da Traulitania — Dr. Gustavo R. P. D'Utra — Estrumes mixtos e «compostos» — Theodoro de Magalhães — A liberdade de cultos no Brasil.

Revistas: *Revista de Commercio e Industria* — S. Paulo — *Revista Contemporanea* — Rio — *Pasquino Coloniale* — S. Paulo — *D. Quijote* — Rio — *Gil Braz* — Rio — *A. B. C.* — Rio — *A Cigarra* — S. Paulo — *A Vida Moderna* — S. Paulo — *La Revue* — Paris — *La Revue de Paris* — Paris — *La Grande Revue* — Paris — *Revue France* — Paris — *La Revue Hebdomadaire* — Paris — *Journal Debats* — Paris — *Revue Bled* — Paris — *Mercure de France* — Paris — *Hebdo*

Debats — Paris — *Revista de Economia Argentina* — Buenos Ayres — *Revista de Filosofia* — Buenos Ayres — *Revista Argentina de Ciencias Politicas* — Buenos Ayres — *Nosotros* — Buenos Ayres — *La Revista del Mundo* — Nova-York — *Boletim da União Pan-Americana* — Nova-York — *Boletim Mundial* — Rio — *Jeca Tatú* — Rio — *O Ensino* — Belém — *Hoje* — Rio — *O Garoto* — S. Paulo — *Revista delle Nazione Latine* — Firenze — *Vita e Pensiero* — Millano — *Rassegna Nazionale* — Firenza — *Atlantida* — Lisboa.





RESENHA DO MEZ

Amadeu Amaral.

Para a vaga aberta na Academia de Letras com a morte de Olavo Bilac vae apresentar-se candidato o poeta Amadeu Amaral, certamente, dentre os escriptores nacionaes, um dos que mais numerosos e legítimos titulos conta para sua apresentação á illustre companhia.

Escolhido que seja o poeta das *Urzes* e das *Nevoas* para guardar a herança do cantor da *Via-lactea*, terá a Academia prestado á memoria do ultimo a mais condigna e significativa homenagem. A cadeira de Bilac não encontraria para occupa-la outro que, como Amadeu Amaral, tão galhardamente sustente um cotejo com o seu antecessor. Como Bilac, Amadeu Amaral distingue-se pela amplitude da inspiração que lhe dictou os versos, embora animando-se a poesia de cada um de intenções diversas. Como Bilac, que com ser poeta maximo, tão bem exercia a prosa que esta se igualava á poesia pelo lavor acurado do estylo e originalidade dos conceitos, Amadeu Amaral cultiva a outra forma literaria

com o mesmo brilho dos seus poemas admiraveis, que á feitura apimorada alliam um fundo suave de serena philosophia. Ambos possuem o dom raro de deixar em cada obra aquelle traço de discreta elegancia attica propria das individualidades que planam muito acima da vulgar mediocridade. Como aquelle, este é, sobretudo brasileiro, no que esta qualidade dá de isempçao de todo regionalismo ou qualquer outra estreiteza de personalidade.

E se a tantas razões felizes que apontam Amadeu Amaral como o idoneo successor de Bilac no seio da Academia, fosse licito acrescentar outra, de sentimento, ahi estaria a grande amizade que sempre uniu os dois brilhantes artistas, o que faria com que a entrada do sobrevivente para o posto deixado pelo morto fosse como que uma resurreição da alma do grande poeta para o convivio dos seus camaradas academicos.

Quem quer que se apresente ao limiar da Academia só poderá sentir-se orgulhoso se, ao ter de ceder o passo a outrem, vir que o

eleito é um concorrente do valor do delicado burilador das *Espumas*.

Humour.

Toda a literatura universal comprehendeu, até hoje tres phases distinctas, que são gradações de sua marcha ascensional: a doutrinaria, a impassivel a zombeteira.

A arte da palavra começou sempre — e pode bem averiguar-se ainda nos paizes novos — com a «pose» conselheiral e moralista: é a função de mestre escola, de guia-dora pedagogica da opinião. Assumi todos as ares, desde o discretear grave e digno dos conservadores, ás coleras rubras dos reformistas e ás satyras sangrentas e bombasticas dos insatisfeitos.

Transformou-se aos poucos, em simples espectadora, fez-se imper-turbavel diante das paixões humanas, impessoal e impassivel.

Acabou ridicularisando o que moralisou, servindo-se para isso do inevitavel contraste entre a vida e as theorias, os factos e os argumentos, a logica humana e a indifferença da natureza.

E' uma ascenção tão firmemente marcada no desdobramento da literatura que tem parecido facil explicar pelo progresso do espirito humano e pelo augmento gradativo da capacidade intellectual dos escriptores.

Pode chegar-se a ser um artista de valor como doutrinario sem ter a menor parcella de espirito philosophico, o que presuppõe mais um esmerilhador e analysta.

O mesmo argumento se accentua com os impassiveis, elles não passam de doutrinarios — insensibi-

lisados na apparencia unicamente — que trahem os seus preconceitos pela propria escolha dos seus argumentos

Para attingir o «humour» a exigencia é maior: requer-se um espirito lucido e perspicaz para comprehendêr as relações existentes entre as paixões humanas, argucia para suprehender os contrastes e os conflictos entre as aspirações humanas e as possibilidades, não só sociaes como da natureza, uma percepção e um tacto fino para decifrar na alma dos outros, atra vez dos traços fugidos e inconscientes que afloram ao exterior, e, ademais, uma philosophia entre indulgente e sarcastica, entre garota e piedosa qualquer cousa como um sorriso impossivel de compaixão e de desdem

Dahi se explica porque têm feito, hodiernamente, o «humour» um caso de consciencia, esquecendo-se de que em arte o caso da consciencia é tudo.

Se é verdade que o «humour» tem uma só philosophia — o scepticismo com todas as suas nuances, desde o trismo quasi incosciente do garoto á impassibilidade calculada do «pince-sans-rire» não é menos verdade que a duvida que forma o sceptico é em resumo toda a arte moderna.

Disse optimamente William James que "le scepticisme est la vivante attitude intellectuelle des hommes qui ne veulent pas conclure" (Eu substituiria apenas o verbo "veulent" por "peuvent".)

Mas os homens orientados assim formam, ao mesmo tempo, tres classes de escriptores: ha os que afirmam; ha os que negam e cla-

mam; ha os que affirmam, parecendo negar.

Este ultimo seria o caso dos humoristas. O dizer-se, pois, que o "humour" é um caso de consciencia equivale a dizer mui pouca cousa. E' uma verdade essa que não se particulariza aos humoristas, que sim aos escriptores de toda a casta e de toda a parte.

As causas determinantes do "humour" tem sido até hoje gravemente discutidas em todos os arraiaes literarios. E, desde Taine, com o seu estudo sobre Fielding, a maioria dos criticos se inclina a pensar que elle é evidentemente um producto da alma e do feitio da raça anglo-saxonia.

A affirmação é tão insistente e tão geral que nella deve haver um fundo de verdade.

A mim ella me parece exactissima.

O "humour" é producto inglez. Não, porém da alma, da lingua ingleza. O "humour" não é uma escola literaria, é uma revanche apenas de escriptores que não dispõem de um lingua malleavel, cheia de recursos de expressão, que lhes facilite a creação de um estylo.

Em inglez não ha, propriamente, estylo, como nós o entendemos á latina. O estylo é o artificio mais ou menos sabiamente dissimulado com o emprego de certos e determinados arranjos e effeitos e disposições no corpo do discurso, que classificam a maneira personalissima de um autor e o tornam inconfundivel no meio de cem outros. E' uma maneira brilhante de ser "cliché".

Ora, sendo a syntaxe ingleza magra de recursos, um escriptor

britannico diria sempre uma idéa quasi com as mesmas palavras, dispostas na mesma ordem, com que as diria um outro inglez.

E' uma lingua monotona que não consegue "eblouir" o leitor com uma musica original de palavras. Um Rostand inglez seria impossivel.

Coisa, aliás, facil de verificar nos literatos inglezes que quizeram contar as suas ancas indefinidas, como por exemplo nesses precursores do moderno symbolismo, os chamados "pre-raphaelitas", entre outros, em Dante Rossetti.

As emoções que elles querem transmittir, como são fugidias e vagas, morrem com a inflexibilidade de seus recursos linguisticos.

Falta-lhes o poderoso encanto da symphonia da cõr e da magia dos sons, o mirabolante e fremente escala chromatica vocabular, que uma qualquer lingua latina offerece perduariamente.

Esse facto obrigou os inglezes a um recurso; valerem-se da idéa como fonte inesgotavel para chocar o publico, e refinando assim o fundo da obra, desde que a forma era meio insufficiente.

Trouxe-lhes isso, pelo constante exercicio e pela continua selecção, um aguçamento de suas faculdades de analyse, que os elevou a pensadores de primeira plana no concerto da literatura mundial.

Saber pensar tambem é uma escola.

Podem, talvez lembrar o pessimismo que elles manifestam. Mas isso não é caracteristica ingleza. E' sainete humano, peculiar a todo homem que pensa. No latino virou ironia. Lá assumiu essa fei-

ção de scepticismo soridente e maligno.

* * *

A prova mais forte desta minha affirmativa reside no facto de haver uma pleiade de humouristas inglezes e norte-americanos enchendo a quasi totalidade dessas duas literaturas e uma penuria extrema em todas as outras.

Para explicar o phenomeno segundo o criterio das raças, ha os exemplos do apparecimento do "humour" em paizes cujos caracteres são os mais antagonicos da alma ingleza.

E mais que isso a verificação de que a Alemanha, por tantos traços ligada aos inglezes no substracto racial, é um paiz ande não abundam os humouristas.

Para se adoptar o criterio do tempo, a gente se veria singularmente embaraçada para explicar, por exemplo, a eclosão de temperamentos humoristicos na empolgante éra napoleonica, como o de Charles Lamb ou de Thomaz de Quincey, com a sua "On murder considered as one of Fines Arts." "E mais, talvez, o contraste frizante entre um Musset e um Thackeray. Filhos ambos da época immediata a queda da Aguia, se os tempos fossem um factor de influencia capital, é certo que se justificaria logicamente "La confession d'un enfant du siecle" mas a "Vanity-Fair" seria de todo ponto incomprehensivel.

Em outras literaturas, o "humour" é planta exotica que só esporadicamente apparece.

"D. Quixote" "Gargantua", e o "Decamerone", permaneceram, du-

rante tanto tempo, isoladas nas suas literaturas de origem, que se fizeram typicas no meio da turbamulta de outras obras.

Modernamente, então, a penuria é talvez maior. E' só cotejar os typos representativos de cada paiz a ver que não ha humoristas.

A Italia apresenta-nos esse inimitavel Gabriele D'Annunzio, modelo complexo e completo de artista, fructo tão acabado do refinamento de uma cultura secular, que sente e vibra em qualquer ramo literario: o drama, o romance, o poema.

Ao lado delle fica essa inquietante figura de Sem Benelli, o mesmo que reformou o verso, dando-lhe a technica superior da prosa e o rythimo, a musica rolante do "Adagio", na "Sonata ao luar" de Beethoven.

A França dá-nos o extraordinario Rostand, symphonista da côr, colorista do som, manejador de uma poesia que é, como o canto do seu "Chantecler", "un cri vermeil" pintor que se fez literato, brilhante, ruidoso, empolgante, cujos versos dansam uma perturbadora valsa meridional, cheia de fremitos, e de vibrações, de claridades solares, nervosos como ardentes de mar encarneirados.

No Brasil e em Portugel nem mister se torna citar nomes. São todas uns encantados da côr, do céu da terra reverberando numa fulguração de ouro verde.

E quaes os representantes typicos do humorismo? Sim, os typicos, os pucha-filas, porque se presume que ao lado delles haja, como se dá com os outros ramos li-

terarios, uma pleiade de emulos, sequazes e imitadores.

A Italia não n'os tem. Para quê? A lingua sonora é malleavel, é ductil. Amolda-se ás transformações, plasma-se, tem trinos e gorgeios como uma ave canora, tem pizzicatos e tremulos como um violino, tem uma palheta plena de nuancas e de morticôres.

O unico dos italianos a quem, bem que mal, caberia o titulo de humorista é Carlo Alberto Salustri, e conhecido Trilussa, que escreve no dialecto romano.

Um dialecto, apezar de ser a materia prima de que se formam as liaguas, ainda não o é. Falta-lhe claridade, esse dom de argilla já plastizada e não se presta a grande causa na ordem literaria.

A França tem Anatole France, que é aliás o caso mais interessante de toda a literatura do "humour".

E' incompetente, nestes ligeiros traços, o estudo desse literato que, de um dia para outro, resolve fazer-se humorista, valendo-se do mesmo processo dos inglezes.

Em todo caso fique bem patente que é só elle.

Nós temos Machado de Assis e... só.

Em portuguez não existe outro representante que não seja elle. Os outros que taes parecem — e ainda assim rarissimos — são humoristas optimistas, uma feição mui particular da graça latina.

Vejam, por exemplo, esse delicioso Bastos Tigre. E' um humorista incompleto, á moda de Eça de Queiroz, e cuja caracteristica é a "insouciance" pelos grandes problemas em que se afana a huma-

nidade, a descuriosidade das questões psychicas e sociaes. Fere-os apenas o contraste burlesco e risivel, o traço fugidio do ridiculo, a linha caricatural dos conflictos. Uma especie de jansenistas do humorismo.

Aqui está uma amostra flagrante de Bastos Tigre. E' "Voz interior"

"Quem sou eu" De onde venho e
[onde acaso me leva
O Destino fatal que meus passos
[conduz?
Ora sigo a tactear, mergulhado na
[treva
Ou tacteio, indeciso, offuscado de luz.

Grão no campo da vida onde a
[morte se ceva?
Semente que apodrece e não se re-
[produz?
De onde vim? Da monera? ou vim
[do beijo de Eva?
E onde vou, afinal, a sangrar de
[pés nus?

Nessa esphynge da vida a verdade
[se esconde,
O espirito concentrado consulto a
[razão,
E uma voz interior, sincera, me
[responde:

Quem és tu? — operario honesto
[da nação!
De onde é que vens? de casa...
[Onde é que estás? no bonde.
Para onde vaes? não vês? — para
[a repartição.»

E' que o portuguez não é lingua humoristica; para o conseguir é preciso que se lhe appliquem os processos e artificios.

Foi o que se deu com Machado de Assis. O seu proprio estylo so-

brio, conciso, castigado, tão gabado, não tem nada que nos lembre as nossas qualidades e defeitos raciaes, e se casa mui pouco com o nosso genio.

Não lhe conheço uma unica descripção de paisagem que empolgue. Não n'as tem, porque a cor é para elle uma cousa inexpressiva.

Num certo sentido a obra de Machado — que é alias o monumento imperecivel da nossa lingua — parece uma traducção. Pois é de crer-se que elle pensava em inglez e que sua obra original, ideologicamente, é uma traducção para o portuguez.

O que em nossa literatura o faria, sem duvida, um caso excepional, pois não é de agora, mas de todo tempo que todo o mundo pensa mais ou menos em francez.

SUD MENNUCCI

(«D'O Estado de São Paulo»)

A favor da lingua portugueza.

De ha muitos annos que venho fazendo propaganda a favor da lingua portugueza. Hoje, depois de tantos annos, olhando em roda, parece que eu seja «uma voz clamando no deserto.»

Ninguem se importa; nem os norte-americanos, nem os brasileiros e nem os portuguezes tão pouco.

Ha alguns annos lembrei-me de preparar uma gramática da lingua portugueza, com a idéa de animar o estudo do portuguez, mas quando falei com um amigo brasileiro sobre a tal grammatica, aquelle amigo, um dos primeirss homens de letras do Brasil, não me deu

nenhuma palavra de esperança, e nem sequer um sorriso de animação. Parece que elle já sabia!

Acabado o manuscripto da gramática, não achei casa editora, nem no Brasil, nem nos Estados Unidos, que quizesse publicar o livro sem todas as garantias da minha parte.

Sabendo, porém, que o propagandista precisa de de coragem e tambem de dinheiro, não hesitei. Segui meu caminho com a confiança de optimista.

E agora? Agora parece que chegou a hora de assentar os resultados em letra redonda.

Hoje, os negociantes norte-americanos, convencidos da importancia commercial do Brasil e da necessidade de estreitar as relações commerciaes com aquelle grande paiz, reconhecem a necesidade de fazer o que? — *De estudar a lingua hespanhola!*

Catalogos, livros, listas, direcções e tudo, emfim, é impresso em hespanhol para o uso, direcção e conveniencia dos nossos vizinhos brasileiros, e machinas de todas as qualidades, fabricadas nos Estados Unidos para o commercio brasileiro trazem as direcções e nomes em hespanhol.

Parece-me que já é tempo dos brasileiros protestarem em voz alta. Porque, enquanto os negociantes brasileiros acceptarem a lingua hespanhola como a lingua do commercio do BRASIL, o portuguez ha de ir perdendo terreno.

Temos, porém, de lutar, não sómente com a ignorancia quasi geral dos Estados a respeito da lingua do Brasil, mas tambem com o indifferentismo dos brasileiros

mesmos, e, ao mesmo tempo (e este é ainda mais importante) temos de nos oppôr á propaganda feita pelos portuguezes *contra* a lingua portugueza.

No anno de 1911 a Republica de Portugal mette a mão nesta materia com resultados tristes. Aquella governo publicou officialmente uma brochura com o titulo de «Bases para a unificação da ortografia», e com um só golpe acabou com as leis da evolução natural da lingua portugueza, e apagou completamente os traços e relações historicas e linguisticas, que a ligam com latim, com o grego e com as outras linguas do mundo. Na minha opinião, aquele governo, por este acto, tomou uma liberdade com a lingua do povo que nem os reis mais despoticos jamais se lembraram de tomar. Felizmente, no Brasil, os auctores e escriptores serios, se occupam com a historia e com a litteratura em lugar de procurar novas e esquesitas maneiras de soletrar. Quando, ha poucos annos, o nosso Presidente Roosevelt lembrou-se de «reformar» a lingua ingleza, muitos dos nossos patricios cairam nesta cilada. E todos sabem que, nesse ponto, a lingua ingleza é, sem comparação, a mais difficult. Dos esforços, porém, do incançavel sr. Roosevelt resta apenas uma ou duas palavras «reformadas», e mesmo assim empregadas sómente em certos jornaes de segunda ou terceira ordem.

Ora, porque a lingua ingleza resiste a essas modificações? Porque é, e deve ser, um producto de evolução como muitos outros, e es-

tá sujeita a certas mudanças lentas, graduaes, as quaes não podem ser feitas de supetão, sem consequencias sérias.

Felizmente o Brasil quasi que escapou desta «reforma», e é de esperar que todos os brasileiros se opponham com energia a essa idéa de mutilar e ultrajar a lingua mais latina que ha no mundo.

Afinal, falando com toda a franqueza: — se quizermos fazer respeitada a lingua portugueza no estrangeiro, será preciso respeitá-la em casa; será preciso insistir sobre a importancia, força e valor intellectual, litterario e commercial da lingua portugueza legitima. Será preciso tambem deixarmos de mexer nessa questão de ortografia. Ninguem quer se interessar numa lingua ou na literatura de uma lingua que está em estado de fluxo e de mutação.

Hoje a esperança da lingua portuguezo fica nas mãos dos brasileiros, e é de esperar que elles façam uma propaganda a favor do portuguez, mas do portuguez legitimo, como os franceses fazem a favor da lingua franceza.

Para quem quer empregar uma lingua perfeitamente logica, perfeitamente phonetica e perfeitamente mechanica, ahi está o Esperanto: lingua inventada, logica, phonetica e perfeita, sem literatura, sem alma e sem valor intellectual ou espiritual.

JOHN C. BRANNER

Presidente Emeritus da Leland Stanford University. — Do «Estudante Brasileiro — Ada-Ohio-U. S. A.

Psychiatria.

Da prelecção de abertura do curso de clinica psychiatriaca, em 1919 na Faculdade de Medicina e publicada no "Estado de S. Paulo" de 20 de março :

W. Stekel, num interessante livro — «Die Traume der Dichter» — obra de psychologia filiada á escola de Freud, nos revela curiosíssimas conclusões a que chegára pela analyse dos sonhos dos poetas e dos nevroticos.

O sonho nos dá a conhecer o que existe no inconsciente e no subconsciente. Para se chegar a esse conhecimento, entretanto, faz-se mister minuciosa e habil interpretação do seu symbolismo esoterico ; sem isso o sonho nada diz. A meu ver, é exactamente essa interpretação, a onirocritica, o ponto vulnerável das idéas de Stekel e de toda a escola de Freud. O onirocrita tem diante de si multiplas causas de erro ; para evitá-las faz-se mistér muito bom senso, muito estudo e attenção.

Que é o inconsciente e o subconsciente ?

Um acervo de heranças estratificadas na obra morta ou alicerce da mentalidade humana, ao qual se ajuntam as experiencias da infancia. E' dahi que surgem, como do celebre poço de Nurnberg, quando se agitam essas profundezas, os estranhos fantasmas flagelladores da nossa pobre alma.

Tanto vale dizer isso como repetir as palavras de Taine sobre a nossa vida subconsciente : «Do mundo que constitue nosso ser, nós só percebemos os vertices, especie de picos illuminados num continente cujas profundezas ficam

na sombra». Deixemos, porém, as comparações literarias que não adiantam grande coisa.

No sonho o inconsciente sobe para o lugar do consciente. O «eu» sensorial cede o lugar ao «eu» esplancnico, diz Tissié (Les Rêves).

Stekel, em conclusão ao seu estudo psychologico dos sonhos, reune o poeta, o nevrotico e o criminoso por alguns traços fundamentaes, instinctivos, que lhes são communs. São homens de instintos fortes. Dominam nelles imenso egoísmo e «incapacidade de amar».

A capacidade de amar depende do grau de desprendimento a que podemos chegar, sacrificando o amor proprio para transformá-lo em amor ao proximo. O amor é um sentimento altruistico independente de «erotismo», embora com este se possa ligar e formar um só complexo affectivo. Amar, é, pois temer pelos outros, soffrer com elles, sem o desejo de posse.

O criminoso, o nevrotico e o poeta podem manifestar, portanto, excesso de virilidade, de erotismo, isso pouco importa ; o que lhes falta é a capacidade de amar. Essa incapacidade age occultamente, do subconsciente, sobre a mentalidade dessas criaturas e lhes dá uma intuição de inferioridade que perenamente os persegue.

O poeta, como o nevrotico e o criminoso, é grande no desprezo pela humanidade, pequeno porém no amor. Existe nelle, por isso, um infinito anseio de amor que o impelle sem cessar á busca dessa sombra fugitiva. O amor é idéa suprema que o poeta nunca atinge.

Todos elles têm um secreto «sonho de grandeza». Stekel chama esse sonho — a grande missão historica. Perdem a vida de preferencia a renunciar-o. O sonho de grandeza do poeta (do artista em geral) o leva á producção das obras primas, dessas maravilhas do pensamento que tanto nos encantam. Despreza a humanidade, mas precisa do aplauso repetido e da estima dos outros para manter elevado o sentimento hipertrofiado do proprio «Eu», seu unico Deus, constantemente ameaçado de ruina por aquella intuição de inferioridade a que ha pouco nos referimos.

O sonho da grandeza do criminoso, ora occulto, ora bem claro, revela-se por demais evidente no anarchista e no magnaticida. A egofilia, nestes, não tendo a derivacão na arte, como sóe acontecer com o poeta, expondo-se nas ruidosas manifestações contra a moral vigente, contra a lei, contra tudo! Perguntam a Manso de Paiva qual foi móvel do seu crime e elle dirá como Carlota Corday, Ravaillac, Louvel e tantos outros: fiz um bem á humanidade.

Os magnaticidas e regicidas são temperamentos mysticos, criminosos, em potencial, que só saem a luz do sol quando um certo meio social lhes offerece, num momento dado, as condições favoraveis, sem as quaes podem viver e morrer inteiramente desconhecidos.

O criminoso inferior, brutal, denuncia o sonho de grandeza no desejo de ver seu retrato nos jornaes e a minuciosa descripção de sua vida. E' gabaróla, de uma infantil, invencivel vaidade. E' o

degenerado inferior, nevrotico da peor especie. Um dia levanta-se de mau humor, com tédio da vida, aborrecido de si e do mundo que o rodeia, e só espera o primeiro pretexto, seja o mais futile, para matar e destruir numa raiva céga tudo que lhe chega ao alcance. No prado de corridas, em S. Paulo, um soldado de polícia deu um exemplo ha tempos, do que ora acabamos de dizer.

Sobre esse assumpto nos deixou Dostoiewski inesquecíveis paginas de psychologia morbida, paginas que não foram inventadas, mas sim vividas.

Que diferença entre o criminoso e o poeta, o fino artista, sobre o qual age fortemente a educação e o meio social! O poeta, no perenne anceio que denuncia a carencia de amor, luta com toda a alma para transformar o supremo despreso em supremo bem — amor ao proximo. Elle ensina a amar quando mostra aos outros o caminho que elle proprio se desespera por querer seguir. Accede-o nesse desespero a fantasia, a imaginação, esse dom inestimável com que elle transforma um urubú em aguia. Satisfaz assim por momentos a exigencia affectiva de sua alma insaciavel. Conserva-se no sonho que para o poeta é tudo: é o seu reino, onde elle é Deus e senhor supremo. A obra do artista, principalmente do poeta e do romancista, muita vez, não é mais que uma vingança contra tudo o que elles odeiam e desprezam, reconhecendo, entretanto, sua impotencia para modificar a ordem das coisas no seu meio social.

Edgar Poe, na sua «Eleonora»,

deixou esta phrase: «Os homens me chamaram louco, mas a scien-
não nos disse ainda si a loucura, é ou não o sublime da intelligencia. Os que sonham accordados vêem mil coisas que escapam aos que só sonham dormindo. Nas suas visões brumosas elles avistam pedaços do céu e estremecem ao despertar, vendo que estiveram por instantes á beira do grande segredo...»

Não tenho necessidade de documentar aqui a existencia do nevrosisimo e, ás vezes, do instincto criminoso dos grandes artistas e poetas. O livro de Paul de Saint Victor — «Hommes et Dieux» — bem como o de Loimbroso — «O Homem de Genio» — são mais ricos e instructivos do que todos os exemplos que eu pudesse apresentar.

Stekel, depois de analysar os sonhos dos poetas e dos nevroticos chega ás conclusões que aqui vão resumidas.

A sensaçao de vôar é frequente no sonho do poeta (quando dorme...); as scenas de crimes tambem não são raras. O amor, porém, nunca entra nesses sonhos. As proesas de G. d'Annunzio, durante a guerra, como que servem de documento á affirmação de Stekel, escripta antes desse tempo.

O poeta, o criminoso e o nevrotico revelam os seguintes traços communs:

O egoismo desmedido: a incapacidade de amar, que elles sentem dolorosamente como inferioridade; o sonho de grandeza que Stekel chama a grande «missão» historica; desprezo á moral, ás leis, á religião, sem embargo do profundo

mysticismo e da manifesta religiosidade que nunca os deixa.

Stekel parece ter tomado Nietzsche para modelo de sua synthese. Zarathustra é o philosopho, poeta e reformador que melhor encarna esses attributos, com excepcional destaque, porque nelle tudo isso se intellectualisa e se exprime com clareza, ao passo que na generalidade esses traços de caracter pertencem ao vasto dominio de nossa vida subconsciente. Essa categoria de estados psychicos não chega a transpôr o limiar da consciencia, mas de lá mesmo, do inconsciente e subconsciente, tem acção sobre toda a vida psychica.

O homem de vida fortemente instinctiva só tem, pois, tres possibilidades a seguir na existencia: a «arte», no sentido geral; o «crime», quando não lhe é dado derivar a actividade para a arte; finalmente, quando não se possa expandir na arte nem no crime, apparece a «nevrose», a angustia, que é uma «duvida eterna».

As trajectorias diversas explicam-se pela diferença da capacidade mental, como tambem pela acção do meio, da educação, que é diversa sobre cada um delles.

Quando se põem em parallello o criminoso com o poeta e o nevrotico, entende-se o criminoso de occasião, o que revela accentuada affectividade. O criminoso nato, esse caracterisa-se pela sua vida affectiva quasi nulla; não tem noção alguma de amor; não manifesta temor nem consciencia. Consciencia é a somma das inhibições que se intromettem entre os pensamentos, os desejos e os actos. O poeta e o nevrotico revelam excess-

so de consciencia. A luta do criminoso se realisa directamente entre os seus instintos, com que elle se identifica, e a sociedade. Falta-lhe o reostato da consciencia. O conflicto do poeta se dá entre os instintos e as inhibições de natureza ética. O poeta e o nevrotico têm a vida affectiva exagerada ; soffrem ambos pertubações affectivas. O criminoso nato tem um defeito, uma lacuna affectiva : é um indiferente.

Todos elles, porém, tem alguma coisa de «associal»; seu instinto destruidor tem muita similaridade com o da criança. Tambem, como a criança, tem intimo parentesco com o mentiroso. Nietzsche disse : o poeta é irmão de leite do mentiroso, ao qual elle usurpou todo o leite.

Os poetas e nevroticos têm os caracteristicos do criminoso : crudelidade, ousadia, accessos de furia, desconfiança, inveja, ciume e infinito descontentamento com a sua sorte.

Alfredo Adler, da escola de Freud, mas um tanto dissidente, pensa que a phenomenologia da nevrose é um conjunto de manifestações do «ego», subjectivamente exagerado, como supercompensação da propria inferioridade organica que protesta contra o poder do mundo da realidade por meio de reacções illusorias, que são como guardas do sentimento de segurança pessoal e de omnipotencia. E' a pura verdade.

Honorio Delgado, do Perú, fazendo a apologia e uma exposição da psycho-analyse, lá diz no seu trabalho : «As manifestações nevroticas são a scena resultante de

um conflicto entre os desejos que lutam pela sua realisação e a acção da consciencia que trata de os reprimir por serem oppostos aos principios da moral».

O nevrotico é um criminoso sem animo para delinquir ; é um co-barde que range os dentes sob o peso dos deveres. Sua molestia é um meio de desviar-se dos deveres ; sente-se rebelado contra o imperativo social do dever, contra a compressão do dever ; soffre o peso da consciencia como se fosse de qualquer molestia ; torna-se hipermoral. Elle renuncia á sua personalidade a favor da sociedade, mas só de medo deante dos castigos da terra e... do céu. Em virtude da lei de bipolaridade do espirito, elle sente-se inferior, incompleto ; queixa-se de suas más qualidades, mas ao lado disso sente-se tambem superior aos outros, aos seus conhecidos ; não supporta censura, aprecia immensamente o louvor ; não conhece meio termo. Quem o não ama é inimigo.

Tudo isso existe no poeta. Este, porém livra-se de todo o mal pela sua arte. Vence na sua pessoa o nevrotico e o criminoso. Tem a fina consciencia do homem civilizado ; reage ao menor desvio com a consciencia de culpa ; sua consciencia é hipersensivel. Vaidoso, desejaria ser unico. Na apparencia elle trabalha e produz obra d'arte para si só ; na realidade as produz para os outros, para obter sucesso. Sua vontade de dominio («Wille zur Macht») obtém sucesso á força. Quanto mais se eleva, mais tem o prazer de ver curvadas, em baixo, as massas populares ; força assim o coração dos leitores e apre-

ciadores. A escola de Freud sustenta mesmo que a obtenção de sucesso, de poder, de força, reverte sempre, consciente ou inconscientemente, em satisfação do instinto sexual. Comprehende-se bem isso quando se consegue penetrar no amago da doutrina pansexualista dessa escola, coisa que não é fácil. A vontade de domínio é antes desejo de amor; anseio de domínio é o desejo de ser amado por todos, amado sem limites. O amor é uma submissão. Pela lei da bipolaridade corresponde a essa vontade de domínio a vontade de submissão. No poeta lírico se vê a adoração exagerada da mulher; na poetisa, a adoração do homem. Como o criminoso o poeta quer publicidade, quer que se ocupem dele; sente-se infeliz, não compreendido, se não falam, se não escrevem sobre sua pessoa. Ciumento, é pequenino quando julga a capacidade da um concorrente, Goethe passou uma noite inteira sem dormir, só porque soube de uma manifestação e «marche aux flambeaux» preparada a Schiller. Foi preciso, por amor do grande homem, que se não realisasse essa festa ao seu amigo. Se isso se deu com um grande, como Goethe, imagine-se o que não será com os

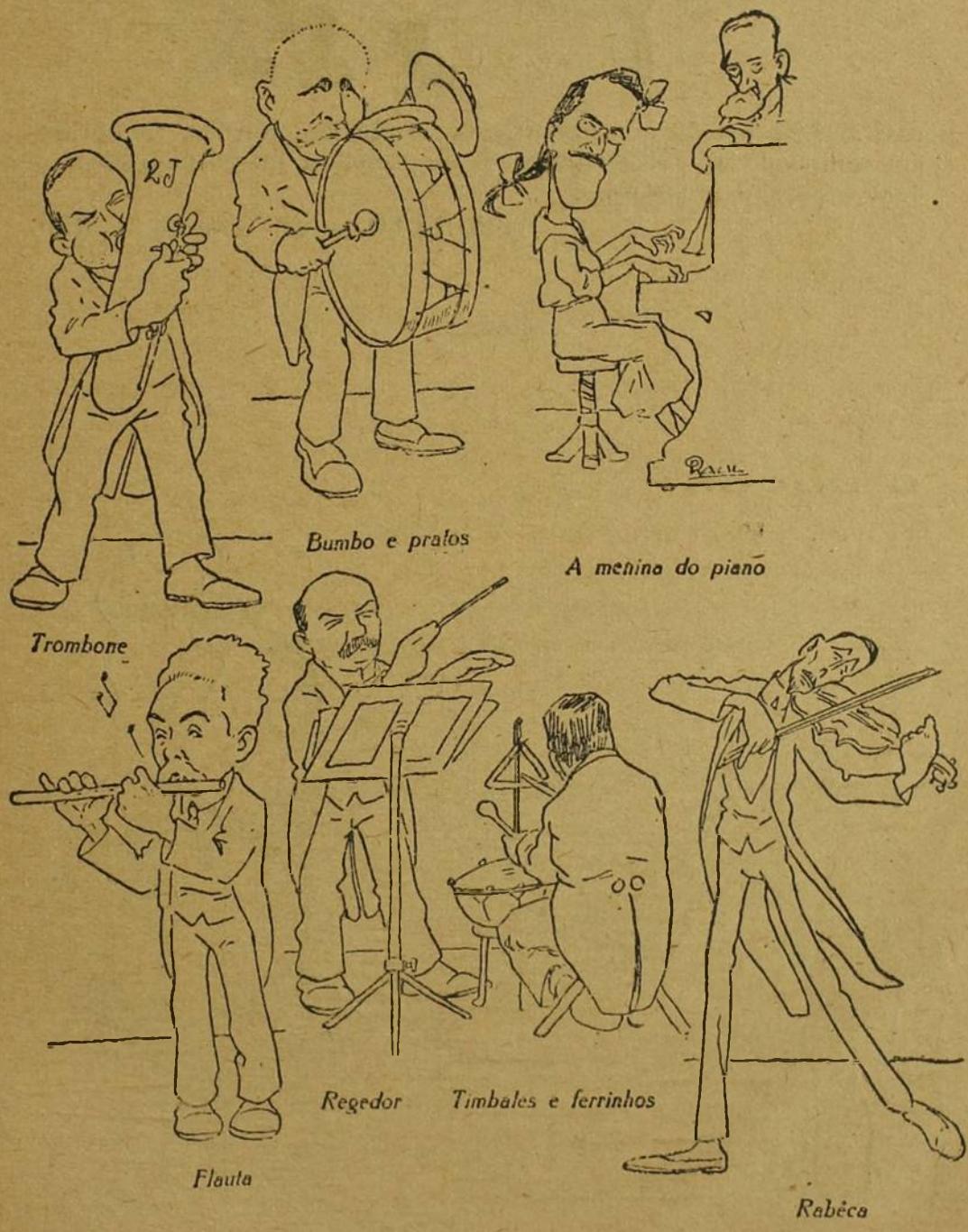
pequenos. Foi por isso que Heine, na sua prosa cheia de poesia («Shakespeare Madchen und Frauen») aconselhou não se esmiuçasse muito a vida e conducta dos poetas: «Elles apparecerão ao mundo no brilho de suas obras e nos ofuscaram tanto mais, quanto de mais longe os vemos. São como aquellas graciosas luzes que brilham pomposamente na relva e na folhagem durante as noites de verão e nos fazem pensar que são astros da terra ou esmeraldas e diamantes esquecidos no jardim; que são gotas de sol perdidas na relva, a scintilar de noite, até que pela manhã o astro rutilante de novo a recolha. Ah! Não vos approximais daquellas joias à luz do dia! No logar delas encontrareis um miserável verme a arrastar-se pelo caminho, e no qual, por compaixão, nem vossos pés quererão tocar».

Será exagerado tudo quanto ficou dito sobre o artista? Não. O que se torna indispensável, porém, é declarar que ha excepções; ha artistas de vida correctissima, de carácter puríssimo, e até exemplares chefes de família. Entre nessa excepção quem se julgar com direito.

Dr. FRANCO DA ROCHA

CARICATURAS DO MEZ

OS SETE FELIZARDOS



(RAUL — D. Quixote — Rio)

A CONFERENCIA DA PAZ



Os quatro architectos do Monumento da "Liga das Nações", lembram-se
em tempo de que se esqueceram de projectar no edificio accommoda-
ções para o monstro.

(KALIXTO — *D. Quixote* — Rio).

O SUCCO



(J. CARLOS — *Careta* — Rio)

A "FRATERNIDADE UNIVERSAL"...



— Outra aguia!...

(JULIÃO MACHADO — *D. Quixote* —
Rio)

A CHARANGA ALLEMÃ DO
PRESIDENCIALISMO



(YANTOK — *Fon-fon!* — Rio)



— Encontraste alguma joia entre as serpentinas que apanhaste?
 — Sim, encontrei, debaixo de uma escada, dois *solitarios*.

(J. CARLOS — *Careta* — Rio)

FOOT-BALL INTERNACIONAL



Lenine «driblando» o Kaiser.

(J. CARLOS — *Careta* — Rio)



SATISFEITO

O Sr. Cel. Manuel Joaquim Cardoso, adeantado lavrador, proprietario de 9 fazendas no Estado do Rio, — depois de nos comprar uma Machina "Amaral", de beneficiar café, para a sua «Fazenda do Turvo», em Volta Redonda, e que já se acha em funcionamento, dirigi-nos a seguinte carta, encommendano-nos **mais duas machinas**.

Fazenda S. Fernando, 23 de Março de 1919

Ilmos Srs. Directores da Cia. Industrial Martins Barros - S. PAULO.

Amigos e Srs.

Plenamente satisfeito com o optimo resultado obtido com a ma-china «Amaral» de beneficiar café, comprada dessa Companhia e assentada em minha Fazenda do Turvo, em Volta Redonda, resolvi de, finitivamente fazer aquisição de mais duas das referidas machinas - sendo uma para a Fazenda «S. Paulo» e outra para a Fazenda «S. Fernando», e nessa expectativa peço a v.v. ss. effectuarem o despacho das duas machinas e mais ferragens de acordo com a nota junta, para a Estação Coronel Cardoso, E. F. Central do Brasil.

(Assignado) MANUEL JOAQUIM CARDOSO

A machina «Amaral» é hoje, incontestavelmente, o apparelho triumphante no beneficio do café: — sobre ser a mais economica de todas as machinas, é a que melhores resultados apresenta quando se deseja um beneficio impeccavel sob todos os pontos de vista.

Peçam catalogo e orçamento gratis á Companhia Industrial
MARTINS BARROS - Rua Boa Vista, 46 - Caixa Postal, 6
S. PAULO

CASA EXCELSIOR

Ferragens, Tintas, Louças e Crystaes - Especialidades em

Artigos Domésticos e Artigos para Encerar

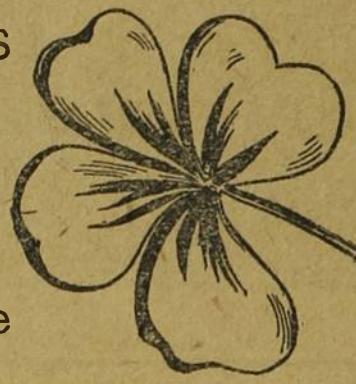
P. R. AMARAL IMPORTADOR

LARGO DO AROUCHE, 83 - Telephone N. 1978 Central SÃO PAULO

Phosphoros
Segurança

Marca

Os unicos que



Casa Nathan
S. Paulo

“TREVO”

se exportam.

LOTERIAS DE S. PAULO

Grande Loteria Commemorativa da Fraternidade Brasileira

100:000\$000 divididos em 5 premios de:

967	12 de	Segunda-	20:000\$000	3\$000	3.º Lot.
	Maio	Feira	20:000\$000		Plano 41
			20:000\$000		
			20:000\$000		
			20:000\$000		

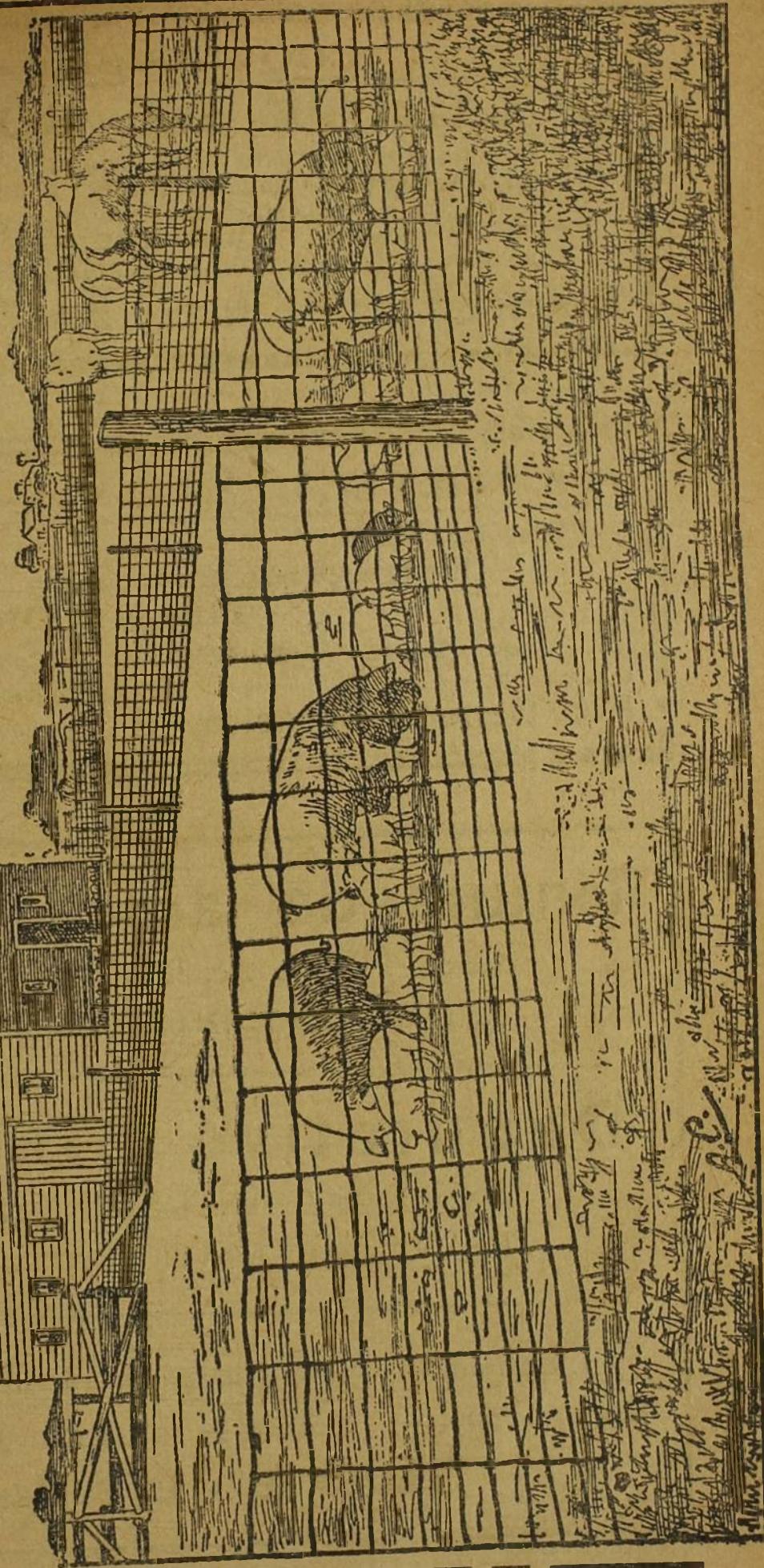
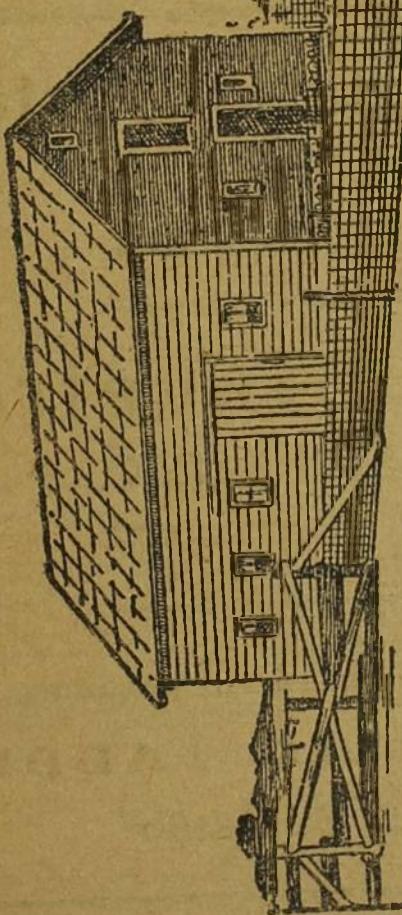
Os bilhetes estão à venda em toda a parte.

Cerca de Tecido "PACE"

Peçam informações aos fabricantes:

Sociedade Industrial de Automóveis BOM RETIRO

Rua Barão Itapetininga, 12 — SÃO PAULO



COQUELUCHE

O XAROPE DE GOMENOL

Formula do dr. Monteiro Vianna preparado da Pharmacia Sta. Cecilia de Lopes & Senna, á Rua das Palmeiras, 12, é o especifico que cura em poucos dias a

COQUELUCHE

A venda em todas as drogarias e pharmacias

Depositario: JOÃO LOPES ☺ Rua 11 de Agosto, 35 ☺ SÃO PAULO

ALMEIDA SILVA & CIA

Importadores de

Ferragens, Louças,
Tintas e Oleos

Ender.: Telegr. "AMSDIAS"

Código Ribeiro

CAIXA 890

TELEPHONE CENTRAL 1002

Rua General Carneiro, 13

S. PAULO

Tintura de aruca Cortez

Cura: TODAS AS DOENÇAS DO
ESTOMAGO E INTESTINOS ==

Depurativo Craveiro

PODEROSO ANTI-SYPHILITICO
E ANTI-RHEUMATICO ==

Encontram-se em todas as pharmacias e drogarias.

Fabricante: CORNELIO TADDEI
TAUBATE' - E. S. Paulo

INDICADOR

ADVOGADOS:

DRS. SPENCER VAMPRE', LEVEN VAMPRE' e PEDRO SOARES DE ARAUJO — Travessa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

DRS. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLS FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL. — Especialista em syphilis e vias urinarias (molestias dos rins, bexiga, prostata e urethra). Cons. Rua Libero Badaró, 118. Tel. Cent. 5125. Res.: rua Domingos de Moraes, 72. Tel. 2559.

DR. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica **especialmente das crianças** — Res.: R. Bella Cintra, 139. Consult.: R. José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA — Medico. S. Cruz do Rio Pardo — São Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Especialista das molestias das vias urinarias, com pratica em Pariz. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR, RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Corretor official — Cambio e Titulos — Escriptorio Travessa do Commercio, 7. Telephone 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor Official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal 174. End. Teleg. "Leonidas", São Paulo. Telephone 626 (Central) — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Admissão aos cursos superiores da Republica para ambos os sexos. — Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — Emilio Rocco. — Novidades em casemira ingleza. — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura, — Revistas. —

Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76

End. Tel. "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — RIO DE JANEIRO

TELEPH. NORTE, 5667



A' ILLUMINADORA



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para machina de costura e para outros fins.

Lampadas Economicas e 1/2 Watt

Candelabros e Abat-Jours de seda para Electricidade

47, R. DA BOA VISTA - S. PAULO

LEBRE FILHO & C.IA

Agentes da Companhia de Seguros ALLIANÇA DA BAHIA
Correspondentes do "BANCO ALLIANÇA" e depositarios dos afamados Charutos Poock.

LIMA BARRETO

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá

Acaba de ser posto á venda o novo romance do festejado autor do "TRISTE FIM DE POLYCARPO QUASESMA". E' um magnifico estudo da vida carioca sob alguns aspectos quasi inéditos ou pelo menos nunca tratados com a superioridade com que o faz o emerito romancista.

PREÇO 2\$000

PELO CORREIO
MAIS 300 RÉIS.

Pedidos á **Revista do Brasil** CAIXA, 2-B
SÃO PAULO

CASA **FREIRE**

Louças, Vidros e
Objectos de Arte

JOSE' DA CUNHA
— **FREIRE** —

PADARIA ESPIRITUAL

Rua de S. Bento N. 34-B
SÃO PAULO

Galeria RIO BRANCO

Joaillerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57-(en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent — Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu efecto immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. Ella não exige nenhuma dieta.



COMPOSIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydro	96.265
Sulfato de potassio anhydro	0.239
Sulfato de magnesia anhydro	3.268
Sulfato de cal	1.949
Chlorureto de Sodio anhydro	2.055
TOTAL das substâncias fixas	103.776
Em um litro de agua gazoza purgativa

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

XAROPE DE
LIMÃO BRAVO
E
BROMOFORMIO
DE QUEIROZ
CURA:
TOSSE, ASTHMA, CATHARROS
COQUELUCHE etc.

DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaró 144
SAO PAULO

Etablissements Bloch

** Société
Anonyme
au Capital de 4.500.000 francos.*

*Fazendas
e Tecidos*

*Rio de Janeiro
116, R. da Alfandega*

*S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14
Paris - 26, Cité de Trévise*

As machinas *Lidgerwood*

para **CAFÉ, MANDIOCA, ASSUCAR,
ARROZ, MILHO, FUBA**

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil.

Grande stock de Caldeiras, Motores a va-
por, Rodas de agua, Turbinas e accessorios
para a lavoura.

**Correias - Oleos - Telhas de zinco
Ferro em barra - Canos de ferro
galvanisado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer ma-
chinas, canos de ferro batido galvanisado pa-
ra encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orça-
mentos, etc, dirigir-se a

R. S. Bento 29^c

S. Paulo